



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

DANIELA KARINE DOS SANTOS ACORDI

**A CASA DO AGENTE FERROVIÁRIO DE ESTAÇÃO COCAL: MEMÓRIAS,
EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO E O ENSINO DE HISTÓRIA**

Florianópolis

2021

DANIELA KARINE DOS SANTOS ACORDI

**A CASA DO AGENTE FERROVIÁRIO DE ESTAÇÃO COCAL: MEMÓRIAS,
EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO E O ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Ensino de História da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de Mestra em Ensino
de História.

Orientador: Prof. Dr. Elison Antonio Paim

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Acordi, Daniela Karine dos Santos
A Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal :
memórias, Educação para o Patrimônio e ensino de História /
Daniela Karine dos Santos Acordi ; orientador, Elison
Antonio Paim, 2021.
140 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional
em Ensino de História, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Mestrado Profissional em Ensino de História. 2.
Educação para o Patrimônio. 3. Ensino de História. 4. Casa do
Agente Ferroviário. 5. Memória. I. Paim, Elison Antonio .
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História.
III. Título.

Daniela Karine dos Santos Acordi

A Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal: memórias, Educação para o Patrimônio e ensino de História

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra Helena Maria Marques Araújo
ProfHistória – UERJ (Examinadora)

Profa. Dra Nara Rubia de Carvalho Cunha
Universidade Federal de Uberlândia (Examinadora)

Prof. Dr. Paulo Sérgio Osório
Universidade do Extremo Sul Catarinense (Examinador)

Certificamos que esta é a **versão original e final do trabalho** de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de mestra em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Profa. Dr. Sandor Bringmann
Coordenador do ProfHistória/UFSC

Prof. Dr. Elison Antonio Paim
Orientador

Florianópolis, 2021.

Aos meus estudantes de todos os tempos e da escola Vítório Búrigo, aos narradores e narradoras de Estação Cocal, à mãe Eda, que me educou e amou e à mãe Rosa que me gerou e amou, ambas *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por tudo, principalmente pela vida, por sonhar comigo esse sonho e tantos outros. Obrigada por não desistir de mim e me carregar em Teus braços quando por várias vezes, durante a caminhada, não tinha forças para seguir. Tu és o meu tudo.

Ao melhor orientador do sul do mundo, professor Elison Antonio Paim. Como é bom ser uma das *filhas de Paim*, como diz o Pedro! Além de um professor e orientador maravilhoso é um ser humano lindo, de um brilho que contagia todos os seus orientandos. Nos vimos uma vez na vida, mas mesmo de forma remota sempre foi o melhor orientador que eu poderia ter. Obrigada por toda a paciência que sempre teve comigo, mesmo com meus medos e ansiedade. Obrigada por tanta contribuição na minha vida como pesquisadora, professora, lutadora e pessoa.

Às professoras da minha Banca de Qualificação e Defesa: professora Helena Maria Araújo e professora Nara Rúbia Cunha. Obrigada por todas as contribuições à pesquisa e todo o carinho com que analisaram meu trabalho. Vocês são professoras e pessoas maravilhosas, e sou muito grata ao professor Elison por ter escolhido vocês. Melhores escolhas, não poderiam ter. Ao Paulo Osório, meu professor da graduação e que tive a honra de contar com a sua presença na Banca de Defesa. Obrigada, Paulinho!

Aos meus professores e professoras do ProfHistória, Alexandre Busko Valim, Luciano de Azambuja, Cristiani Bereta da Silva (UDESC) e Carmem Zeli de Vargas Gil (UFRGS). Em especial à professora Mônica Martins da Silva que, em todas as atividades realizadas nas duas disciplinas que lecionou, contribuiu significativamente para a minha pesquisa e também por ser uma grande professora e uma pessoa maravilhosa. Em especial também, à professora e coordenadora Jane Bittencourt, que sempre teve muita paciência comigo e com a turma e contribuiu muito na construção do meu projeto de pesquisa, uma linda! À professora Karen Rechia, um ser humano iluminado que espalhou sua luz em todos os corações da turma do ProfHistória 2019. Sua ausência foi sentida e sua volta aplaudida! Lindas do meu coração!

À dona Rosa, a grande motivação de me tornar professora de História! A senhora, foi a melhor professora de História que eu poderia ter! Minhas irmãs te admiram, também!

Agradeço de todo o meu coração ao pai, Domingos, que depois da partida da mãe, ficamos nós dois em casa, sempre tentando aproveitar ao máximo o legado dela e seguindo adiante. Obrigada, pai, mesmo com muitas dificuldades financeiras, me criou como filha. Ao

meu pai biológico, *Doia*, que conheci quando já tinha 15 anos, mas que hoje tenho uma relação muito próxima e que contribuiu para que eu pudesse cursar a faculdade de História. Amo vocês.

Aos meus irmãos e irmãs, os melhores que alguém pode ter. Àqueles com quem fui criada e passei toda a minha infância e adolescência e sei que sempre estarão comigo: Zéia, Zanza, Tata e Béio. Amo vocês. Aos meus irmãos biológicos maternos: Daniel, Jonata, Diego e Talia que não fomos criados juntos, mas agradeço a Deus por ter nos aproximado no decorrer dos anos e sei que posso contar com vocês, sempre. Amo vocês. Aos meus irmãos biológicos paternos: Marcello e Deborah, com quem Deus tem me proporcionado o convívio nos últimos anos. Amo vocês. Aos meus cunhados e cunhadas, os melhores: Cláudio, Tati, Jaime, Kelly, Ketty, Henrique e Augusto. Ah, tem o Lucas também. Obrigado por todo o carinho que sempre tiveram por mim. Obrigada por todas as nossas conversas pedagógicas e espirituais, Tati, tu és minha professora de Matemática preferida, mesmo que não lecione mais. Aos meus sobrinhos e sobrinhas, os mais lindos do mundo: Talita, Fernanda, Tuane, Lucas, Karolaine, Lilian, Pedro, Yasmin, Guilherme e Isaac. Essa tia maluquinha ama muito vocês. Família, meu bem mais precioso.

Ao meu amor, o galego mais lindo da serra catarinense, meu companheiro, Thiago. Professor como eu, está sempre na luta pela nossa profissão, valorização, e sempre estamos dividindo nossas angústias e vitórias. Também à sua família que sempre me apoia: minha sogra, Iolete, minha enteada, Taís e minha cunhada e cunhado: Dani e André. Amo vocês.

Aos meus tios, tias, primos e primas que sempre me trataram com tanto amor e me apoiam como professora e pesquisadora. Aqueles que de alguma forma fizeram ou ainda fazem parte da minha família de coração. Vocês são muito importantes na minha vida.

Aos meus amigos e amigas que o mestrado me deu: Ângelo, Marjorie, Kátia, Matheus, Eliane, Jaque, Jonas, Jaison, Mariana, Robson, Lu, Gilmara, Marcela e Morgana. Vocês foram a melhor turma de mestrado que eu poderia ter. Sempre companheiros em tudo. Nos momentos bons e tensos que passamos naquele ano e até hoje, mesmo virtualmente nesse momento de pandemia, sempre muito parceiros.

Em especial, queria agradecer ao Ângelo, que junto com a sua esposa Bela, foi um verdadeiro *anjo* ao hospedar, todo o segundo semestre de 2019, a Kátia, a Marjorie e eu em sua casa. Obrigada por todas as conversas, paciência e carinho que tiveram comigo, Ângelo, Kátia e Marjorie. Quanta cumplicidade nas noites de segunda-feira. Em especial, à Jaque também. Amiga, eu nunca vou esquecer de todo teu carinho naquela situação adversa que aconteceu em Salvador-BA. Amo vocês.

A todos e todas que fazem parte do grupo de Orientandos/as do professor Elison: Ana, Carol, Cecília, Guilherme, Giovanna, Janaína, Josi, Odair, Patrícia, Pedro, Sil, Tati, Técia e Vavá. Em especial ao Pedro, que também foi meu colega em uma disciplina no mestrado e que compartilhamos a pesquisa sobre patrimônio, além de muitas conversas políticas e espirituais. À Técia, uma linda, que conversou comigo quando precisei de socorro, à Giovanna que está ali sempre para nos auxiliar nos recursos tecnológicos e ao Vavá, com quem aprendo muito sobre museus, sobre patrimônio e sobre um possível processo de patrimonialização da Casa do Agente Ferroviário com participação da comunidade.

Aos meus amigos e amigas da vida, e em Cristo: Bia, Paula, Jef, Leninha, Mirela, Neti, Maiara, Reginaldo, Willian, Cássio, irmã Claire e irmão Jorge. Amo vocês!

Às amigas que a sala de aula me deu, companheiras de magistério e irmãs do coração: Keruly, Lulu, Piry, Aline, Samantha, Vanessa, Giulia e Michele. Em especial às Bonitas da Quarta, que depois se tornaram Bonitas da Escola e também bonitas do meu coração: Giulia, a melhor professora de Artes e Vanessa, melhor professora de Geografia! Obrigada por todo o companheirismo e parcerias durante os quatro anos que lecionaram comigo na escola Vítório Búrigo e pelo apoio no mestrado, também! Minhas lindas, amo todas vocês e suas famílias!

Aos meus amigos e amigas da graduação para a vida e alguns, para o magistério: Marcos, Jaque, Fabi, Elis e Fernando. Em especial ao Marcos, uma das minhas inspirações na persistência de cursar o mestrado e, oxalá, chegar ao doutorado. Meu doutor preferido, você é e sempre será especial! Elis, nos tornamos grandes companheiras de magistério!

À toda equipe de direção, zeladores e professores da E.E.B. Vítório Búrigo que sempre apoiaram minha pesquisa e também meus projetos, Saídas de Estudos, como professora. A Sarita sempre passa uns dobrados para conseguir transporte para essa professora de História maluquinha! Em especial à Daiane, segunda professora que me acompanhou à Visita de Estudos ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC e “quebrou muitos galhos” para mim, principalmente em 2019. Em especial também, à Gislane, assistente de educação e assessora de direção que não mediu esforços para conseguir documentos da escola necessários na escrita deste trabalho. Obrigada por tudo, Gi!

Ao Vado Marcolino, vereador de Morro da Fumaça-SC (2017-2020) e pai da minha amada e agora ex-aluna, Julia. Obrigada, Vado, por toda sua contribuição na minha pesquisa, na pesquisa de campo em Estação Cocal e na viabilização de documentos da prefeitura.

Aos moradores e moradoras de Estação Cocal entrevistados/as por mim e que se tornaram narradores e narradoras neste trabalho: Amélia Pereira, Dorisalda Smilieski, Edia de Souza, Edson Búrigo, Jacks Sorato, Jair Padoin, José Hugo de Rochi, Silvana Herger e Otávio

Sorato. Vocês são muito especiais para mim. Guardo cada um e cada uma no meu coração. Vocês são a história viva da comunidade de Estação Cocal! Que as histórias de vidas de vocês se espalhem não somente entre os leitores deste trabalho, mas entre os estudantes da escola Vitório Búrigo e por toda a comunidade de Estação Cocal.

A todos/todas que já foram meus/ minhas estudantes e aqueles que ainda serão, vocês são a razão da minha profissão, da minha busca por mais conhecimento e aperfeiçoamento enquanto professora, pesquisadora e pessoa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de Bolsa de Estudos e a Secretária de Estado de Educação de Santa Catarina pela concessão de Afastamento para Pós-Graduação no ano de 2020.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo estudar a Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal, identificando-a como patrimônio cultural do distrito de Estação Cocal, em Morro da Fumaça-SC. O trabalho tem como base narrativas orais de moradores da comunidade que conviveram com o trem de passageiros, com os agentes ferroviários, suas famílias que moravam na Casa e com a estação ferroviária que ali havia. Dialoga com moradores que buscaram ou buscam, de alguma forma, por meio de ações comunitárias ou com auxílio da legislação municipal, preservar a memória ferroviária de Estação Cocal e a história local, mediante a revitalização desse “centro histórico” de Estação Cocal, ao promoverem o uso da Casa para exposições e festividades locais, além da ressignificação com o trabalho das Crocheteiras. A partir dessas narrativas orais se delineou um projeto/roteiro de Educação para o Patrimônio que poderá ser desenvolvido com turmas da Escola de Educação Básica Vitório Búrigo. Percebi que, mesmo com a proximidade física entre essa escola e a Casa, havia um desconhecimento da história local e, portanto, problematizei a invisibilidade da Casa do Agente Ferroviário como patrimônio da comunidade. Qual a importância desse patrimônio para a formação e desenvolvimento de Estação Cocal? Quais as relações construídas entre a escola Vitório Búrigo, a Casa do Agente Ferroviário e a dinâmica da ferrovia? Qual o significado para os estudantes da Casa do Agente Ferroviário, da ferrovia e de o trem passar todos os dias, tão próximo à escola? Por que houve um apagamento da história da ferrovia? O que se pretendeu preservar com a manutenção da Casa do Agente? A pesquisa se embasou na experiência de um projeto-piloto desenvolvido pela pesquisadora/professora no ano 2019 com duas turmas de nono ano e um terceiro ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Vitório Búrigo, junto de fontes bibliográficas e documentais, incluindo as narrativas orais apresentadas no formato de mônadas, a partir do diálogo com Walter Benjamin. Teoricamente me pautei em autores de inspiração decolonial a fim de incitar um olhar crítico em relação ao estudo do patrimônio.

Palavras-chave: Casa do Agente Ferroviário. Ensino de História. Educação para o Patrimônio. Memórias. Mônadas. Decolonialidade.

ABSTRACT

This dissertation's goal is to study the Railway Agent's House of Estação Cocal, identifying it as cultural heritage of the district of Estação Cocal, in Morro da Fumaça-SC. The work is based on oral narratives of community residents who interacted with the passenger train, with the old station, with the railway agents and their families that lived in the Railway Agent's House. It also dialogues with residents who have sought or are seeking, in some way, through community actions or with the help of municipal legislation, to preserve the memory of Estação Cocal and local history, through the revitalization of this "historic center" of the district, by promoting the use of the Agent's House for local functions and festivities, in addition to the re-signification like the work of crocheters. Based on these oral narratives, a Heritage Education project/script was delineated, which can be developed with classes from the Vitório Búrigo Basic Education School. I realized that, even with the physical proximity between this school and the Agent's House, there was a lack of knowledge of the local history and, therefore, I questioned the invisibility of the Railway Agent's House as a community heritage. What is the importance of this heritage for the formation and development of the Cocal Station? What are the relationships built between the Vitório Búrigo school and the Railway Agent's House and the dynamics of the railway? What does it mean for students at the Railway Agent's House, the railroad and the train passing by every day, so close to the school? Why was there an erasure of the railroad's history? What was intended to preserve with the Railway Agent's House maintenance? The research was based on the experience of a pilot project developed by the researcher and teacher in the year of 2019, with two ninth grade and a third year high school classes at the Vitório Búrigo Basic Education School, together with bibliographical and documentary sources, including oral narratives in the form of monads, inspired by Walter Benjamin. Theoretically, this work was based on authors of the decolonial perspective in order to encourage a critical look about the study of heritage.

Keywords: Railway Agent's House. History Teaching. Heritage Education. Memories. Monads. Decoloniality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dona Amélia.....	15
Figura 2 – Dona Dorisalda.....	15
Figura 3 – Dona Edia.....	16
Figura 4 – Seu Edson.....	16
Figura 5 – Jacks.....	17
Figura 6 – Seu Jair.....	17
Figura 7 – Seu José Hugo.....	18
Figura 8 – Silvana.....	18
Figura 9 – Seu Otávio.....	19
Figura 10 – Mapa da localização de Morro da Fumaça.....	29
Figura 11 – A Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal.....	30
Figura 12 – Mapa de Estação Cocal com a inserção da localização da Casa do Agente Ferroviário.....	31
Figura 13 – Capa do livro: Estação Cocal: 100 anos de História.....	43
Figura 14 – Página do livro Estação Cocal: 100 anos de História com nomes de agentes ferroviários e a função do Cargo.....	44
Figura 15 – Página do livro Estação Cocal: 100 anos de História com a única foto da Casa do Agente Ferroviário presente neste livro.....	45
Figura 16 – Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário com as datas e os bens valorados no sul de Santa Catarina: Içara, Laguna, Maracajá, Morro da Fumaça e Urussanga.....	49
Figura 17 – Placa com o número de identificação do patrimônio da Casa do Agente Ferroviário.....	50
Figura 18 – Vista do trem de carga passando pela praça de Estação Cocal.....	77
Figura 19 – Praça de Estação Cocal enfeitada com as mandalas das Crocheteiras.....	85
Figura 20 – Praça de Estação Cocal decorada para o Natal pelas Crocheteiras.....	86
Figura 21 – 5ª Etapa da Gincana VB 2019: Foto da mascote <i>Maria Fumaça</i> com parte da Turma 3001 e a professora regente Daniela.....	97
Figura 22 – Quinta Etapa da Gincana VB 2019: Cartaz com a pintura da Casa do Agente Ferroviário.....	98
Figura 23 – Réplica da Estação Ferroviária Diomício de Freitas, sede administrativa do Museu Ferroviário de Tubarão-SC.....	104

Figura 24 – Estudantes e professoras em frente a uma das locomotivas do Museu Ferroviário de Tubarão-SC usada para o Passeio de Trem.....	105
Figura 25 – Lanternas sinalizadoras para a manobra do trem.....	106
Figura 26 – Processo de restauração de fotografia do início do século XX em uma das salas do Museu Ferroviário de Tubarão- SC.....	107
Figura 27 – Estudantes e professoras em frente ao trem antes da partida, na estação ferroviária de Urussanga-SC.....	110
Figura 28 – Vista da janela do Trem de Passeio da praça central de Estação Cocal.....	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA Reunião da Associação Brasileira de Antropologia
ACT Admitido em Caráter Temporário
AMV Aparelho de Mudança de Via
ANPUH Associação Nacional de História
ANTT Agência Nacional de Transportes Terrestres
BNDES Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAPCF Comissão de Avaliação do Patrimônio Cultural Ferroviário
CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEASM Centro de Ações Solidárias da Maré
CEDUC Coordenação de Educação Patrimonial
DNIT Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes
ENPEH Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História
FAPESC Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina
FTC Ferrovia Tereza Cristina SA
GEDUC Gerência de Educação Patrimonial e Projetos
GEMMUS Grupos de Pesquisa Estudos em Memória, Museus e Patrimônio
GRD Grupo de Reflexão Docente
INRC Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LHISTE Laboratório de Ensino de História e Educação
MHSC Museu Histórico de Santa Catarina
OMS Organização Mundial da Saúde
PAMEDUC Grupo de Pesquisas Patrimônio Memória e Educação
PND Programa Nacional de Desestatização
PNPI Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
PRESERFE Setor de Patrimônio Histórico Ferroviário da RFFSA
PRESERVE Programa de Preservação do Patrimônio Histórico dos Transportes
PRONAC Programa Nacional de Apoio à Cultura
RFFSA Rede Ferroviária Federal SA
SALV Sociedade dos Amigos das Locomotivas à Vapor
SED Secretaria de Educação de Santa Catarina
SESI Serviço Social da Indústria

UBA Universidade de Buenos Aires

UDESC Universidade do Estado de Santa Catarina

UFCA Universidade Federal do Cariri

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

UFT Universidade Federal do Tocantins

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

UNISUL Universidade do Sul Catarinense

OS NARRADORES E NARRADORAS DE ESTAÇÃO COCAL

Figura 1 – Dona Amélia.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, outubro de 2019.

Tenho 95 anos, meu esposo, Antonio Saturnino Pereira, já falecido há mais de 20 anos, foi feitor da Estrada de Ferro aqui em Estação Cocal. É assim, a gente morava lá do sítio, a gente era de pouco sair lá em Pedras Grandes-SC [onde ela nasceu e passou a infância e adolescência]. Nós lá, uma vez era só o trem que a gente tinha, já me criei com o trem ali, viajando. Uma vez eu fui ao jogo de trem, a gente ia até Tubarão de trem, porque não tinha outra coisa.

Figura 2 – Dona Dorisalda.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, outubro de 2019.

Nasci aqui na Estação Cocal em 1940, sempre morei aqui. Tenho 78 anos. Trabalhava na roça, no dia a dia. Nos domingos, a gente ia para a igreja primeiro, com as minhas amigas. Nós nos encontrávamos lá perto da estação. Nos domingos, quando eu era solteira, não tinha loja de roupa aqui, então eu com a minha mãe e minha avó, pegávamos o trem e ia fazer compra em Morro Grande [comunidade de Sangão-SC, cidade limítrofe de Morro de Fumaça, ao norte]. E quando a gente fez a Primeira Comunhão, a gente ia para Morro da Fumaça, eu e todos os meus irmãos.

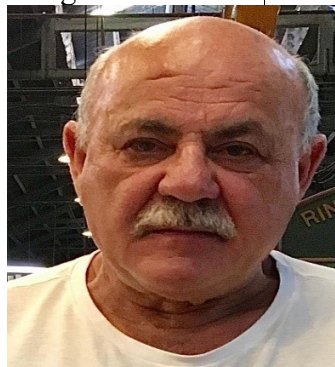
Figura 3 – Dona Edia.



Fonte: Acervo pessoal de Silvana Harger, agosto de 2021.

Eu nasci no Rio Comprudente [comunidade limítrofe de Estação Cocal], eu completei 20 anos dia 11 de setembro e depois, dia 14 de setembro eu casei. Eu tive dois filhos. Em janeiro de 1970 eu fiquei viúva, meu marido morreu na mina fluorita com a idade de 24 anos. Eu vim morar na Estação Cocal no dia 27 de novembro de 1971. Eu criei os meus filhos aqui, trabalhando, trabalhava na prefeitura de merendeira nas escolas. Me aposentei com 60 anos, mas na minha vida eu passei muito trabalho, tanto quando eu era solteira, porque eu trabalhava na roça. Nós éramos em oito irmãos, meu pai só tinha a mão esquerda, a mão direita ele não tinha. Então, eu era sempre a primeira para trabalhar na roça, o meu pai sempre confiava no que eu fazia.

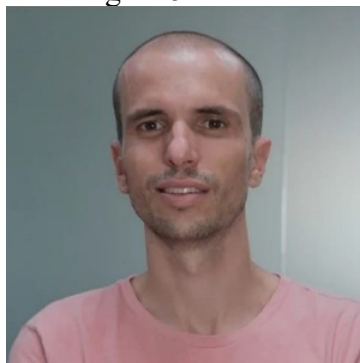
Figura 4 – Seu Edson.



Fonte: Acervo pessoal de Silvana Harger, agosto de 2021.

Eu sou natural daqui da Estação Cocal. Eu nasci em 1952, estou com 68 anos. Eu saí para estudar, mas o vínculo continuou. Como eu disse antes, toda a minha infância foi aqui: minha primeira escola, minha primeira professora, dona Nair Maragno. Havia aqueles colegas, a gente conhecia todo mundo, uma comunidade pequena. Com nove anos, todos da minha família saíram para estudar. Eu, como não foi diferente, fui para Criciúma, dali para um colégio Irmão Marista. Sempre convivi, quando os meus pais moravam aqui, fomos estudar, fomos para a faculdade e acabei retornando para cá porque foi um lugar de grandes lembranças da infância e juventude.

Figura 5 – Jacks.



Fonte: Acervo pessoal de Jacks Soratto, agosto de 2021.

Eu sou filho de Guilhermina Stairk Soratto [falecida em 1993] e Braz Soratto, que é um dos filhos de Ilário, que tem uma certa descendência com a colonização aqui, no Distrito de Estação Cocal. Depois a gente teve um período morando no Paraná, dois anos, pela questão da mineração onde meu pai trabalhava. Depois em 1993 retornamos para cá novamente. Meu pai tem essa história com a mineração, com a fluorita. E a partir de 1993, a gente retornou com mais alicerce, casa. Nós morávamos em Pedras Grandes [município catarinense próximo de Estação Cocal], depois no Paraná, depois viemos para cá. Eu nasci em Criciúma, mas eu residi em Pedras Grandes, fiquei lá até seis anos. Depois com seis anos fomos para o Paraná, ficamos dois anos, com sete anos a gente se fixou aqui em Estação Cocal. Retornamos para Santa Catarina, mas especificamente aqui, em Estação Cocal, na Rua João de Rochi, a casa é a que resido ainda hoje. Então eu fiz toda a minha infância a partir dos sete, oito anos aqui no distrito, desde 1992, 1993. Aqui, eu trabalhei com meu pai em um material de construção, primeiramente. Fiz todo o meu ensino básico aqui na Vitória Búrigo, depois estudei um pouco em Morro da Fumaça, Urussanga, Criciúma, enfim, passei toda a minha adolescência, minha infância, e agora estou aqui, já casado com dois filhos.

Figura 6 – Seu Jair.



Fonte: Acervo pessoal de Jaira Padoin, agosto de 2021.

Eu moro aqui desde os meus 12 anos, acho... eu era novinho. Hoje tenho 78 anos. Meu pai morava no Sangão e do Sangão veio morar na Vila Visconde, aqui em Morro da Fumaça. Eu, quando tinha o trem-horário aqui, eu embarcava aqui e ia até Morro Grande [comunidade de Sangão- SC, cidade limítrofe de Morro de Fumaça, ao norte], o meu pai me botava no trem ali, e eu ia até lá e os meus avós na porta da casinha esperando eu. Tinha uma estação lá.

Figura 7 – Seu José Hugo.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, outubro de 2019.

Meu nome é José Hugo de Rochi, popular Tacuia. Quem colocou esse apelido em mim foi uma professora, devido ao cabelo grande que eu tinha. Eu nasci, me criei e ainda vivo até hoje em Estação Cocal, com 58 anos. Eu morava do lado da igreja e a estação fica de frente para minha casa. Os trilhos passam até hoje na frente da minha casa. Do lado da igreja, tinha a escola velha que depois foi para mais próximo da igreja. Eu passei a morar na rua para a banda de baixo e moro aqui até hoje, na rua Eduardo Bergman.

Figura 8 – Silvana.



Fonte: Acervo pessoal de Silvana Harger, agosto de 2021.

Eu vim parar em Estação Cocal porque eu conheci um homem, que eu me apaixonei gradativamente, me apaixonei por tudo, por ele, pela vida que ele levava, pela vontade histórica dele de viver onde ele vive hoje. Resido aqui [em Estação Cocal] há cinco anos. Eu sou de Criciúma, morei em Florianópolis, fui estudar na UFSC, não completei Ciências Sociais que estava fazendo lá. Me casei, tive uma filha lá, me separei, vim morar em Criciúma e fiquei 20 anos sem um companheiro e conheci um companheiro, que é o Edson Búrigo, a pessoa que mora em Estação Cocal. Resido aqui há cinco anos, já há 16 anos que temos um relacionamento, e nesses 16 anos, a gente frequentava finais de semana e nas quartas-feiras. Chegou um determinado momento que a gente entendeu que deveria vir morar definitivamente aqui, porque o Edson queria morar em Estação Cocal e a gente já tinha criado um vínculo aqui, cachorros e enfim, eu também já tinha gostado daqui e conheci pessoas. Era uma coisa bem diferente da minha cultura. Eu sou fruto de um casamento entre alemães e italianos, e a minha mãe nunca nos trouxe muito essa cultura italiana. Eu fui mais criada na cultura alemã, e eu acabei gostando também da cultura italiana, comecei a gostar, entender e compreender pela vivência com o Edson e com as irmãs dele.

Figura 9 – Seu Otávio.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, outubro de 2019.

O tempo vai, o tempo vem, nós vamos e não voltamos mais. Eu já estou vivendo os 102 anos, dois, três meses. Minha saúde é de ferro, mas não valho mais nada... uma hora dessas estava lá no mato, se tivesse o pulso firme. Passo o dia inteiro ouvindo rádio, pelo menos eu fico por dentro do que se passa no mundo. Nasci em 1919, ali onde passava a estrada velha porque aqui passou em 1962. Eu me lembro quando eles estavam botando os trilhos da estrada de ferro. Eu nasci aqui em 1919, mas depois casei e fui lá para a represa [Nova Veneza], fui em 1939 e em 1945 voltei para cá.

MEMORIAL

Estar inserida nesse mestrado era um sonho desde a graduação. Com certeza era um dos objetivos a serem alcançados, de tantos que projetei e alcancei. Gostaria de compartilhar aqui um pouco da minha trajetória de vida. Nascida na cidade de Criciúma-SC, vivi até meus 17 anos na cidade vizinha de Turvo-SC. Terminei o Ensino Médio em 1999 quando fui, juntamente com minha família, morar em Criciúma-SC. De família pobre, estudei em escolas públicas da rede estadual. O gosto pelos estudos veio desde cedo, apesar das dificuldades financeiras e de ter que ajudar muito nos afazeres da casa, sempre tirava notas boas e passava de ano sem passar pelos “provões”.

Desde a antiga 5ª série, quando comecei a ter aulas da disciplina de História, me apaixonei por ela. Acredito que a minha professora, a dona Rosa Casteller, teve muita participação nesse sentimento. Foi minha professora de História na 5ª, 6ª e 8ª série. Eu “viajava” nas explicações. Muito “falante”, extrovertida e participativa, sempre buscava participar das interações e dinâmicas das aulas. Ela explicava muito bem sobre a política no Brasil, desde então, passei a gostar muito de política. Lembro-me que ela estudou em Ijuí-RS e que sua monografia de graduação foi sobre o Integralismo em uma comunidade de Turvo.

A partir da minha adolescência, quando alguém me perguntava sobre a profissão que queria seguir, eu respondia: “professora de História!”. No Ensino Médio me decepcionei um pouco com as aulas de História. Muitos textos e resumos, poucas explicações. Mas já estava decidida a cursar uma faculdade de História.

Em 1999, quando me formei, ganhei um curso pré-vestibular, pois havia passado em um simulado de uma instituição particular para estudantes da escola pública. Cursei no segundo semestre do mesmo ano. Mas infelizmente não pude fazer o vestibular naquele ano, meus pais não tinham dinheiro para pagar a inscrição. Tive que esperar cinco anos. Em dezembro de 2004, trabalhando como empregada doméstica, consegui prestar o vestibular para uma universidade particular da cidade. Passei!

Iniciei Licenciatura e Bacharelado em História na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) em Criciúma no ano de 2005, concluindo o curso em 2008. Ganhei Bolsa de Estudos Estadual durante todo o curso. Sem esse recurso do governo teria muita dificuldade de iniciar a graduação, pois parte do meu salário era para ajudar nas despesas de casa.

Passei nessa universidade alguns dos melhores anos da minha vida. Participei de todos os seminários e viagens do curso. A viagem de formatura, para o Rio de Janeiro e Minas Gerais,

contribuiu para eu me apaixonar cada vez mais pela História do Brasil.

Quando comecei a estagiar, tinha uma preocupação enorme quanto à prática, às aulas e à didática. E se os estudantes me fizessem uma pergunta que não soubesse responder? Mas deu tudo certo. Não lecionei fora dos estágios antes de estar formada, justamente por desejar estar melhor preparada. Depois de alguns anos lecionando, percebi que era a experiência que ia me tornando professora de História. Como professora de História, sabia que os estudos nunca cessam, mas as mudanças têm acontecido num ritmo tão intenso que vejo como tem aumentado a importância do ensino de História.

Comecei a lecionar no ano de 2010, em uma escola a 50 km da minha casa. Trabalhei somente em escolas da rede estadual de Santa Catarina. Em 2009, teve a realização de provas para ACT (Admitido em Caráter Temporário) de Santa Catarina e o primeiro ano que me inscrevi e me classifiquei em uma boa colocação. O processo nos últimos anos era por tempo de serviço e horas de curso, portanto, era difícil para professores recém-formados ficarem bem classificados. Consegui lecionar todos os anos seguintes no decorrer de todo o ano letivo. A escola mais perto era 15 km de casa, ou seja, geralmente escolas distantes da minha casa.

Somente em 2012 e 2013 consegui lecionar em uma mesma escola (Ensino Fundamental), portanto, acabei conhecendo um leque de professores e estudantes. Já lecionei Ensino Religioso, Sociologia e Filosofia, mas sempre com a carga horária maior na disciplina de História. Experiências das mais diversificadas.

De acordo com a realidade de cada escola, dos estudantes e das turmas buscava metodologias e ferramentas para alcançar êxito na minha profissão: ensinar História. Sempre fui muito próxima dos estudantes, portanto, a interação é constante. Mas com base na avaliação que peço para eles fazerem das minhas aulas, que fui me tornando mais confiante da profissão que escolhi: professora de História. Fico feliz a cada elogio, a cada “tu és a melhor professora de História que já tive”, mas reflito muito nas críticas que também recebo, pois são fundamentais para que eu busque melhorar e aperfeiçoar a prática docente.

Em 2011, fiz uma especialização em Educação Inclusiva. Depois fiz alguns cursos e participei sempre de seminários na área da Educação e da História propriamente dita. De 2005 a 2009 participei do “Maio Negro”, evento anual promovido pelo curso de História que procura trazer para o debate as relações etnicorraciais. De 2014 a 2018, venho participando anualmente dos cursos de Formação Continuada para Docentes, oferecido pela Secretaria de Educação de Santa Catarina-SED.

Em 2012 prestei meu primeiro concurso e assim, me efetivei como professora de História do estado de Santa Catarina em 2014. Fiz o concurso para a regional de São Joaquim,

no planalto serrano, lecionei 2014 e 2015 naquela regional em uma escola na cidade de Urubici. Foi lá que minha participação na luta sindical se deu de maneira mais efetiva, pois era nesta escola onde a coordenação lecionava e onde também a luta, mesmo de uma porcentagem pequena, realmente acontecia.

Nesta experiência de 2014 e 2015, estar longe de casa, com cultura diferente, novo núcleo de convívio, me trouxe muito aprendizado como ser humano e como professora de História. Nos primeiros meses houve resistências, algumas reclamações de algumas turmas quanto a minha metodologia, principalmente, em relação às questões discursivas nas avaliações e nos roteiros para análises de filmes, porque em relação aos filmes estavam acostumados a produzir resumos, apenas. Era diferente, era novo, eu era de outra região e assim dúvidas, receios, desconfianças fizeram parte dos primeiros meses. A minha espontaneidade, a relação próxima com os estudantes me ajudou muito a vencer esse desafio. Muitas amizades construídas com discentes e professores.

No final de 2015, quando retornei com processo de remoção para Criciúma, escutei muitas frases como: “vai deixar muita saudade”, “melhor professora”, “retorne, venha sempre nos visitar”. Sempre retorno. Mantenho muitos contatos e amizades.

Desde 2016, estou na Escola de Educação Básica Vitério Búrgio onde vim de remoção. A escola está localizada no município de Morro da Fumaça, fazendo limite com Criciúma, cidade em que está localizada a Gerência de Educação de Santa Catarina dessa regional da qual fazem parte outros municípios vizinhos. A distância da minha casa até a escola são 22 km, por isso só retorno para a casa depois de cumprir minha carga horária do dia. Escola pequena em uma cidade próxima. Relações boas, resultados positivos, mas também negativos no processo ensino e aprendizagem.

Procuro dinamizar as aulas: seminários, análises de filmes e documentários, produção de maquetes com temas da Antiguidade e produção de vídeos sobre os governos e presidentes do Brasil, além de saídas de campo quando trabalho temas como os povos indígenas do Brasil, primeiros habitantes do litoral catarinense e o islamismo. As saídas acontecem para reserva indígena mais próxima, localizada em Imaruí-SC, uma reserva Guarani de nome Tekoá Marangatu, sambaquis localizados em Jaguaruna-SC e a mesquita situada em Criciúma. Todas as cidades são próximas do distrito de Estação Cocal, exceto Imaruí, que fica há mais de 100 km de distância e é necessário um dia todo para a saída de campo. Os resultados têm sido positivos, quanto às metodologias adotadas, os estudantes gostam e a direção sempre apoia as novas ideias. Isso me deixa otimista, pois vivemos em tempos em que professores, principalmente das Ciências Humanas, têm sido alvo de críticas maldosas e por consequência

são desvalorizados.

O ano de 2018 foi um ano difícil. A perda da minha mãe de criação (minha tia) tornou minha caminhada mais cansativa. Eu perdi a pessoa mais importante da minha vida. Um ano eleitoral tumultuado e sombrio, mas no final do ano após realizar pela terceira vez a prova do ProfHistória para o núcleo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ingressei no programa. A chance de cursar o tão sonhado mestrado havia chegado. As forças se renovaram!

A possibilidade de cursar esse mestrado em Ensino de História é para nós, professores, a possibilidade de aprofundar a relação pesquisador-professor, um leque de conhecimentos que se abre para aperfeiçoarmos nossa prática docente, metodologia e ferramentas. Ingressar no ProfHistória me motivou a desconsiderar a distância, a carga horária e vivenciar este desafio.

Durante o ano de 2019, cursei cinco disciplinas: três obrigatórias e uma optativa do programa, no núcleo da UFSC em que estive matriculada, e a disciplina cursada no ProfHistória da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sendo as duas universidades localizadas em Florianópolis, na capital. As aulas iniciaram-se no mês de março e assim uma nova rotina semanal na minha vida, que incluía as viagens de Criciúma para Florianópolis nas segundas-feiras e o retorno às terças à noite. De quarta à sexta continuei com as aulas no período diurno e noturno na escola onde trabalho. Eram quase 500 quilômetros de ida e volta e muitas vezes 3 a 4 horas de viagem só para o retorno à Criciúma, todas as semanas, pois as filas eram quilométricas para sair da capital no final do dia. Foi um ano cansativo, com doença e perda na família. Em dezembro de 2019 perdi minha mãe biológica, Rosa, depois de meses de luta internada em vários hospitais. A família e eu, novamente passando por dias dolorosos. Mas também foi um ano produtivo, intenso e de conquistas, afinal, eu estava muito realizada com o mestrado. As novas amizades feitas dentro da turma também foram maravilhosas, pois o apoio e a parceria foram essenciais para essa rotina intensa que vivia naquele momento e nos momentos difíceis.

Todas as disciplinas cursadas no mestrado contribuíram para ampliar minha bagagem como professora de História, para a escolha do tema e para a elaboração do projeto da dissertação. Mas algumas em especial, como História do Ensino de História (UFSC), ministrada pela professora Mônica Martins da Silva, e Metodologia no Ensino de História (UDESC), ministrada pela professora Cristiani Bereta da Silva, contribuíram muito para a minha prática docente. Mudaram minhas aulas de História: com novas ideias e também com aquilo que deveria ser evitado no ensino de História. Os estudantes perceberam e eu pude ver que eles ficaram mais empolgados com essas mudanças que foram acontecendo gradativamente nas minhas aulas.

Um trabalho, em particular, da disciplina de História do Ensino de História também foi essencial para a revisão bibliográfica necessária para o projeto da dissertação. Após delinear, em linhas gerais, a emergência e a consolidação do ensino de História como campo de pesquisa no Brasil, o desafio seria refletir sobre os contornos atuais desse campo. O trabalho foi dividido em duas partes: a primeira parte (em trio) no primeiro semestre e a segunda parte, individual, no segundo semestre. Denominado “estado da arte”, o objetivo desse trabalho era delinear um panorama de cada uma das linhas de pesquisa no campo do ensino de História, apontando a sua recorrência em eventos e publicações, analisando temas de pesquisa, referências teóricas, metodologias e fontes adotadas nesses trabalhos, além de autores(as). O recorte temporal desta pesquisa abrangeria os anos de 1995 a 2018.

Eu já vinha “namorando” um objeto e então me decidi por ele: a Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal, patrimônio cultural local inserido (digo “inserido na comunidade” e não “da comunidade”, porque no decorrer da dissertação perceberão que a Casa não era e ainda não é por muitos, reconhecida como patrimônio cultural da comunidade) não só dentro da comunidade onde leciono, mas também no entorno da escola. A partir da leitura do texto *Novas conversas e antigas controvérsias: um olhar sobre a historiografia do ensino de História* (2008) da historiadora Flávia Caimi, no qual ela apresenta linhas de força na pesquisa sobre a História ensinada, delineadas a partir de uma pesquisa que realizou em publicações na área em vários eventos. Como eu iria trabalhar com patrimônio, a minha linha de pesquisa e de mais três colegas (éramos o único quarteto) foi: Memória, identidades e educação patrimonial. As pesquisas foram intensas nos meses que se seguiram e assim fui conhecendo o campo e a linha de pesquisa.

Nas disciplinas de Educação Patrimonial e Seminário de Pesquisa, no segundo semestre, meu tema foi definido e o projeto foi se desenhando até que tomou corpo no final do semestre. Em Seminário de Pesquisa, eu precisava definir um tema, pensar na dimensão propositiva, pois dessa disciplina sairia a versão final do projeto. Fazendo e refazendo muitas vezes, depois de muitas leituras sobre projeto de pesquisa, no final do semestre, o projeto estava pronto. Em Educação Patrimonial, os referenciais teóricos foram aparecendo e as saídas de campo foram me deixando cada vez mais entusiasmada com o patrimônio cultural e me dando certeza da escolha do meu tema: um projeto de Educação para o Patrimônio com a Casa do Agente Ferroviário a ser trabalhado com estudantes de uma turma específica (8º ou 9º ano). Decidimos também que uma das etapas desse projeto seria entrevistar moradores e moradoras antigos de Estação Cocal e trazer então as memórias desses sujeitos a fim de trabalhar o ensino de História e a história local, sendo de grande potencialização nesse projeto educativo.

Entre tantas contribuições que o ProfHistória me trouxe em 2019, participar do I Encontro Nacional do ProfHistória que aconteceu na primeira semana de outubro na cidade de Salvador-BA foi uma experiência maravilhosa. Eu e mais seis colegas participamos na categoria Apresentação de Trabalho no GRD (Grupo de Reflexão Docente) e assim como muitos mestrandos do ProfHistória de todo o Brasil, pude apresentar a minha proposta de dissertação. Infelizmente, apesar de estar dentro do prazo, o artigo que enviei para ser publicado nos anais, assim como vários artigos de outros participantes, por problemas técnicos no site do evento não foi publicado.

Iniciei o ano de 2020, cheia de expectativa, pois enfim, colocaria em prática o meu projeto de pesquisa. Entretanto, um novo agente do Coronavírus¹ em março de 2020, depois de ter se espalhado por outros países, chegou ao Brasil e logo a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estarmos vivendo uma pandemia causada pelo Novo Coronavírus. No dia 19 de março, as aulas da rede estadual e municipal de Santa Catarina foram suspensas. Justamente na semana seguinte após ter conversado com estudantes do 8º ano matutino (a turma 801), com os quais iniciaria o projeto. O que fazer? Em março começaram as aulas remotas e sem previsão para o retorno das aulas presenciais, comecei a modificar algumas etapas do projeto. Pelo cronograma, as entrevistas com os moradores seriam iniciadas no mês de abril e com a participação dos estudantes da turma trabalhada (turma de 8º ano-801). Mas as aulas remotas seguiram por todo o ano letivo. As etapas do projeto com saídas de campo também ficaram impossíveis durante todo o ano de 2020.

No mês de setembro de 2020 passei pela banca de qualificação com o primeiro capítulo pronto. Com as incertezas de retorno às aulas presenciais e, que realmente não ocorreram, a banca sugeriu que fizéssemos as entrevistas e que um projeto de Educação para o Patrimônio fosse construído como o produto final da dissertação, assim poderia ser desenvolvido no ano seguinte e também com outras turmas e em outros momentos, pelo fato de ser um projeto possível de desenvolver com qualquer série da educação básica, desde que com as turmas do diurno porque duas das etapas do projeto só poderiam ser realizadas durante o dia.

Depois de meses de incertezas, em outubro e novembro de 2020, consegui fazer as entrevistas com os moradores. Tinha três nomes de moradores para entrevistar e, inclusive, dois deles foram indicações das turmas de 9º ano de 2019 quando iniciamos um projeto-piloto. Nas entrevistas com esses três moradores, eles foram citando o nome de outras pessoas e então no total entrevistei nove pessoas.

¹ Trata-se uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O Covid-19 foi descoberto na China no final de 2019, ocasionando um estado de pandemia que se estendeu nos anos de 2020 e 2021.

Em 2020, participei de dois eventos *online*. No mês de novembro, participei do XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, com o artigo aceito e publicado nos Anais do evento, com o título: A Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal: patrimônio local, Educação para o Patrimônio e ensino de História. No mês de dezembro, do IX Encontro da Associação Nacional de História (ANPUH) de Brasília-DF com artigo aceito e publicado nos Anais do evento, com o título: A Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal: memórias, Educação para o Patrimônio e ensino de História. Em ambos tivemos a oportunidade de mostrar parte desta dissertação, de como é possível trabalhar a história local no ensino de História.

De dezembro de 2020 a maio de 2021 cursei uma disciplina do Doutorado em Educação da UFSC, Educação e Interculturalidade: diálogos com memórias, experiências e narrativas, ministrada pelo professor Elison Antonio Paim. Esta contribuiu de modo significativo para a escrita da dissertação, principalmente na intersecção entre “memória, experiência e narrativa” dentro da decolonialidade, mudando de forma substancial o segundo capítulo, no qual trouxe as narrativas dos moradores e moradoras de Estação Cocal.

No mês de fevereiro de 2021, eu e o professor Elison, produzimos um capítulo para o livro do ProfHistória/UFSC. Com o título Patrimônio Cultural e Ensino de História: história local, memórias e Educação para o Patrimônio, esse trabalho foi mais uma mais uma oportunidade de mostrar esse trabalho que ainda estava em desenvolvimento. Foi o nosso primeiro trabalho juntos, espero que tenhamos mais!

Com muitos percalços no caminho, crises de ansiedade, problemas de saúde, momentos de tristeza por ter perdido amigos para a Covid-19 e por ver tantos brasileiros perdendo suas vidas para essa doença, mas com muita vontade de vencer e amor por esse trabalho, pelo ensino e pelos estudantes, no mês de junho consegui concluir essa etapa final do mestrado. Mais um sonho realizado. Quando olho para trás, penso na minha capacidade de resiliência, e percebo que consigo me levantar pela grande vontade que tenho de vencer, de alcançar, de realizar. A esperança, ah a esperança!

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	29
2	CAPÍTULO 1: A CASA DO AGENTE FERROVIÁRIO DE ESTAÇÃO COCAL: UM PATRIMÔNIO CULTURAL ESQUECIDO	42
2.1	O QUE NOS CONTA O LIVRO: ESTAÇÃO COCAL: 100 ANOS DE HISTÓRIA SOBRE A CASA DO AGENTE FERROVIÁRIO, OS AGENTES FERROVIÁRIOS E SUAS FAMÍLIAS?.....	42
1.2	A CRIAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL FERROVIÁRIO DENTRO DO IPHAN A PARTIR DA LEI 11. 483 DE 2007.....	46
2.3	O PATRIMÔNIO CULTURAL E O ENSINO DE HISTÓRIA	52
3	CAPÍTULO 2: “A CASINHA TEM MEMÓRIAS”: OS RELATOS DE MORADORES DE ESTAÇÃO COCAL E A LUTA PELO NÃO APAGAMENTO DA MEMÓRIA FERROVIÁRIA E DA HISTÓRIA LOCAL	66
3.1.	AS ENTREVISTAS: O CAMINHO, OS PERCALÇOS E AS DESCOBERTAS	66
3.2.	AS MÔNADAS COMO APORTE METODOLÓGICO E OS NARRADORES DE ESTAÇÃO COCAL	68
4	CAPÍTULO 3: O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NA E.E.B VITÓRIO BÚRIGO	90
4.1	O PROJETO ANUAL DA ESCOLA E.E.B VITÓRIO BÚRIGO DENTRO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA	90
4.2	O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO COM AS TURMAS	93
4.3	A GINCANA VB 2019: A PARTICIPAÇÃO DA TURMA 3001	96
4.4	SE FAMILIARIZANDO COM O TEMA MUSEU.....	98
4.5	SAÍDA DE ESTUDOS AO MUSEU FERROVIÁRIO DE TUBARÃO-SC: UMA EXPERIÊNCIA COM OS ESTUDANTES DA ESCOLA VITÓRIO BÚRIGO	104
4.6.	<i>LÁ VEM O TREM</i> : A EXPERIÊNCIA DO PASSEIO DE TREM COM ALGUNS ESTUDANTES E PROFESSORAS DA ESCOLA VITÓRIO BÚRIGO	109
4.7	PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO COM ESTUDANTES DA E.E.B VITÓRIO BÚRIGO	112
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117

REFERÊNCIAS.....	120
ANEXOS.....	126

1 INTRODUÇÃO

A Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal, distrito da cidade de Morro da Fumaça-SC foi inaugurada em 1922, junto ao trecho da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, ligando Urussanga² e Tubarão³, no sul de Santa Catarina. O motivo da construção da ferrovia foi a descoberta do carvão mineral na região. A Casa era para moradia do agente ferroviário, funcionário que cuidava da estação ferroviária.

Figura 10 – Mapa da localização de Morro da Fumaça.



Fonte: Wikipédia. Disponível em: <<https://cutt.ly/Ld3icPa>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

No final da década de 1960, a Casa do Agente Ferroviário e a estação ferroviária foram desativadas junto do trem de passageiros. Entretanto, esse trecho da ferrovia nunca foi totalmente desativado, pois continuou sendo a via de transporte do carvão mineral, principal motivo de sua construção. Hoje, várias vezes por dia o trem passa por Estação Cocal, levando o carvão para o complexo termelétrico, Jorge Lacerda, na cidade de Capivari de Baixo, onde se produz a energia para a região sul de Santa Catarina.

A Casa do Agente Ferroviário encontra-se fechada e sem manutenção há mais de 15 anos, quando foi restaurada somente a parte externa em comemoração aos 100 anos de Estação Cocal. A estação ferroviária foi demolida e não existe nenhum registro da data em que ocorreu a demolição e nem o motivo; restou apenas a plataforma da construção.

Toda a estrutura ferroviária localiza-se bem próximo à Escola de Educação Básica Vitério Búrigo, onde atuo como professora de História desde 2016. O barulho do trem se faz ouvir por todas as salas de aula da escola, mas é raro estudantes fazerem referência à ferrovia, ao trem, à estação ferroviária que ali havia ou à Casa do Agente Ferroviário. Foi a partir desse som diário vindo da ferrovia que comecei a me interessar por essa temática.

² Cidade localizada à distância de 7 km de Estação Cocal. Fonte: *Google Maps*.

³ Cidade localizada à distância de 44 km de Estação Cocal, onde está localizada a sede da empresa Ferrovia Cristina SA, administradora da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina. Fonte: *Google Maps*.

Figura 11 – A Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, setembro de 2019.

Na procura por um mapa de Estação Cocal no *Google Maps*, que pudesse demarcar a localização da escola e da Casa do Agente Ferroviário para visualizar essa proximidade, acabei não tendo êxito, pois não está registrada a localização da Casa, somente da instituição de ensino. Eu e meu companheiro inserimos a Casa no Google Maps, que foi aprovada depois de 15 dias. Então abaixo, trouxe a localização da Casa inserida no mapa de Estação Cocal, que também marca a localização da escola Vitório Búrigo. Assim é possível visualizar a proximidade a qual me refiro entre a escola, a Casa do Agente Ferroviário e a ferrovia.

Figura 12 – Mapa de Estação Cocal com a inserção da localização da Casa do Agente Ferroviário.



Fonte: Google Maps. Disponível em: <<https://bit.ly/3kIFlCY>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

Sempre me perguntei por que, na comunidade escolar, nada era falado, trabalhado sobre a ferrovia e a Casa do Agente. Então, no final de 2018, descobri que havia um livro do centenário da comunidade de Estação Cocal publicado em 2004, com o título Estação Cocal: 100 anos de Estação Cocal.⁴ Segundo consta no livro essa localidade era conhecida como Segunda Linha, depois Cocalzinho e então, Estação Cocal, nome que se originou após a construção da estação ferroviária.

A escola possui dois exemplares do livro, e em 2019 comecei a abordá-lo em sala de aula com o intuito de instigar nos estudantes o interesse pela história local e pelo patrimônio cultural ali existente. Muitos quiseram folhear o livro, reconheciam nomes e sobrenomes como de Otávio Sorato, um morador da comunidade que completou a idade de 100 anos em 2019 e é considerado o morador mais antigo da comunidade.

Para aumentar meu interesse, descobri a existência de um Passeio de Trem (a “Maria Fumaça”) que acontece uma vez por mês saindo de Tubarão até Laguna e retornando a Tubarão. Nos meses de julho e agosto, o itinerário do passeio é especial, saindo de Tubarão à Urussanga, ou seja, passando por Estação Cocal. Comentei com algumas turmas do Passeio e a reação foi de grande entusiasmo.

⁴ O livro escrito por moradores da comunidade, Agenir Donato Zaccaron; José Hugo de Rochi; Rafael Sorato; Rangel de Rochi, de 148 páginas tem cinco capítulos que tratam desde os aspectos geográficos e a formação da comunidade de Estação Cocal, até a fundação do município de Morro da Fumaça em 1962 e a elevação de Estação Cocal a distrito em 1988.

O Passeio de Trem é promovido pelo Museu Ferroviário de Tubarão-SC⁵, cujo acervo é enorme, sendo responsáveis pela restauração e manutenção das locomotivas. Existem no acervo locomotivas da década de 1910, 1920, de diversas origens: Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e Argentina. A maioria das locomotivas funcionou na Ferrovia Tereza Cristina e foram restauradas. Apenas uma está em funcionamento, aquela que é a usada para realizar o passeio turístico promovido pelo museu. Muitas peças da ferrovia, dos trens e das chaves para manutenção formam o acervo do museu.

A instituição tem um programa educativo com as escolas da região que visitam o museu e em algumas escolas do município de Tubarão realizado pela museóloga da instituição. O museu é mantido por ex-funcionários da Ferrovia Dona Tereza Cristina, sendo necessário todo o conhecimento técnico deles, uma vez que esse trem de passeio ainda funciona a vapor.

Quando dei início à construção do projeto, comecei a pesquisa acerca da Casa dentro da escola. Num primeiro momento com os estudantes. Em todas as turmas fiz questionamentos. Depois as conversas com os professores e funcionários do quadro administrativo (nenhum deles reside em Estação Cocal) e também com os três zeladores e a cozinheira da escola (dois senhores e duas senhoras com faixa etária entre 50 e 60 anos). Eles trabalham há mais tempo na escola e residem em Estação Cocal. Foram poucas as informações sobre a história da ferrovia, a Casa do Agente Ferroviário e da estação, visto que seus conhecimentos eram limitados sobre a história dos agentes ferroviários.

Com os estudantes, obtive informações sobre moradores da comunidade, pertencentes às famílias mais antigas. Estes geralmente são donos de comércio, políticos, pessoas pertencentes à diretoria da associação de moradores e líderes de eventos festivos de Estação Cocal. Porém, quando comecei a questionar o que sabiam sobre “a casa” que se encontrava fechada à margem da ferrovia, muitos devolviam a pergunta: “A casinha ali de baixo, sora?”. Eles não faziam a menor ideia que a “casinha” era uma casa de moradia de agente ferroviário, inclusive, no que consistia a função do agente, e ainda que aquela Casa passou a existir em virtude de uma estação ferroviária. Então, a relação entre o nome da comunidade Estação Cocal e a estação ferroviária que ali foi construída nem passava pelo pensamento deles. Quando

⁵ “O Museu Ferroviário de Tubarão é uma entidade sem fins lucrativos, de natureza institucional privada, cuja mantenedora é a SALV – Sociedade dos Amigos das Locomotivas à Vapor. Atua como instituição museológica desde 1997 e tem como propósito salvaguardar, preservar, comunicar e difundir o patrimônio cultural ferroviário do sul de Santa Catarina. Desde então, trabalha para manter o acervo sob sua guarda. Não está oficialmente aberto ao público, embora atenda a visitantes eventuais e agendamentos escolares. Dentro da cidade de Tubarão, o Museu Ferroviário localiza-se no bairro de Oficinas, na Avenida Pedro Zapelini, 2200”. Fonte: Programa Educativo Cultural-Parcerias do Museu Ferroviário de Tubarão-SC (arquivo fornecido por e-mail pela museóloga da instituição, Silvana no dia 08 de outubro de 2019).

questionei sobre a ferrovia, sobre quando foi construída, se o trem parava em Estação Cocal, nada souberam responder. Sobre o barulho do trem, todos os dias ser ouvido nas salas de aula, a maioria disse não ter prestado muita atenção no barulho e praticamente todos desconheciam que o trem transportava carvão para o complexo termelétrico para a produção de energia para a região.

Nas conversas com professores, a equipe diretiva e os zeladores da escola, tomei conhecimento da existência do livro Estação Cocal: 100 anos de História, que a escola possuía dois exemplares. Um dos zeladores me falou que as pessoas mais antigas contaram para ele, que alguns agricultores transportavam no trem mandioca para vender em Tubarão-SC. Com a filha de um dono de comércio local próximo à Casa do Agente Ferroviário, obtive a informação de que a casa estava em situação precária internamente e quando questionei sobre o órgão responsável pela Casa do Agente, ela não soube responder.

Procurei um morador antigo, dono de um supermercado próximo da Casa do Agente Ferroviário, por indicação dos estudantes. Comentou que andava de trem e que quando os militares assumiram o governo federal na década de 1960, desativaram o trem de passageiros porque “não dava lucro”. Não lembrou naquele momento, o nome de nenhum agente ferroviário. Perguntei se futuramente ele poderia me conceder uma entrevista, mas ele indicou o irmão dele, que ele “sabia muita coisa e que falaria melhor” e se retirou às pressas do supermercado. Também conversei com o pai de uma estudante que é vereador da cidade e sempre residiu em Estação Cocal. Ele disse que a prefeitura não era responsável pela Casa do Agente Ferroviário e também não sabia dizer muita coisa sobre a história da ferrovia.

Essa pesquisa inicial me deixou mais intrigada. A Casa do Agente Ferroviário é patrimônio cultural de Estação Cocal, mas cabe questionar se os estudantes reconhecem esse patrimônio. E ainda: qual a importância desse patrimônio para a formação e desenvolvimento de Estação Cocal? Quais as relações construídas entre a escola Vitório Búrigo, a Casa do Agente Ferroviário e a dinâmica da ferrovia? Quais os significados atribuídos pelos estudantes no que diz respeito à Casa do Agente Ferroviário, à ferrovia e ao trem que passa todos os dias tão próximo à escola? Não existe atualmente nenhuma conexão entre a escola com esse patrimônio cultural. No caso de Estação Cocal, por que houve um apagamento da história da ferrovia? Restou apenas a Casa do Agente Ferroviário, mas por que ela também não foi derrubada? O que se pretendeu preservar com a sua manutenção?

Tendo em vista as questões levantadas acima, construí os seguintes objetivos: promover experiências de pesquisa e ensino para a valorização do patrimônio de natureza material referentes à memória e identidade cultural da comunidade de Estação Cocal no

município de Morro da Fumaça-SC; desenvolver um estudo a respeito da Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal, distrito do município de Morro da Fumaça-SC, patrimônio cultural existente na comunidade; conhecer e valorizar a história e as memórias que emergem da casa do agente ferroviário existente na comunidade; aprofundar o conhecimento sobre a ferrovia, a Casa do Agente Ferroviário e a estação que ali havia e também sobre o processo de resignificação pelo qual passou a praça central da comunidade, por meio de entrevistas com sujeitos do distrito de Estação Cocal, ao mesmo tempo, desenvolvendo o estudo sobre a história local; promover aproximações entre passado e presente com os estudantes da escola Vitório Búrigo, tendo em vista que o ensino da história local é um aspecto constitutivo de suas identidades, assim como um elemento fundamental do exercício da cidadania; elaborar um roteiro de Educação Para o Patrimônio em torno da Casa do Agente Ferroviário para trabalhar com uma turma de 8º ano, mas que também poderá ser trabalhado com outras turmas e por outros professores da E.E. B. Vitório Búrigo; e ao final, propor uma exposição na escola para toda a comunidade com as narrativas resultantes das entrevistas e fotografias coletadas com a participação dos moradores participantes da pesquisa.

Adotamos como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental sobre as leis e o processo de inventários feitos pelo Iphan, a pesquisa de campo e a construção de narrativas a partir de entrevistas. Busquei trabalhar inicialmente com as narrativas orais a partir da realização de entrevistas com moradores antigos de Estação Cocal. Os critérios utilizados para a escolha desses moradores a serem entrevistados se deu pela busca de moradores que conviveram com o funcionamento do trem de passageiros, que andaram de trem e, portanto, vivenciaram o cotidiano da estação ferroviária e assim conviveram com os agentes ferroviários e suas famílias, entre outros funcionários da ferrovia.

Em segundo momento, após a realização das entrevistas com moradores antigos, sentimos a necessidade de entrevistar pessoas que foram lembradas pelos entrevistados. Por que entrevistá-las? Porque são moradores de Estação Cocal que não conviveram com o trem de passageiros, com agentes ferroviários e nem outros trabalhadores da ferrovia e nem tão pouco viram a estação ferroviária ainda em funcionamento, mas são pessoas que buscaram ou buscam, de alguma forma, por meio de ações comunitárias ou pela legislação municipal preservar a memória ferroviária de Estação Cocal. Estas pessoas tentam preservar aspectos da história local desenvolvendo projetos de curta ou longa duração que envolveram e envolvem: 1) a manutenção da praça e do uso dela para exposições e festividades locais; 2) a manutenção, a restauração e o uso da Casa do Agente Ferroviário como patrimônio cultural da comunidade e 3) a construção de uma possível réplica da estação ferroviária.

Esta pesquisa apoia-se em referenciais da pesquisa qualitativa, sendo uma das características fundamentais a atenção dada ao contexto. Assim, a experiência humana (das pessoas mais velhas e dos jovens da comunidade) se alinha e tem lugar em contextos particulares, naturais, no mundo real. As experiências dessas pessoas são abordadas de maneira holística⁶ (global). O *caráter interpretativo*, também é fundamental na minha pesquisa. O pesquisador de uma pesquisa qualitativa “pretende que as pessoas estudadas falem por si mesmas; deseja aproximar-se de sua experiência particular, dos significados e da visão do mundo que possuem [...]” (ESTEBAN, 2010, p. 129).

Para sensibilizar os estudantes com o tema em estudo, avaliei a viabilização de um projeto de Educação para o Patrimônio. Um projeto centrado na história local, pelas memórias de moradores acerca da Casa do Agente Ferroviário, de seus moradores e famílias, do trabalho do agente na estação ferroviária, do cotidiano do trem (embarques, destinos, desembarques), incluindo atividades como: questionário com estudantes e seus familiares acerca da história local a partir da Casa do Agente Ferroviário e a estrada de ferro; análise do livro Estação Cocal: 100 anos de História (2004) desenvolvendo trabalhos em grupos; pesquisas em grupo das narrativas orais resultantes das entrevistas orais realizadas pela professora com moradores e moradoras de Estação Cocal; visita guiada ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC; produção de pesquisa bibliográfica sobre o transporte ferroviário no Brasil; passeio de Trem com o itinerário que passa por Estação Cocal promovido pelo Museu Ferroviário de Tubarão-SC e uma exposição a ser realizada na escola para a comunidade escolar (e aberta ao público) das narrativas orais produzidas a partir das entrevistas com moradores antigos e possíveis fotos. A exposição contará com a participação dos entrevistados.

É importante ressaltar a relevância do ensino de história local, pois segundo a historiadora Helenice A. Rocha (2016, p. 134):

O ensino de história local para crianças e jovens e adultos, possibilita sensibilizá-los para reflexão de suas vivências e experiências cotidianas, buscando historicizar e problematizar o sentido atribuído às suas identidades, valorizando o pensar crítico sobre si e sobre o outro, mudando ou não, como sujeitos, a própria história.

⁶ “A ideia do holismo não é nova. Ela está subjacente a várias concepções filosóficas ao longo de toda a evolução do pensamento humano. O termo holismo origina-se do grego *holos*, que significa todo. No século VI antes de Cristo, o filósofo Heráclito de Éfeso já dizia: “A parte é diferente do todo, mas também é o mesmo que o todo. A essência é o todo e a parte”. A holística não é uma ciência e nem uma filosofia. Não é uma religião, nem uma disciplina mística. Também não constitui um paradigma científico. É tão somente uma visão de mundo que se contrapõe à visão dualista, fragmentadora e mecanicista que despojou o ser humano da sua unidade, ao longo desses séculos de civilização tecnológica e de racionalismo exacerbado” (CHERINI, s/d). Fonte: <<http://giovanicherini.com>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

Desde os anos 80 do século XX estamos vivenciando um movimento de repensar o ensino de História, as metodologias e a própria História em si. Selva Guimarães Fonseca (2006) ao refletir sobre o exercício repensar do ensino de História, aponta vários problemas, dúvidas que ainda permanecem quando se trata da história local e das relações entre a história local e a globalização. Ela levanta questões pertinentes direcionadas ao conceito de identidade local em decorrência da globalização e que talvez explique o distanciamento entre os estudantes da escola Vitório Búrigo, o patrimônio e a história local. Segundo a autora:

Em tempos de globalização, por exemplo, o que significa falar em identidades locais, regionais e mesmo da identidade nacional? O que é ser mineiro, gaúcho ou nordestino no nosso País uno, diverso e plural? Como focalizar as questões locais por meio das fontes orais? Como o ensino de História na educação básica tem tratado esta problemática? (FONSECA, 2006, p. 126).

A autora apresenta várias possibilidades de trabalho com a história local e recomenda o uso de fontes orais como estratégia para alcançarmos a aprendizagem da História junto dos estudantes da educação básica.

A globalização faz com que muitas características locais se percam, e com elas as identidades da comunidade. No entanto, o meio no qual vivemos traz muitas marcas do passado e do presente, como “vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas” (FONSECA, 2006, p. 127). Para que os estudantes alcancem e reconheçam esses lugares, tais como a Casa do Agente Ferroviário enquanto um lugar de memória, nós professores, precisamos estimular uma relação ativa com o tempo e com o espaço. Neste caso, articulando o passado, o presente e as projeções de futuro com a comunidade na qual estão inseridos.

Com a intenção de sensibilizar os estudantes da E.E. B. Vitório Búrigo e no intuito de se beneficiar da proximidade espacial que eles e a escola têm com o patrimônio local e, ao mesmo tempo, problematizando sua invisibilidade e dos sujeitos ao patrimônio ferroviário relacionados, escolhemos a história oral, em virtude da contribuição que caberia à memória e às lembranças dos mais velhos em manter a salvaguarda das tradições em suas narrativas. Pois, como nos afirma Ecléa Bosi (1987, p. 32):

Sem os velhos, a educação dos adultos não alcançaria plenamente: o reviver do que se perdeu de história, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes nas famílias os que se ausentaram. [...]. Não se deixa essas coisas para trás, como desnecessárias.

Essas pessoas concentram o passado no presente por meio de suas memórias, fazendo com que a criação humana esteja num processo contínuo de reavivamento e reconstrução do passado. Considero a história oral inovadora, na medida em que dialoga com as narrativas, aproxima-as de outras, relaciona-as, confronta-as, compreendendo que os sujeitos narram a partir de uma subjetividade que não é a verdade única, mas a expressão do vivido, do sentido, que partem da própria experiência.

Quando falamos de experiências e narrativas, logo nos reportamos a Walter Benjamin (1994). Filósofo alemão, contemporâneo à Primeira Guerra Mundial, o autor nos mostra que no mundo pós-guerra se tornou raro o ato de narrar experiências, o “narrador” se tornou distante da sociedade, assim:

Por mais familiar que seja o nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva, Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais. [...]. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1994, p. 197-198).

Walter Benjamin nos faz perceber que as narrativas estão mais raras, o que se sucede há muito tempo. Segundo o autor, depois da guerra, “os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável”. (BENJAMIN, 1994, p. 198). Nos dias de hoje, cada vez mais sufocado pelo capitalismo, cada dia mais individualista – e porque não dizer egoísta – esse processo de extinção das experiências comunicáveis, transmitidas de boca em boca, está mais veloz e em seu lugar estão presentes às experiências individuais e fragmentadas.

Ao dialogar com Benjamin, Jorge Larossa Bondía (2002) chega à conclusão que nunca em outra época passamos por tantas ocorrências, mas quanto mais coisas acontecem, mais a experiência se torna rara. Porque na verdade, nesse mundo globalizado, tantos acontecimentos provocam um excesso de informação, mas não de experiências:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possíveis possibilidades de experiência. (BONDÍA, 2002, p. 21)

Para a maioria das pessoas, o importante é estar com o maior número de informações possíveis, para “não ficar para trás” nessa corrida individualista, em uma sociedade competitiva na qual tem mais chance de ganhar quem estiver melhor informado. No entanto, aquela que está

melhor informada é aquela que não consegue que algo de fato aconteça, está cheia de informações, mas vazia de experiências comunicativas. As memórias, as narrativas de vida vêm na contramão dessa sociedade da informação. São uma brecha na busca da experiência autêntica.

Verena Alberti (2004) traz o “fascínio do vivido” como peculiaridade da história oral, pois mesmo operando por discontinuidades, ou seja, selecionando acontecimentos para entender o passado, há na história oral:

Uma vivacidade, um tom especial, característico de documentos pessoais. É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu e por isso dá vida as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes (ALBERTI, 2004, p.14).

Essa vivacidade que a história oral traz é um dos motivos para o seu sucesso nos últimos anos, perceptível pelo crescente número de trabalhos de pesquisadores e professores que utilizam esta metodologia. É fato a impossibilidade de se restabelecer o passado, mas as entrevistas da história oral nos possibilitam reviver o passado por meio da experiência da pessoa entrevistada. Alberti (2004, p. 22) afirma que a utilização da história oral de maneira proveitosa tem “um elevado potencial de ensinar o passado, porque fascina com a experiência do outro”, por isso é preciso responsabilidade na realização das entrevistas, assim como na sua compreensão.

O historiador italiano Alessandro Portelli (1997), no final do século XX quando muitas críticas e desconfianças ainda permeavam a história oral, destacou as peculiaridades da história oral no intuito de demonstrar que os temores de que essa metodologia ofuscaria a escrita só nos impedia de enxergar que “elas têm em comum, características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher ou que um conjunto de fontes preenche melhor que a outra” (PORTELLI, 1997, p. 26). A minha escolha pela história oral foi a partir da constatação de que essa metodologia seria imprescindível para responder questionamentos que a fonte escrita não conseguiu ou não conseguiria responder. A esse respeito Portelli (1997, p. 31) nos diz que:

A primeira coisa que torna a história oral diferente é aquela que nos conta menos sobre *eventos* e mais sobre *significados* [...] Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.

Pensar o quanto esses moradores de Estação Cocal têm a nos dizer, é pensar também que essas pessoas, geralmente invisibilizadas, pertencentes às classes subalternizadas, podem

ter visões completamente diferentes de grupos dominantes ou que nem presenciaram determinado acontecimento. É a memória social dos esquecidos, aquela a quem as elites fazem questão de que se mantenha nos “porões” da História. E também para esses moradores importa relatar muitas vezes a vivência deles dentro da comunidade, qual era e é o olhar deles, o que não concordaram ou não concordam, o que queriam ter feito e não fizeram ou o que têm feito. Ao dialogar com Walter Benjamin (1994), os historiadores Alison Paim e Helena Araújo (2018, p. 8), afirmam que:

As memórias são plenas de conhecimentos e sensibilidades; relacionam-se com o vivido e também esquecimento, apaziguamento com o passado. A (re) memória é sempre relacionada com o presente, é um entrecruzamento de tempos, espaços, vozes e ainda que ela não é só racional, é de um sujeito inteiro. Memória é vida, possibilidade de experiência vivida. Assim, no ato de rememoração, amplia-se a possibilidade de vida.

Portanto, ao trabalharmos com a memória a partir do pensamento de Walter Benjamin, um leque de possibilidades descortina-se e a memória deixa de ser menor que a História, como tradicionalmente é vista numa episteme colonialista.

Considero que o currículo escolar de História é marcado por manifestações colonialistas, cujas as aulas do ensino tradicional da História são influenciadas pela matriz europeia. Uma abordagem da história local, por meio do patrimônio e das narrativas desses moradores que experienciaram o cotidiano do trem de passageiros e da estação ferroviária de Estação Cocal, tem um potencial de desestruturar a História tradicional. Alison Antonio Paim (2017, p. 271) nos adverte que:

No ensino da História tradicional brasileira, é nítido o primado de um recorte que se limita aos grandes centros, urbanos ou econômicos, com a tendência de posicionar a História local como adendo a uma pretensa História universal. Isso não se deve apenas ao colonialismo institucionalizado pelo currículo escolar e universitário, como guarda relação com a economia do tempo e sobrecarga do trabalho docente.

Muitos de nós, professores de História, agimos com descaso em relação à história local, e, muitas vezes, só nos lembramos dela quando nos deparamos com a necessidade de produção de uma monografia de graduação ou dissertação de mestrado. Na maioria das vezes, usamos como desculpas para o nosso descaso, “[...] a dificuldade de se situar adequadamente na narrativa da História; como se protagonismo não nos fosse concebível.” (PAIM, 2017, p. 271). Nessa problemática, consideramos a importância da aproximação da escola com a universidade – como, por exemplo, no Programa ProfHistória - que tem potencial para produzir benefícios recíprocos a partir da relação entre a lógica de produção de conhecimento histórico escolar e de produção de conhecimento histórico acadêmico.

Envolvida por um desejo de explorar não só a história da Casa do Agente Ferroviário e as memórias das pessoas ligadas de alguma maneira a essa construção, mas também a história local de forma ampliada, iniciei as pesquisas no livro: Estação Cocal: 100 anos de História. As pesquisas também se deram no site da Ferrovia Tereza Cristina SA, empresa privada que tem a concessão para o uso da ferrovia e, portanto, sobre os imóveis pertencentes à ferrovia, como a Casa do Agente Ferroviário.

Com o início da disciplina de Educação Patrimonial cursada no ProfHistória e a compreensão do papel que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan⁷, vem desempenhando em relação ao patrimônio cultural, iniciei uma varredura dentro do site dessa instituição. No portal do Iphan procurei por informações sobre como eram entendidos e tratados os patrimônios oriundos das ferrovias brasileiras, ou seja, não só as ferrovias, mas também os imóveis e móveis inerentes a elas. O que a legislação do Iphan traz sobre patrimônios ferroviários? Como e quando se iniciaram os processos de proteção desse patrimônio?

Como resultado desta pesquisa, a dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o livro Estação Cocal: 100 anos de História (2004) e como a Casa do Agente Ferroviário é abordada no livro. Traz também, um balanço bibliográfico em torno do que vem sendo produzido em patrimônio cultural e ensino de História interseccionado com as identidades, as histórias locais e as memórias. Destaco ainda, como as ferrovias, imóveis e móveis ferroviários têm sido trabalhados dentro dos estudos patrimoniais e por fim, trago um debate sobre patrimônio cultural e ensino de História na atualidade, novas perspectivas e metodologias.

O segundo capítulo pauta-se na apresentação das entrevistas e elaboração de mônadas como forma de organização das narrativas. Nele apresento as narrativas dos moradores de Estação Cocal entrevistados. Busquei relacionar memória e identidade dos sujeitos em relação à história de Estação Cocal em torno da ferrovia, da Casa do Agente, da estação e dos sujeitos relacionados a essa estrutura ferroviária. A tentativa foi identificar a Casa do Agente Ferroviário como um lugar de memória.

⁷ “O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. O Iphan possui 27 Superintendências (uma em cada Unidade Federativa). O Iphan também responde pela conservação, salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros inscritos na Lista do Patrimônio Mundial e na Lista o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, conforme convenções da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), respectivamente, a Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 e a Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003. O Instituto foi criado em 13 de janeiro de 1937, por meio da Lei nº 378, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas”. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 8 jul. 2020.

No terceiro capítulo, apresento um projeto-piloto dentro do Projeto Anual da E.E.B. Vitório Búrigo desenvolvido com duas turmas de 9º anos (Turma 901 e 902) e também com uma turma de 3º ano (Turma 3001) do Ensino Médio, em 2019.

2 CAPÍTULO 1: A Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal: um patrimônio cultural esquecido

Este capítulo resultou da análise do livro *Estação Cocal: 100 anos de História* (2004) em uma tentativa de reconhecer que a história de Estação Cocal tem sido contada por moradores da comunidade. A intenção foi perceber de que maneira a Casa do Agente Ferroviário e a própria história ferroviária de Estação Cocal aparece nessa versão da história local. Outro tema abordado é a criação do Patrimônio Cultural Ferroviário dentro do Iphan a partir da Lei 11.483, trazendo um debate sobre a maneira que esses patrimônios culturais ferroviários vêm sendo valorados pela instituição, principalmente os móveis e imóveis localizados no sul de Santa Catarina, portanto, ligados à Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina. Pesquisei ainda como as ferrovias, imóveis e móveis ferroviários têm sido trabalhados dentro dos estudos patrimoniais.

O capítulo apresenta um balanço bibliográfico em torno do que foi produzido nos últimos anos em patrimônio cultural e ensino de História interseccionado com as identidades, as histórias locais e as memórias. O levantamento foi realizado em anais de eventos tais como os organizados pela ANPUH, em publicações e periódicos da área de História, nas dissertações do ProfHistória, com destaque para quais metodologias e programas educativos estão sendo desenvolvidos por esses professores/pesquisadores. Por fim, elaboro um debate sobre patrimônio cultural e ensino de História na atualidade, dialogando com as novas perspectivas de autores que não só questionam o predomínio das perspectivas metodológicas colonialistas como apresentam a partir de uma visão contra-hegemônica, uma perspectiva outra e caminhos diversos para trabalharmos o patrimônio cultural, pautando-se na perspectiva decolonial.

2.1 O que nos conta o livro *Estação Cocal: 100 anos de História* sobre a Casa do Agente Ferroviário, os agentes ferroviários e suas famílias?

Instigada em saber mais a respeito da Casa do Agente Ferroviário e os sujeitos ligados a ela, iniciei a exploração do livro *Estação Cocal: 100 anos de História* (2004). Pensei: com certeza no livro a Casa do Agente Ferroviário, os nomes e as informações de agentes ferroviários e suas famílias que ali habitaram, por fazerem parte da história de Estação Cocal, estarão evidenciados. Mas afinal, do que trata o livro? O que o livro nos conta sobre Estação Cocal? Quem o escreveu?

Uma versão da história de 100 anos de Estação Cocal é contada no livro, produzido por quatro moradores da comunidade: Agenir Donato Zaccaron, José Hugo de Rochi, Rafael Sorato e Rangel de Rochi. O livro foi publicado em 2004, em virtude de que naquele ano

completaram cem anos da chegada dos primeiros imigrantes em Estação Cocal, datada de 1904, sendo que até então a localidade não tinha esse nome.

O livro de 148 páginas tem cinco capítulos que tratam desde os aspectos geográficos, a origem de fundadores e colonizadores, a imigração italiana e a parte do desenvolvimento como: economia, principais indústrias da atualidade, comércio, costumes, religião católica, política, lazer, educação e formação da comunidade de Estação Cocal, até a fundação do município de Morro da Fumaça em 1962 e a elevação de Estação Cocal a distrito, em 1988.

Nos capítulos III e IV, parte em que os autores discorrem sobre o “progresso” de Estação Cocal, dedicam maior parte à ferrovia: contexto econômico, construção, nomes de trabalhadores e colaboradores, horários do trem, itinerário e, em poucas palavras, enfatizam que “a construção marcante que propiciou o desenvolvimento do distrito foi a estação de trem e uma casa para o agente da estação.” (ZACCARON et al., 2004, p. 111).

Figura 13 – Capa do livro: Estação Cocal: 100 anos de História.

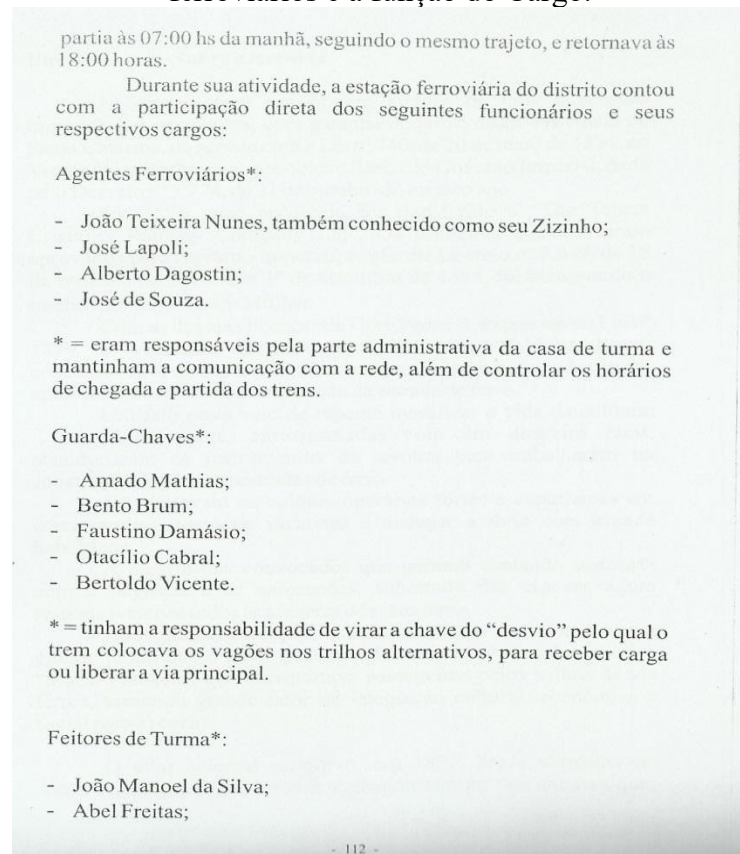


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2019.

Ao analisarmos a capa do livro, percebemos que a Casa do Agente Ferroviário não ganhou espaço, somente a estação que já não existe mais, além dos coqueiros para dar visibilidade ao nome da comunidade, pois segundo os autores, era uma região de muitos coqueiros, assim como o município vizinho, Cocal do Sul. Em segundo plano também a igreja Católica, talvez na intenção de mostrar a fé e a religiosidade dos colonizadores. A Casa do Agente Ferroviário, que também é parte do seu desenvolvimento, ficou esquecida.

Entre datas, fotos, documentos e entrevistas, encontramos uma parte dedicada à construção da ferrovia e da estação ferroviária. Sobre a Casa do Agente Ferroviário, as informações se resumem a uma lista de nomes de agentes ferroviários e a função do cargo que exerciam na estação. Os autores citam listas de nomes de funcionários e cargos desempenhados por estes na estação: agentes ferroviários, guarda-chaves e feitores de turma. São citados quatro agentes ferroviários e logo abaixo a descrição que competia ao cargo: “[...] eram responsáveis pela parte administrativa da casa de turma e mantinham a comunicação com a rede, além de controlar horários de chegada e partida dos trens.” (ZACCARON et al., 2004, p. 112).

Figura 14 – Página do livro Estação Cocal: 100 anos de História com nomes de agentes ferroviários e a função do Cargo.



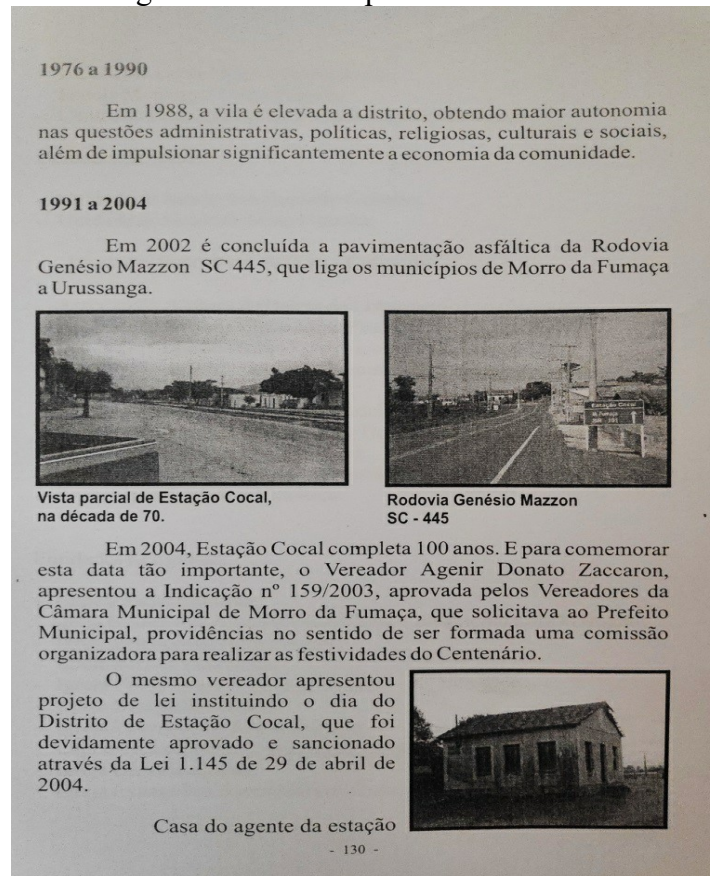
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2019.

É provável que nenhum agente ferroviário estivesse vivo quando foi produzido o livro. Conversei com várias pessoas da comunidade, inclusive com um dos autores do livro, José Hugo de Rochi, quem me informou que não tinham conhecimento se algum deles ainda vive. Durante as entrevistas realizadas em 2020, perguntados, os entrevistados alegaram desconhecer a possibilidade de que algum agente ferroviário ou esposas deles ainda estejam vivos.

O livro possui apenas uma foto da Casa do Agente Ferroviário, que aparenta ser antiga, mas não tem data de registro. Percebe-se nitidamente que essa foto é anterior à reforma externa

executada em 2004, e que também não tivemos conhecimento da data precisa ou de arquivos sobre o processo e a finalização da reforma. A foto é a terceira imagem da página 131, acompanhada da legenda “a Casa do agente da estação”, sem mencionar outras informações a respeito da Casa.

Figura 15 – Página do livro Estação Cocal: 100 anos de História com a única foto da Casa do Agente Ferroviário presente neste livro.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2019.

A única foto da Casa do Agente Ferroviário no livro aparece simplesmente como um registro fotográfico, não sendo atribuído valor cultural ou significado para a comunidade, nem mesmo referenciando os trabalhadores envolvidos na sua construção ou o uso por parte dos agentes e suas famílias. O mesmo que dizer, a menção a Casa foi feita sem o devido reconhecimento da sua função social como habitação dos sujeitos agentes ferroviários e suas famílias que ali residiram.

O livro acaba por referenciar colonizadores de origem italiana e atribuindo à construção da ferrovia, da estação e à Casa do Agente Ferroviário o valor para o desenvolvimento econômico de Estação Cocal. No entanto, os sujeitos que ali trabalharam para a construção, os funcionários e suas famílias foram esquecidos neste recorte.

1.2 A criação do Patrimônio Cultural Ferroviário dentro do Iphan a partir da Lei 11.483 de 2007

Nas pesquisas sobre patrimônio cultural no site do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) me deparei com a Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário. Eu não tinha conhecimento que o Iphan havia criado uma divisão para patrimônio cultural ferroviário.

Anterior à criação do termo “patrimônio cultural ferroviário” e conseqüentemente à Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário houve uma “preocupação” do governo federal em preservar a história da evolução dos meios de transportes no Brasil. Então, em 1980 foi criado pelo Ministério dos Transportes o Programa de Preservação do Patrimônio Histórico dos Transportes (Preserve), formalmente instituído em 1983. Este programa teve como objetivo preservar o “acervo histórico da evolução tecnológica dos meios de transportes no Brasil”, portanto, identificar documentos e peças de valor histórico e artístico e restaurar construções para a memória do setor de transportes.

Em 1981, por meio de um projeto-piloto, o Preserve na Rede Ferroviária Federal SA (RFFSA) criou centros e núcleos de preservação da história ferroviária na região Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. De modo geral, esses núcleos foram instalados em estações ferroviárias de localização estratégicas para as operações ferroviárias. Em 1984, a RFFSA criou um setor específico para as atividades de preservação e difusão do seu patrimônio histórico, o Setor de Patrimônio Histórico Ferroviário da RFFSA (PRESERFE) e o Museu do Trem nas antigas instalações da Oficina do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro-RJ.

Por meio do funcionamento desses dois programas é possível observar o percurso de valorização de bens ferroviários, bem como se encontra em um documento administrativo do Preserve, “a escolha dos lugares de implantação dos centros e núcleos considerou a importância adquirida pela comunidade local, à estrutura existente e o apelo social, mas principalmente o valor histórico e arquitetônico das edificações”⁸. O que acontecerá nos anos seguintes é a valorização de construções ferroviárias com o predomínio da influência europeia, portanto, ligadas a uma elite. Seria muito improvável a Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal ser um desses centros ou núcleos.

Em 1992, a RFFSA foi incluída na “lista das privatizações” no Programa Nacional de Desestatização (PND), e entre 1996 e 1998 as ferrovias regionais passaram a ser administradas

⁸ No artigo intitulado O processo de patrimonialização do antigo recinto ferroviário de São Leopoldo pelo Preserve, a autora Cinara Isolda Koch Lewinski (2017) relata ter encontrado essas informações em um documento administrativo “Técnicas e Normas do Preserve”, mas não encontrei esse documento nas buscas na internet. Disponível em: <<https://www.institutoivoti.com.br/ensino-superior/arquivos/publicacoes/Anais-VI-Oficios-de-Clcio.pdf>>. Acesso em: 20 jun 2020.

por empresas privadas até a extinção da RFFSA em 1999. A Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina a partir de 1997 passou a ser administrada pela então fundada Ferrovia Cristina SA⁹. Como para o transporte de cargas não eram necessárias, a maioria das estações ferroviárias que ainda estavam ativas foram desativadas. Esse fato acabou gerando um processo de deterioração dessas construções e por estarem “abandonadas”, passaram a ser alvos de pichações, pilhagens, correndo o risco de desaparecerem. Só então, o Estado passou a pensar em uma política patrimonial efetiva sobre os bens ferroviários agora “desestatizados”.

Em 31 de maio de 2007, com a aprovação da Lei 11.483¹⁰, o Iphan passou a ter a responsabilidade de receber e administrar os bens móveis e imóveis de valor artístico, histórico e cultural, oriundos da extinta RFFSA, bem como zelar pela sua manutenção. Por ser uma demanda muito extensa, criaram um departamento dos Bens do Patrimônio Cultural Ferroviário¹¹ paralelamente a Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário por meio da Portaria do Iphan nº 407/2010. Até dezembro de 2015 a lista contava com 639 bens inscritos. O critério para ser inscrito na lista é a avaliação do bem pela equipe técnica da Superintendência do Estado onde estão localizados e, depois, passam por apreciação da Comissão de Avaliação do Patrimônio Cultural Ferroviário (CAPCF), sendo que a decisão é homologada pelo presidente do Iphan. Além desses, encontramos bens ferroviários protegidos por tombamento, como por exemplo, a Estação Ferroviária de Joinville, também em Santa Catarina.

⁹ A Ferrovia Tereza Cristina SA (FTC) é a concessionária da malha ferroviária sul catarinense. Com 164 km de extensão, opera na região carbonífera e cerâmica, interligando o sul de Santa Catarina ao Complexo Termelétrico Jorge Lacerda, em Capivari de Baixo, e ao Porto de Imbituba desde 1997. A FTC passa por 14 municípios (Imbituba, Laguna, Pescaria Brava, Capivari de Baixo, Tubarão, Sangão, Jaguaruna, Içara, Criciúma, Siderópolis, Morro da Fumaça, Cocal do Sul, Urussanga e Forquilha). Disponível em: <<http://ftc.com.br>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

¹⁰ As atribuições do Iphan constam no Art. 9º que diz: Caberá ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN receber e administrar os bens móveis e imóveis de valor artístico, histórico e cultural, oriundos da extinta RFFSA, bem como zelar pela sua guarda e manutenção.

§ 1º Caso o bem seja classificado como operacional, o IPHAN deverá garantir seu compartilhamento para uso ferroviário.

§ 2º A preservação e a difusão da Memória Ferroviária constituída pelo patrimônio artístico, cultural e histórico do setor ferroviário serão promovidas mediante:

I - construção, formação, organização, manutenção, ampliação e equipamento de museus, bibliotecas, arquivos e outras organizações culturais, bem como de suas coleções e acervos;

II - conservação e restauração de prédios, monumentos, logradouros, sítios e demais espaços oriundos da extinta RFFSA.

§ 3º As atividades previstas no § 2º deste artigo serão financiadas, dentre outras formas, por meio de recursos captados e canalizados pelo Programa Nacional de Apoio à Cultura - PRONAC, instituído pela Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Fonte: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

¹¹ Bens do Patrimônio Cultural Ferroviário: Os bens oriundos da extinta RFFSA estão distribuídos por 18 estados, além do Distrito Federal, e dentre os bens analisados pelo Iphan, 639 foram inscritos na Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário. Além desses, diversos bens ferroviários estão protegidos por Tombamento, a exemplo da Estação da Luz e da Vila Ferroviária de Paranapiacaba (em Santo André) - ambas no Estado de São Paulo -, da Estação de Joinville (em Santa Catarina), e da Estação de Teresina (no Piauí). As informações sobre os bens, em cada estado, estão na Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário. Fonte: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

Mais uma vez o Estado não traz surpresas. A avaliação “técnica” já diz muito sobre as escolhas desses bens “valorados” e tombados pela instituição. A Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário está dividida por estado. Tomei por surpresa quando vi na Lista: Casa do Agente Ferroviário de Morro da Fumaça. Logo imaginei que era a Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal, pois no centro de Morro da Fumaça há uma casa de agente ferroviário usada como secretaria do Conselho Tutelar e também uma “casa de turmas” usada como moradia por filhos de funcionários aposentados quando a Ferrovia ainda era estatal. Liguei para a prefeitura de Morro da Fumaça e a secretária nada sabia sobre e também não tinha informações para quem me encaminhar. Então resolvi conversar com o vereador de Morro da Fumaça que reside em Estação Cocal e é pai de uma estudante da escola Vítório Búrigo. Ele declarou desconhecer qualquer processo envolvendo a Casa do Agente Ferroviário do centro de Morro da Fumaça e que há muitos anos a construção estava sendo utilizada como secretaria do Conselho Tutelar. Conversei com a arquiteta da prefeitura de Morro da Fumaça e ela não tinha conhecimento de nenhum processo do Iphan, nem da Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário da instituição.

A Casa do Agente Ferroviário do centro de Morro da Fumaça entrou na Lista no dia 26 de abril de 2010, consta: a cidade (Morro da Fumaça), a identificação do bem (Casa do agente ferroviário) e a data da inscrição (26 de abril de 2010). É possível constatar pela Lista que a Casa do Agente Ferroviário do município de Içara, a estação ferroviária e o terreno de Urussanga (municípios limítrofes de Morro da Fumaça e, portanto, do sul de Santa Catarina), assim como o armazém (garagem de máquinas), a estação e dois terrenos de Laguna-SC, todos pertencentes à faixa de domínio da Ferrovia Dona Tereza Cristina, também entram para a Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário na mesma data: 26 de abril de 2010. Além disso, em março de 2012, casas de empregados do município de Maracajá-SC (outro município do sul de Santa Catarina) foram incluídas na Lista, como podemos conferir na foto abaixo:

Figura 16 – Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário com as datas e os bens valorados no sul de Santa Catarina: Içara, Laguna, Maracajá, Morro da Fumaça e Urussanga.

SC	Morro da Fumaça	Casa do Agente Ferroviário	26/04/2010
SC	Piratuba	Terreno	26/04/2010
SC	Piratuba	Estação Ferroviária de Piratuba	26/04/2010
SC	Rio do Sul	Estação Ferroviária de Rio do Sul	26/04/2010
SC	Rio do Sul	Armazém	26/04/2010
SC	Urussanga	Terreno	26/04/2010
SC	Urussanga	Estação Ferroviária de Urussanga	26/04/2010
SC	Laguna	Terreno	26/04/2010
SC	Laguna	Estação Ferroviária de Laguna	26/04/2010
SC	Laguna	Armazém (garagem máquinas)	26/04/2010
SC	Canoinhas	Armazém	26/04/2010
SC	Canoinhas	Estação Ferroviária de Marçílio Dias	26/04/2010
SC	Canoinhas	Casa	26/04/2010
SC	Canoinhas	Restaurante	26/04/2010
SC	Canoinhas	Armazém	26/04/2010
SC	Canoinhas	Terreno Área A	26/04/2010
SC	Canoinhas	Terreno Área B	26/04/2010
SC	São Bento do Sul	Terreno	26/04/2010
SC	São Bento do Sul	Estação Ferroviária de Serra Alta	26/04/2010
SC	Caçador	Estação Ferroviária de Caçador Nova	21/05/2010
SC	Caçador	Armazém	21/05/2010
SC	Maracajá	Casa para empregado	08/03/2012
SC	Maracajá	Casa para empregado	08/03/2012
SC	Maracajá	Casa para empregado	08/03/2012
SC	Maracajá	Casa para empregado	08/03/2012
SC	Maracajá	Casa para empregado	08/03/2012
SC	Maracajá	Casa para empregado	08/03/2012
SC	Maracajá	Casa para empregado	08/03/2012
SC	Maracajá	Casa para empregado	08/03/2012
SC	Maracajá	Terreno Faixa domínio	08/03/2012
SC	Içara	Antiga casa do agente, conhecida como casa do sapateiro	24/01/2012
SC	Irineópolis	Estação Ferroviária de Valões	19/12/2012

Fonte: Portal do IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 18 set. 2019.

Desde final de setembro de 2019 tentei contato com o Iphan nacional pelo site. Não obtive retorno. Então, no mês de julho de 2020, entrei em contato por telefone e depois por e-mail com o Iphan de Santa Catarina, localizado em Florianópolis. A funcionária que me atendeu, Isabel, encaminhou o e-mail da pessoa Chefe da Divisão Técnica do Iphan- SC. Mas quando relatei o motivo do meu contato, ela disse estranhar a prefeitura não saber nada sobre o processo de “valoração” de um patrimônio local, porque geralmente são os governos municipais que se interessam em fazer o processo. Por e-mail, me apresentei e expus o motivo do meu contato, em resposta, Regina Helena Meirelles Santiago, Chefe da Divisão Técnica, informou-me que o município de Morro da Fumaça já havia manifestado interesse em obter cessão da mesma e indicou que já a utilizava, mesmo que precariamente por cessão feita com a extinta RFFSA, como sede do Conselho Tutelar. A cessão tramita junto ao Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes, o DNIT. Mas como a cessão do imóvel ainda não foi formalizada, o imóvel permanece sob gestão do DNIT. Ela também informou o número do processo junto ao Iphan.

Na mesma semana, entrei em contato por telefone com o responsável pelo patrimônio da Ferrovia Tereza Cristina SA, Alex. Ele me informou que ambos os imóveis, a Casa do

Agente Ferroviário de Estação Cocal e a Casa do Agente do centro de Morro da Fumaça, são considerados bens operacionais, pois estão localizados junto aos ramais da Ferrovia que estão em uso, portanto estão sob responsabilidade da FTC. A Casa do Agente do centro de Morro da Fumaça está “arrendada” junto à prefeitura municipal, isto é, a prefeitura paga aluguel à FTC pelo seu uso. Perguntei sobre o processo do Iphan envolvendo a Casa do Agente do centro de Morro da Fumaça, como resposta disse que a empresa não tinha conhecimento desse processo e da existência da Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário do Iphan e que esse imóvel estava “arrendado” pela FTC à prefeitura de Morro da Fumaça para uso da sede do Conselho Tutelar.

Quanto à Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal, quando questionei a respeito da chave do imóvel, o responsável pelo patrimônio da FTC não conseguiu localizá-la. Informou-me que a reforma feita externamente no imóvel em 2004, em comemoração ao centenário da localidade de Estação Cocal, foi realizada pela prefeitura, mas com a autorização da FTC. Em nenhum momento o funcionário da FTC comentou sobre a restauração da Casa pela própria empresa. Está ali, na faixa de domínio sendo deteriorada pelo tempo. Na Casa do Agente Ferroviário é possível visualizar, rente ao lado esquerdo da porta uma pequena placa de metal com a identificação do patrimônio: RFFSA- PATRIMÔNIO 6200258.

Figura 17 – Placa com o número de identificação do patrimônio da Casa do Agente Ferroviário.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, setembro de 2019.

Preocupada com o risco de a Casa ser derrubada, como aconteceu com a estação ferroviária, ainda quando era administrada pela RFFSA (e isso pode vir a acontecer se tiverem o interesse na demolição), encaminhei um pedido de autorização para a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) e eles autorizaram. Essa possibilidade foi uma hipótese levantada por mim, mas que me deixou inquieta. A Casa do Agente Ferroviário é um patrimônio

cultural que pode desaparecer a qualquer momento. Com essa preocupação, levantei outra hipótese: e se nós (eu, estudantes e a escola Vitório Búrigo) fizéssemos junto à prefeitura, em parceria com o Museu Ferroviário de Tubarão-SC, (considerando a Casa do Agente Ferroviário uma possível parada durante o Passeio de Trem) um projeto de abertura de um museu ou um centro de memória para apresentar à FTC? Poderia esta iniciativa ser concretizada? O responsável pelo setor de patrimônio afirmou-me que sim. Então, milhões de ideias para um futuro próximo me tomaram o pensamento e quem sabe poderemos pôr em prática nos próximos anos.

Na pesquisa de campo, entrei em contato com o Portal de Turismo de Urussanga, visto que esse órgão funciona na estação ferroviária de Urussanga-SC, um dos imóveis que aparece na Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário do Iphan. O responsável, Henry, me relatou que a estação ficou desativada até 2007, quando em acordo com a FTC em forma de “comodato”¹², a estação passou a ser a sede da Associação do Vinho Goethe, uma associação local e hoje, Secretária de Turismo da cidade. A estação ferroviária também é de onde parte, uma vez por ano, geralmente em agosto, o Passeio de Trem promovido pelo Museu Ferroviário de Tubarão-SC. Como é no ramal da Ferrovia Dona Tereza Cristina que passa por Estação Cocal (como já mencionado), passa na frente da Casa do Agente Ferroviário. Quando questionei se tinha conhecimento que a estação ferroviária de Uussanga estava na Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário do Iphan desde 26 de abril de 2010, ele ficou surpreso, pois não sabia desse fato.

A Casa do Agente Ferroviário de Içara-SC, localizada em outro município vizinho e que também está na Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário do Iphan, como já citado antes, se tornou um museu municipal. Sua inauguração ocorreu em 27 de junho de 2008 com o nome Museu Ferroviário Anselmo Carmim (nome do último agente que morou na casa), com o propósito de produzir uma narrativa sobre a memória ferroviária do município.

Lembrando que em Criciúma existe uma Casa do Agente Ferroviário que funciona como um memorial do transporte ferroviário: Memorial Casa do Agente Ferroviário Mario Ghisi. O fato é que a Casa foi demolida em 1995 para construção do terminal urbano da cidade,

¹² “Um **comodato** (*commodatum*), também conhecido como empréstimo para uso, no direito civil e no direito escocês, é um empréstimo gratuito; um empréstimo, ou concessão gratuita de qualquer coisa móvel ou imóvel, por certo período de tempo, com a condição de devolver ao indivíduo nas mesmas condições ao fim do prazo. É um tipo de empréstimo, ou contrato, com uma diferença: o comodato é *grátis* e não transfere a propriedade; o objeto em questão deve ser devolvido em essência, e sem deterioração, então objetos que sofrem depreciação pelo uso ou pelo tempo não podem ser objetos de um comodato, mas de um empréstimo, pois, embora possam ser devolvidos em espécie, não podem ser identificados”. Fonte: Wikipédia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Comodato>>. Acesso em: 14 jul. de 2020.

mas por determinação judicial, a Casa foi reconstruída em 2001. O fato de ser uma réplica, provavelmente foi o impedimento de sua “valoração” pelo Iphan.

Acabei concluindo que o Iphan só “valorou” os imóveis que já estavam sendo valorizados pela comunidade local. Aqueles que se encontravam fechados não foram incluídos na Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário em 2010, como é o caso da Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal e outros imóveis de Imbituba-SC, com extensão ao norte até o Porto de Imbituba a Ferrovia Dona Tereza Cristina.

2.3 O Patrimônio Cultural e o Ensino de História

Quando pensamos em realizar uma pesquisa no campo do Ensino de História diante da atual conjuntura política do país¹³, devemos, como educadores, pensar em metodologias que tragam mais sentido no processo de ensino e aprendizagem na busca pela aproximação de nossos estudantes com os conhecimentos históricos.

Partindo do pressuposto acima, buscamos uma temática que contribuisse para essa aproximação e então, analisando as características da escola que leciono e da comunidade a qual ela está inserida, apontamos como relevante trabalhar com o Patrimônio Cultural local, portanto, também com a identidade e história local. Pensamos em trabalhar essa temática na perspectiva metodológica da Educação para o Patrimônio Decolonial e da História oral como ferramenta para construção de narrativas monadológicas.

Produzimos um balanço bibliográfico a partir de um conjunto de pesquisas do meio acadêmico que abordam a temática. Essa produção faz parte de um processo de pesquisa que pode ser definido como *estado da arte*, que segundo Ferreira (2002, p. 257) é:

De caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em

¹³ Os retrocessos na educação e os ataques às disciplinas das Ciências Humanas têm sido constantes, desde o início do atual governo brasileiro em 2019. Os retrocessos se dão na esfera ambiental, cultural e social, com interferência política em instituições como as universidades federais e ministérios como no Ministério da Educação, da Justiça e da Saúde (principalmente após o início da pandemia da Covid-19). Do Ministério da Educação em 2020, houve a declaração do então ministro de que pretendia “descentralizar” o investimento nas faculdades de Filosofia e Sociologia do país para “focar” em áreas que gerem retorno imediato, como: Veterinária, Engenharia e Medicina. A declaração foi aplamente criticada por grupos de estudantes e professores. O Iphan não escapou dessas interferências e tem sofrido diversos ataques que enfraquecem a atuação histórica da instituição diante da grande pluralidade do patrimônio brasileiro. Um desses ataques mais gritantes ao Iphan ocorreu no mês de maio de 2020, com a nomeação para a Presidência da instituição de uma pessoa sem a necessária formação e experiência profissional, deslegitimando o saber científico e técnico, que sempre foi uma das características principais do Iphan. Além dessa nomeação ao cargo mais importante do Iphan, veio na sequência de outras nomeações de cargos de chefia das superintendências da instituição, sem que fossem atendidos os critérios e o perfil profissional mínimos exigidos para o exercício dessas funções.

diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.

Utilizamos uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica que relacionasse Ensino de História e as linhas de forças: educação patrimonial, história oral, identidade, memória, patrimônio e história local.

Esse recorte foi feito a partir das proposições da historiadora Flávia Caimi (2008), que apresenta as principais linhas de força na pesquisa sobre a História ensinada e indica “Memória, identidades e educação patrimonial” como uma dessas linhas. Tais linhas de força foram delineadas por Caimi, a partir de uma pesquisa realizada em publicações da área e nos Anais dos eventos Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH) e Simpósio Nacional de História (ANPUH), alguns dos mais importantes eventos acadêmicos do campo da História e do campo do ensino de História, especificamente. Portanto, além da apresentação desta pesquisa nos eventos e da análise dos anais, o processo de elaboração do estado da arte envolveu a consulta em revistas como: Revista História & Ensino, Revista História Hoje e Revista do LHIESTE. De modo que nesta etapa, debruçei-me sobre os mesmos eventos e literaturas citados por Caimi (2008). Numa segunda etapa, a pesquisa se deu a procura por temas correlatos no banco de dissertações do ProfHistória.

As pesquisas foram realizadas considerando o momento histórico em que se iniciou o debate sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, isto é, materiais publicados a partir de 1997 até o presente. Dentro desse recorte, consideramos dois marcos legais. A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. Com vistas a atender as necessidades das determinações legais e criar instrumentos adequados para reconhecimento e preservação desses bens imateriais, a partir de estudos coordenados pelo Iphan, foi editado o Decreto Federal nº 3.551 de 4 de agosto de 2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), bem como consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).

No recorte temporal de 2003 a 2007, feito nos anais da ANPUH, percebe-se que no ano de 2003, no XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa, em João Pessoa-PB as temáticas relativas à memória ganham força, juntamente com a questão do

patrimônio cultural, talvez impulsionadas pelo Decreto nº 3551¹⁴, pois com a ampliação do conceito de patrimônio cultural há um considerável aumento dos estudos patrimoniais. Entre 2009 e 2018, a memória ganhou novamente um espaço significativo entre as pesquisas junto da Educação Patrimonial que pode ser observado nos anais do XXV Simpósio Nacional de História - História e Ética de Fortaleza - CE de 2009, em especial, nos trabalhos do Simpósio Temático: Práticas de memória e aprendizagens da História, coordenado pela professora Junia Sales Pereira (Universidade Federal de Minas Gerais) com trabalhos nessas duas temáticas.

Na análise dos anais do XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos Historiadores: Velhos e novos desafios em Florianópolis em 2015 constatam-se que a memória e o patrimônio marcaram o evento. Os simpósios temáticos sobre memória: Cidade, Cultura e Trabalho: Memórias e Dissidências, Ditaduras de segurança nacional no Cone Sul: história e memória em tempos de verdade e justiça, Diversidades, memória e ensino de história: novos desafios, Ensino, memória e patrimônio: a(s) África(s) e suas representações na cultura e identidade dos negros e negras brasileiras. Destacamos dois simpósios temáticos desse evento: História, memória e práticas educativas no ensino de história, na história da educação e na educação patrimonial coordenado por Helenice Ciampi e Alexandre Pianelli Godoy com nove trabalhos e Histórias, memórias e patrimônios: o trabalho do historiador entre rastros e possibilidades, com a coordenação de Elison Antonio Paim (UFSC) e Juliana Ricarte Ferraro da Universidade Federal do Tocantins (UFT) com oito trabalhos. Nesses dois últimos percebemos a intersecção entre educação patrimonial, memória e patrimônio dentro do ensino de História e como essa intersecção vem ganhando força nos últimos anos.

Nos anais do XXIX Simpósio Nacional de História: Contra os preconceitos: história e democracia, ocorrido em Brasília, simpósios temáticos com a intersecção da educação patrimonial, com o patrimônio e a memória continuam em destaque dentro do campo do ensino de História. Dentre eles, o simpósio Mestrado Profissional em Ensino de História: resultados, potencialidades e desafios, coordenados por Cristiani Bereta da Silva (UDESC) e Cristina Meneguello (UNICAMP). Dentro deste simpósio temático, destacamos três trabalhos: Patrimônio Cultural e Ensino de História: A Educação Patrimonial como Estratégia de Ensino de História Local e Regional, de Aletícia Rocha da Silva (UFT), e Memória e patrimônio cultural como possibilidades para o ensino de história na educação básica, de Aletícia Rocha

¹⁴ Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: 14 jun. 2020.

da Silva (UFT), e ainda Educação Patrimonial, Patrimônio e Memória e Patrimônio Cultural como possibilidades para o ensino de história na educação básica, de Antônia Lucivânia da Silva da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

No banco de dissertações do ProfHistória encontramos mais de quarenta dissertações com a temática “memória”. Destas, mais de trinta dissertações relacionadas ao patrimônio, educação patrimonial, história oral, história local ou à intersecção entre algumas delas. Essas dissertações são de 2016 e 2018 e, por apresentarem em sua maioria um “produto”, percebemos a significativa contribuição para o ensino de História, pois grande parte das dissertações trabalha com a história e patrimônio local. A intersecção patrimônio, educação patrimonial e memória também é constante. O maior número de dissertações com essa temática foi encontrado nos estados do Mato Grosso e Tocantins. Percebemos como a história local pelo enfoque do patrimônio e da memória e/ou um projeto de educação patrimonial permearam a maioria das vinte e cinco (25) dissertações.

Um exemplo de Tocantins que chamou minha atenção foi a dissertação de Jorge Luis de Medeiros intitulada: Educação Patrimonial: novas perspectivas para o ensino de História defendida no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História-PPGEHIST (UFT) em 2016. O autor apresenta a viabilidade da metodologia da Educação Patrimonial para o ensino de História na escola SESI (Serviço Social da Indústria) da cidade de Araguaína, Tocantins. Muito intrigante como em uma escola da rede privada, com apenas uma aula semanal de História no Ensino Médio, o professor conseguiu desenvolver um trabalho desta proporção. O autor também apresenta estratégias de intervenção a partir das metodologias de Educação Patrimonial e das discussões sobre educação histórica e novas perspectivas para o ensino de História através do estudo do patrimônio cultural do Mercado Público Municipal de Araguaína. Em relação à Educação Patrimonial, o autor traz a contribuição de Maria de Lourdes Horta na introdução da Educação Patrimonial no Brasil, mas ao longo da dissertação não dialoga com a autora. O que difere da maioria das dissertações sobre Educação Patrimonial é a sua relação com referencial teórico dentro da educação histórica, o autor deixar nítido isso, dialogando com Jöhn Rüsen em todos os capítulos e com difusoras de seu pensamento no Brasil, como Maria Auxiliadora Schmidt e Isabel Barca.

Analisei as metodologias das dissertações, as metodologias desenvolvidas com os estudantes e para os estudantes e os referenciais de Educação Patrimonial das dissertações. Percebi que há uma variedade de metodologias e projetos pedagógicos, produtos envolvendo tecnologias como aplicativos, *blogs*, ferramentas *online*. Também identificamos como as saídas a campo, as visitas a museus, praças, monumentos, arquivos e igrejas estão inseridas nessas

metodologias. Destaca-se na concepção teórico-metodológica, a influência do Guia Básico de Educação Patrimonial de Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro (1999).

Uma dissertação do ProfHistória da UFSC, intitulada *Construindo visibilidades na cidade de São José/SC: uma proposta de ensino de História e Patrimônio Cultural dos povos africanos e afrodescendentes* é a única em que o Guia Básico de Educação Patrimonial-Iphan-1999 não aparece listados nas referências. Os referenciais teóricos em relação ao patrimônio são autoras como Andréa Ferreira Delgado, Carmem Zeli Gil e Mônica Martins da Silva (orientadora da dissertação). A professora-pesquisadora Mylene Silva de Pontes Visani (2018) apresenta uma proposta metodológica de ensino de História que problematiza a cidade e seus diferentes espaços de memória articulados ao debate das relações étnico-raciais. A pesquisa promoveu o uso de fontes históricas agenciadas para a reflexão sobre o Patrimônio Cultural articulado à história de povos africanos e afrodescendentes que deu origem a um Roteiro Histórico, que visou dar visibilidade à presença de povos africanos e afrodescendentes, questionando os marcos urbanos da cidade de São José/SC.

Em Santa Catarina, Andréa Ferreira Delgado, Elison Antonio Paim e Mônica Martins da Silva, professores da UFSC, têm se destacado nos estudos que envolvem memória, patrimônio cultural e ensino de História. Eles também fazem parte do Grupo de Pesquisa Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC/UFSC), fundado por Andréa Ferreira Delgado quem liderou o grupo de 2010 a 2016. Elison Antonio Paim também foi o organizador em 2017 de um livro composto por integrantes do grupo de pesquisa PAMEDUC que reuniu mais de vinte artigos voltados para as temáticas: patrimônio, memória, ensino de História e educação patrimonial, intitulado: *Patrimônio Cultural e Escola: entretecendo saberes*¹⁵.

E os trabalhos com patrimônios ferroviários? Como o patrimônio e a memória ferroviária têm aparecido nas produções? O fato de ter sido criado pela Lei Federal 11.483 e a Portaria nº407/2010, a Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário se tornou um marco para a visibilidade dos bens ferroviários, em contrapartida, aumentou o número de pesquisas e produções? Dentro das pesquisas no Banco de Dissertações do ProfHistória – criado posteriormente a essa nova legislação federal e do Iphan – não encontrei nenhuma dissertação com essa temática. Os artigos, dissertações e monografias encontrados foram da área de

¹⁵ Resultante de projeto de pesquisa *Escola e patrimônio cultural: entretecendo memórias da/na Ilha de Santa Catarina* apresentado a Chamada Pública/Edital Universal 001/2014 da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina – Fapesc. Foi desenvolvido entre 2015 e 2017, sob a coordenação do professor Elison Antonio Paim.

História, publicados em meados da década de 1990 até os dias atuais, sendo a maioria na primeira década do século XXI, e ainda trabalhos na área de Geografia. A partir de 2010, existe uma produção significativa na área de Arquitetura e Urbanismo ou dentro do Mestrado Profissional do Iphan, o que parece ter influência da legislação federal e do Iphan.

Dentre esses trabalhos ressalto pesquisas realizadas no sul de Santa Catarina. Como uma série de textos do professor doutor Dorval do Nascimento (2020) sobre a presença da Ferrovia Dona Tereza Cristina em Criciúma-SC e a relação entre a produção carbonífera, o desenvolvimento e a modernização de Criciúma na região sul de Santa Catarina. A dissertação de mestrado em Geografia intitulada *As curvas do trem: a presença da estrada de ferro no sul de Santa Catarina (1880-1975) cidade, modernidade e vida urbana*, defendida no ano de 2000, com o objetivo de analisar as contribuições da presença da Ferrovia Dona Tereza Cristina em Criciúma-SC na formação do espaço urbano e na consolidação da cidade moderna.

Outro trabalho com patrimônio ferroviário, relativo ao sul de Santa Catarina, foi a monografia de conclusão de curso em bacharelado e licenciatura em História pela UNESC, *Estação ferroviária: lugar de memória e significações para a população de Lauro Müller-SC (1885/2014)*, de Raiany Ceccone Pescador (2014) sob orientação de Paulo Sergio Osório. Neste trabalho de 2014, a autora historiciza a estação ferroviária de Lauro Müller-SC em todos os seus usos identificando-a como lugar de memória por meio de entrevistas realizadas com moradores antigos que frequentaram o local.

No artigo intitulado *História ferroviária e pesquisa: a consolidação da temática nas pesquisas de pós-graduação no Brasil (1972-2016)*, Eduardo Romero de Oliveira e Lucas Mariani Correa (2018) apresentam em linhas gerais um apanhado de dissertações e teses que se dedicaram à temática ferroviária desde a criação dos programas de pós-graduação em 1972 até 2016. É justamente após a criação dos programas federais PRESERVE e o PRESERFE na década de 1990 que as pesquisas têm um crescimento significativo, o que torna perceptível esse marco:

Entre 1991 e 2000, há um aumento significativo do número de pesquisas, totalizando 41 obras. Fica evidente a mudança de interpretações e metodologia: o marxismo (história da resistência trabalhistas dos ferroviários) e história política e social. Aparecem mais estudos sobre regiões diferentes do Sudeste e Sul, já que boa parte das obras de todo o período se dedicará às estradas de ferro dessas regiões. (OLIVEIRA; CORREA, 2018, p. 148).

A região Sul do Brasil aparece junto com o Sudeste como região que concentrou o maior número de pesquisas dentro da pós-graduação nesse período e já inseridas em uma perspectiva social. Mas é a partir da primeira década do século XX que as diferenças aparecem

não só no aspecto quantitativo, mas qualitativo no desenvolvimento desses trabalhos acadêmicos. Os autores percebem que além de novas abordagens da história do trabalho, principalmente, os movimentos grevistas, a problemática histórica e a memória foram evidenciadas.

De 2001 a 2010, as pesquisas adquiriram novos enfoques, alguns trabalhos dedicaram-se à constituição e à modernização do trabalho no Brasil, com ênfase para as relações de trabalho e também os movimentos grevistas.

Por outro lado, há a inclusão das novas problemáticas, como as da memória e do patrimônio. Problematizou-se a rememorização afetiva da sociedade em relação às estradas de ferro e seus espaços, a fim de compreender a formação cultural de diversas regiões. Tais pesquisas se baseiam principalmente nos Annales, investigando desde estruturas físicas, como estações e rotundas, até o próprio imaterial, sentimentos, signos e imaginários. A memória da ferrovia foi referenciada enquanto elemento impulsionador da urbanização, associando-a à própria memória e à história das cidades ou mesmo à memória da própria ferrovia como patrimônio legalmente reconhecido (OLIVEIRA; CORREA, 2018, p. 152).

Na análise desse segundo recorte, Correa e Oliveira (2018) percebem como a memória da ferrovia aparece enquanto patrimônio legalmente reconhecido. É provável que a grande força da história oral a partir da década de 1990 tenha influência nessas pesquisas em que a memória ganha destaque e, mais uma vez, o PRESERVE e o PRESERFE tiveram peso na questão do patrimônio.

No último recorte analisado por Correa e Oliveira (2018), de 2011 a 2016, demonstraram que a temática ferroviária conquistou seu espaço na pós-graduação no Brasil, visto que no período foram 95 pesquisas realizadas entre dissertações e teses, sendo a problemática na sua interface com história, memória e patrimônio uma tendência proeminente. Aqui é possível perceber que esse crescimento se deu “por conta do destaque nacional que tomou a preservação dos bens ferroviários com a extinção da Rede Ferroviária Nacional e atribuição de responsabilidade dos bens ferroviários ao IPHAN, depois de 2007” (CORREA; OLIVEIRA, 2018, p. 153). Nesse sentido, a Lei. 11.483 de 2007, a Portaria nº 407/2010 e a Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário do Iphan de 2010 tiveram grande peso nessa explosão da temática e da problemática.

Diante dessa onda de pesquisas nos últimos anos articuladas à temática, a criação do conceito de patrimônio cultural ferroviário e a recorrência da interface com história, memória e patrimônio, cabe questionar: de que maneira esse patrimônio cultural ferroviário tem sido abordado? Os critérios usados pelo Iphan para dizer “esse imóvel é patrimônio cultural ferroviário”, “esse não” são adequados? Condizem com a realidade? O que percebi na pesquisa

de campo na região sul de Santa Catarina é que são, no mínimo, duvidosos esses critérios aplicados pelo Instituto, pois reconhecem como patrimônio cultural ferroviário os imóveis ferroviários que já são reconhecidos pela comunidade local ou que são utilizados para algum fim pelo poder municipal.

Atualmente, ocorre uma expansão dos estudos patrimoniais em diversas temáticas, acompanhada da participação de novos sujeitos no campo patrimonial, aumentando assim as possibilidades de outras abordagens e ampliando sua complexidade. Ao mesmo tempo em que vão acontecendo essas mudanças está sendo “estimulado o debate acerca dos problemas gerados pela museificação e o olhar turístico/exótico sobre o patrimônio” (PAIM, 2017, p. 264). Essas problemáticas repercutem no campo patrimonial e incidem nas aulas de História, que sabemos que têm suas particularidades em sua dinâmica.

Quando falamos de Educação Patrimonial e ensino de História devemos lembrar que o conceito de Educação Patrimonial esteve ligado ao pensamento moderno europeu, introduzido no Brasil por meio do projeto de consolidação do Estado nação. Segundo Paim (2017, p. 263), “esse entendimento de patrimônio subsidiou uma Educação Patrimonial civilizatória ou colonizadora de memórias, na medida em que negava no plano da História experiências divergentes do projeto Nacional”.

A visão colonialista do Iphan na sua fase inicial serviu em sua origem não somente para consolidar as bases do Brasil nação, mas “veio garantir o estatuto ideológico à constituição dos patrimônios históricos e artísticos e coube ao Estado nacional assegurar a sua preservação” (TOLENTINO, 2016, p. 43). A noção de monumento histórico e artístico no seu sentido moderno, que constituiu a ideia de patrimônio como categoria socialmente definida, preestabelecida uma percepção delimitada em conformidade com a regulamentação. Embora os debates decoloniais tenham levantado fortes críticas a essa fase inicial do Iphan, Átila Bezerra Tolentino (2016, p. 45), quem também participou da problematização deste contexto, afirma que:

Não se pode desconsiderar as dinâmicas e transformações por que passou a instituição ao longo dos seus 80 anos, bem como os novos instrumentos de preservação, práticas e acepções na lida com o patrimônio cultural, pautados na democratização e reconhecimento de diferentes saberes. Entretanto, formas autoritárias se perpetuaram ao longo dos anos nas práticas preservacionistas (sob a tutela do Estado), ao mesmo tempo em que conviveram com outras baseadas na horizontalidade e no respeito à diversidade cultural e aos saberes das comunidades e dos detentores dos bens culturais. Essa realidade repercutiu nas ações educativas voltadas para o patrimônio empreendidas pelo IPHAN ou no “(não) lugar” (SIVIERO, 2015) da Educação Patrimonial dentro da instituição.

Acontece que as leis ao mesmo tempo em que levaram a uma expansão do conceito de patrimônio acarretaram, sucessivamente, no aumento da patrimonialização através de inventários, registros e tombamentos. Em contrapartida, esses processos, muitas vezes, são “banalizados” ou “vazios” de seus sujeitos, pois a comunidade em que o patrimônio está inserido não participa ou não tem conhecimento significativo do processo. O termo Educação Patrimonial tem sido tema de debates a partir da década de 1990. A experiência desenvolvida no Museu Imperial por profissionais como Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro (1999, p. 6), que aliás foi legitimada pelo Iphan com o Guia de Educação Patrimonial, reafirma que a Educação Patrimonial é “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”, de forma que começa a ser contestada por outros autores críticos à dedicação quase exclusiva dada ao acervo patrimonial. Nesse sentido:

[...] em muitas ações educativas, sem que se abandonasse o patrimônio cultural formalmente constituído, foram superados os seus limites quando houve o reconhecimento de outros sujeitos produtores de bens culturais e oferecido, a eles, apoio para que definissem seus próprios acervos patrimoniais (GONÇALVES, 2014, p. 89).

No caso da Lista de Patrimônio Cultural Ferroviário do Iphan, o que se percebeu é que o bem ferroviário “valorado” pela instituição não tem necessariamente a participação da comunidade onde está inserido, desse modo, no caso da Casa do Agente Ferroviário que está localizada no centro de Morro da Fumaça, nenhum dos funcionários da prefeitura com os quais conversei sabiam sobre o processo ou registro e nenhuma ação educativa aconteceu. Está lá, em pé, mas talvez sem valor cultural para os sujeitos que no cotidiano vivem ao seu redor ou que participaram de sua construção.

Outro problema está relacionado à máxima “é preciso conhecer para preservar”. Nem sempre se preserva o que se conhece, pois muitas vezes, esse “conhecer” é de maneira contemplativa, acrítica e sem diálogo. Ou mesmo o posicionamento do sujeito em relação a um determinado patrimônio nacional ou local é de contestação, de negação. Átila Tolentino (2016, p. 45) traz exemplifica esta última situação:

Reflexos que comprovam isso são algumas pichações que encontramos em meio às cidades e centros históricos. Simoni Scifoni em palestra proferida no 5º Seminário de Patrimônio Cultural de Fortaleza, em 2014, lembrou as pichações feitas no Monumento às Bandeiras, no Parque Ibirapuera em São Paulo, durante as chamadas jornadas de junho de 2013, marcada pelas manifestações populares em todo país em protesto ao aumento das tarifas do transporte público. O monumento foi alvo de uma

grande pichação, onde foi escrito a palavra ‘assassinós’ nos bandeirantes ali representados.

Portanto, quando alguém tem conhecimento sobre determinado patrimônio, não significa que irá preservá-lo. Entendo que um projeto de Educação Patrimonial, isto é, uma ação educativa que proporciona um contato direto com o patrimônio, tem potencial para produzir identificação, no entanto, também é capaz de causar estranhamentos, distanciamentos e ainda contestações. A Educação Patrimonial deve buscar entender porque determinados bens são escolhidos, patrimonializados e outros são esquecidos.

No caso de Estação Cocal, nos perguntamos: Por que houve um apagamento da história da ferrovia? Restou apenas a Casa do Agente Ferroviário, mas por que ela também não foi derrubada? O que se desejou preservar com a sua manutenção? Percebo a importância de iniciar um projeto com os estudantes questionando a respeito daquilo que eles sabem sobre a história da ferrovia, a relação que eles têm com a Casa do Agente Ferroviário e a importância ou não que atribuem a essa construção.

Durante décadas, a Educação Patrimonial no Brasil esteve voltada somente ao material, as construções em si. Após o Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000, da criação do Patrimônio Imaterial pelo Iphan, os saberes das comunidades começam a ser preservados, portanto, iniciou-se uma democratização na escolha do que é patrimônio, do que deve ser preservado. Os saberes, as memórias, em outras palavras, o imaterial começou a ganhar espaço.

Desde a década de 1980, quando o termo surgiu, o conceito de Educação Patrimonial ampliou suas reflexões, atribuiu ressignificações e foi alvo de críticas no meio acadêmico, que visavam denunciar a inconsistência do significado de Educação Patrimonial ao dissociar os domínios do patrimônio e da educação, demonstrando assim suas incoerências. Das muitas críticas que a definição concebida pelo Iphan recebeu, destaco as de origem do Grupo de Trabalho Educação Patrimonial: perspectivas e dilemas, da 25ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Com o relatório publicado em 2007 por Silveira e Bezerra (2007), este Grupo de Trabalho, segundo Tolentino (2018, p. 39), apontou “para o modismo a que chegou à educação patrimonial, com proliferação de projetos e ações baseados nos bens patrimoniais, e que essa expressão caiu no gosto popular, mas muitas vezes de forma acrítica”.

Com ampla divulgação, a expressão Educação Patrimonial se tornou parte de políticas públicas e ganhou importância dentro do Iphan, em particular, nos últimos anos devido à criação da Gerência de Educação Patrimonial e Projetos (GEDUC), em 2004, transformado em Coordenação de Educação Patrimonial (CEDUC), em 2009. O Iphan realizou muitos encontros

para o debate do tema e assim construiu diretrizes, dentro do campo da educação patrimonial, o que gerou uma nova concepção do termo:

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos formais e não formais que tem como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas suas manifestações [...] Considera ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento por meio do diálogo permanente entre agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras de referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (FLORÊNCIO et al, 2014, p.19).

O fato de o Iphan conceber o patrimônio cultural como uma construção social já é uma mudança significativa, pois deixou de entendê-lo como um produto pronto, na medida em que não existe patrimônio antes da existência dos sujeitos sociais.

Outra problemática pertinente se concentra nos processos de seleção de patrimônios. O espaço desses processos é “concebido como um espaço de disputa política, econômica e simbólica, tende a reproduzir, como um discurso homogeneizante, a hegemonia de determinados grupos sociais dominantes, detentores de maior capital simbólico” (TOLENTINO, 2016, p. 42). Isso é notório, se percebemos que a maioria dos patrimônios culturais sob os cuidados do Iphan carregam a herança europeia, portanto, não é possível pensar em patrimônio, sem pensar em alguma relação de poder, desse modo configura-se um campo de conflitos e de construção social.

No meio dos debates e críticas contra a visão colonialista, cresce o número de pesquisas numa perspectiva decolonial. Os debates neste campo epistemológico mostram-nos uma nova ótica para compreender como se deram os processos de patrimonialização no Brasil e as ações educativas associadas. O sociólogo português Boaventura de Souza dos Santos (2009), um dos representantes desse movimento político-epistemológico, analisa o impacto que o colonialismo e o capitalismo modernos tiveram na construção das epistemologias dominantes, as quais serviram de instrumento para a anulação dos saberes de povos colonizados, silenciando seus conhecimentos. Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Menezes, combatendo as epistemologias coloniais, defendem o que chamam de Epistemologias do Sul, visto que dentre as regiões do mundo e a ecologia de saberes existentes, segundo Santos (2009, p. 12-13), o Sul é:

Concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procura reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Essa concepção com o Sul sobrepõe-se em partes com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e Nova Zelândia, não atingiram níveis de

desenvolvimento econômicos semelhantes ao Norte Global (Europa e América do Norte).

As Epistemologias do Sul apresentam-se como uma alternativa que entendem “a produção do conhecimento, de forma diferente, valorizando os saberes subalternos que resistiram aos processos dos colonizadores [...] trabalhando na perspectiva da horizontalidade dos diferentes conhecimentos” (TOLENTINO, 2018, p. 48). Nesta perspectiva, é necessária uma Educação Patrimonial que combata as práticas de patrimonialização e ações educativas colonialistas, que acabam reproduzindo a colonialidade do saber e do ser.

Em contraposição à concepção colonialista, me aproximo do termo Educação para o Patrimônio, na tentativa de diferenciação da Educação Patrimonial tradicionalmente desenvolvida no Museu Imperial por profissionais como Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro e que também foi legitimada pelo Iphan com o Guia de Educação Patrimonial. Preocupado com as “falácias” em torno do tema e no intuito discutir sobre aquilo que para ele não consiste na Educação Patrimonial, Tolentino, traz uma perspectiva crítica, democrática e dialógica e, portanto, com algumas características de inspiração decolonial. Para tal:

O patrimônio cultural, concebido como um elemento social inserido nos espaços de vida dos sujeitos, que dele se apropriam, deve ser tratado, nas práticas educativas, levando em conta a sua dimensão social, política e simbólica. Isso implica dizer, que, nas ações educativas, o patrimônio cultural não pode ser tratado como pré-concebido, em que seu valor é dado a priori, cabendo ao indivíduo aceitar essa valoração e reconhecê-lo como parte de sua herança cultural. Nas práticas educativas que se pretendem dialógicas e democráticas, o patrimônio cultural concebido como um elemento social implica reconhecer o jogo de forças existentes no seu processo seletivo e até mesmo de sua apropriação, em que estão imbricados os conflitos e as divergências na permanente luta entre memória e o esquecimento (TOLENTINO, 2016, p. 47).

Ainda, para Tolentino (2013) a Educação para o Patrimônio realizada de maneira dinâmica refere-se ao uso de uma metodologia apropriada a fim de que a escola se relacione com o patrimônio local. Desta forma, a partir de uma perspectiva que considero decolonial, escolhi uma proposta que entrelaça patrimônio e memória para realizar com estudantes da escola E.E. B Vitório Búrigo. Neste esforço, busco estabelecer uma Educação Patrimonial crítica que, ao mesmo tempo, reconhece os avanços alcançados pela Educação Patrimonial no sentido tradicional, mas, sobretudo, coloca a necessidade de ir além desta perspectiva institucionalizada, em direção à noção de Educação para o Patrimônio decolonial.

Por que decolonial? Ao dialogar com Luciana Ballestrin (2013), entendemos que perspectiva de pensamento decolonial procura transcender a corrente colonial constituída pelas

colonialidades do poder, do ser, do saber e da natureza que são constitutivas da modernidade e permanecem operando como padrão mundial de poder. Trata-se de uma forma de pensamento, cunhada pelo grupo Modernidade/Colonialidade no decorrer dos anos 2000 e que tem a intenção de inserir a América Latina no debate radical a perspectiva pós-colonialista. O pensamento decolonial rompe com a lógica de um único mundo possível e se abre para a pluralidade de caminhos e vozes dos diferentes sujeitos.

Dentro da decolonialidade, percebemos a Casa do Agente Ferroviário como patrimônios outros, que tem o potencial de fortalecer identidades outras as quais se colocam:

Em contraposição ao pensamento único colonial, os epistemólogos mais radicais da decolonialidade defendem o rompimento total com o pensamento eurocêntrico, enquanto que outros defendem o diálogo com autores que assumam uma perspectiva a favor emergência da (e respeito pela) pluralidade de saberes, da decolonização dos seres humanos, de outras formas de poder menos centralizadas, excludentes e opressoras (ARAÚJO; PAIM, 2018, p. 5).

A partir do diálogo com esses autores e autoras, que assumem o compromisso com a emergência da pluralidade de saberes e de identidades e ainda com a ampliação significativa da noção de patrimônio, posto a incorporação da noção de bem cultural na Constituição Brasileira de 1988, temos então os bens culturais enquanto “matrizes no universo dos sentidos, da percepção e da cognição, dos valores, das memórias e das identidades, das ideologias, das expectativas (MENESES, 2006, p. 37). Contudo, não é nossa intenção aqui nos iludir e afirmar que houve uma mudança radical e “que os processos de patrimonialização romperam totalmente com os mecanismos que contribuem para a manutenção das matrizes fundantes que reforçam a dominação do saber-poder característicos da colonialidade” (TOLENTINO, 2018, p. 55).

Dentro da CEDUC, antes citada, houve mudanças significativas, as quais apontam para possibilidades de diálogo. Nas palavras de Tolentino (2018, p. 55):

Embasado numa perspectiva educativa crítica e emancipadora freiriana, os debates produzidos nos fóruns e encontros temáticos, têm pautado as atuais diretrizes políticas e ações na área, aproximando-se dos anseios e ideais dos defensores da perspectiva decolonial.

Ao trazermos para este trabalho as narrativas orais, as experiências de vida dos moradores e moradoras de Estação Cocal, suas relações com os sujeitos que trabalharam na Casa do Agente Ferroviário e na ferrovia, bem como seus sentimentos e relações com esses patrimônios locais, pretendemos trabalhar para:

Defender a construção coletiva e democrática do conhecimento e a participação efetiva dos diferentes atores no processo de apropriação do patrimônio cultural considerando tanto os agentes institucionais como os detentores das respectivas referências culturais, é trabalhar sob o ponto de vista da ecologia dos saberes proposta

por Boaventura Sousa Santos. Configura, também, reconhecer que o patrimônio cultural é produto das relações sociais e dos significados que os indivíduos lhe atribuem (TOLENTINO, 2018, p. 56).

Para buscar o ensino da história local por meio de um projeto de Educação para o Patrimônio objetivando “a decolonização de corpos e mentes, é preciso assumir a perspectiva epistemológica Decolonial como um processo de ação pedagógico para a transformação social, e um caminho possível para a construção de um outro mundo” (OLIVEIRA; PAIM, 2019, p. 2). Percebemos que, a partir desses aspectos, Araújo e Paim (2018, p. 10), ao dialogarem com Guy de Varine, afirmam que a definição de patrimônio nos últimos tempos:

Passou a considerar o que tem sentido para uma determinada pessoa ou grupo, isto é, passou a ser todo bem, do mais modesto ou mais notável, tudo o que tem sentido para nós, o que herdamos, transformamos, transmitimos é o patrimônio tecido de nossa vida, um componente de nossa personalidade.

Então, entendemos que o patrimônio não é mais voltado apenas à uma construção identitária da nação, mas se tornou um espaço para consolidar identidades múltiplas tanto locais quanto regionais, mesmo em um mundo globalizado. Esta mudança pude perceber quando realizei as entrevistas com os moradores e moradoras de Estação Cocal, pois nas suas narrativas encontramos muitas coisas em comum como nos sentimentos de pertencimento à Estação Cocal, na relação afetiva não somente com a Casa do Agente Ferroviário, mas com toda a praça central que envolve também a ferrovia e a plataforma da antiga estação ferroviária, como veremos no próximo capítulo.

3 CAPÍTULO 2: “A casinha tem memórias”: Os relatos de moradores de Estação Cocal e a luta pelo não apagamento da memória ferroviária e da história local

Este capítulo apresenta os desafios, caminhos percorridos e as situações atípicas que atravessei para produzi-lo, incluindo a reflexão das mônadas como aporte metodológico e a produção destas a partir das narrativas orais de nove moradores e moradoras de Estação Cocal. Nas mônadas, esses narradores e narradoras da comunidade apresentam suas memórias e experiências de vida, bem como trazem suas relações com a história local e ferroviária, junto dos agentes ferroviários e suas famílias que moravam na Casa. Relatam sobre o significado que atribuem à história ferroviária de Estação Cocal; sobre o fim do trem de passageiros, a continuidade do trem de carga, a demolição da estação e ponderam sobre o destino e a situação atual da Casa do Agente Ferroviário. Nas mônadas, os narradores e narradoras apresentam a luta recente pela valorização e ressignificação do centro de Estação Cocal, destacando em suas narrativas o trabalho das Crocheteiras neste processo. Após a apresentação das mônadas, finalizo refletindo sobre o potencial das narrativas e das experiências de vida no ensino de História.

3.1. As entrevistas: o caminho, os percalços e as descobertas

Este segundo capítulo passou por muitos obstáculos para ser construído. Pautado nas narrativas orais a partir de entrevistas com moradores e moradoras de Estação Cocal, tive muita dificuldade em iniciar as entrevistas devido à pandemia causada pelo Covid-19. A pandemia e o isolamento social se iniciaram em março de 2020 e se estenderam até o ano seguinte. As aulas presenciais da educação básica e do ensino superior foram suspensas em Santa Catarina desde março ao longo de todo o ano letivo, o que fez com que a escrita deste capítulo e do terceiro tomassem rumos um pouco diferentes, protelando a construção deles. Pelo cronograma do projeto da pesquisa, as entrevistas seriam iniciadas no mês de abril, porém a região sul de Santa Catarina esteve entre as regiões em que o nível de contágio do Covid-19 foi considerado gravíssimo até meados do mês de outubro.

As pesquisas de campo ficaram impossibilitadas de serem realizadas, pois muitas pessoas, principalmente idosas, não gostam de comunicação por redes sociais e nem um primeiro contato com uma pessoa desconhecida por telefone. Outro agravante foi a questão de as moradoras e moradores antigos serem todos do grupo de risco na pandemia, em decorrência de suas idades avançadas. Eu já havia conversado com dois moradores no mês de março. Durante o início do isolamento social cogitei a possibilidade da realização das entrevistas por

telefone, mas eles solicitaram para aguardar, preferindo a realização das entrevistas de forma presencial, até porque não nos conhecíamos ainda.

No mês de setembro um dos moradores disse que eu poderia ir até a casa dele, onde ele me concederia a entrevista, tomando todas as medidas de proteção como o uso de máscara e o distanciamento. Mas nessa mesma semana faleceu um familiar seu e então só fui entrevistá-lo no mês de outubro. A maioria das entrevistas aconteceu no mês de outubro. Somente três entrevistas em novembro.

Cabe registrar uma mudança significativa sobre o tema deste capítulo que, inicialmente, seria pautado nas narrativas orais de moradores e moradoras antigos da comunidade de Estação Cocal. Mas por que a preferência por este grupo? Porque a pesquisa buscou dialogar com sujeitos que conviveram com o funcionamento do trem de passageiros (desativado na década de 1960), que andaram no trem e, portanto, vivenciaram o cotidiano da estação ferroviária e, portanto, conviveram com os agentes ferroviários e suas famílias, dentre outros funcionários da ferrovia. No total, foram entrevistadas sete pessoas que experienciaram a cultura do trem de passageiros e que se relacionaram de alguma forma com as pessoas envolvidas no meio ferroviário. Uma das moradoras entrevistadas, por exemplo, foi esposa de um capataz da ferrovia. Seu marido faleceu na década de 1980.

Mas a partir do momento em que se iniciaram as entrevistas, senti a necessidade de entrevistar outras pessoas da comunidade, cujo os nomes foram citados durante as primeiras entrevistas. Quem seriam elas e por que entrevistá-las? O motivo de entrevistá-las deve-se ao fato de que foram lembradas no decorrer das entrevistas iniciais como sujeitos que despertam um sentimento de pertencer à Estação Cocal e que mantêm uma relação afetiva com a Casa do Agente Ferroviário, com a ferrovia e com a antiga estação ferroviária, devido as suas ações de preservação e valorização dessa praça central e histórica.

Esse segundo grupo de moradores foi composto por pessoas que buscaram ou buscam, de alguma forma, por meio de ações comunitárias ou recorrendo à legislação municipal, preservar a memória ferroviária de Estação Cocal, a história local, proporcionando a revitalização do espaço que um dos narradores chamou de “centro histórico” de Estação Cocal. Suas atividades envolvem ou envolveram a manutenção da praça e o uso dela para exposições e festividades locais, com destaque para a manutenção, preservação, restauração e o uso Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal como patrimônio cultural da comunidade. Devido a essa relação afetiva com o patrimônio, alguns desses entrevistados e entrevistadas promoveram um movimento de ressignificação da praça central de Estação Cocal, como veremos adiante nas falas das Crocheteiras.

Dessas pessoas, duas delas nasceram em Estação Cocal, sendo que uma delas frequenta a comunidade há 15 anos, passando a residir no município há 8 anos, depois que se casou com o neto de um dos colonizadores de Estação Cocal, Vítório Búrigo, que inclusive dá nome à escola.

3.2. As mônadas como aporte metodológico e os narradores de Estação Cocal

Decidimos trabalhar e trazer as narrativas dos moradores de Estação Cocal por meio de mônadas, inspirados na imagem de rememoração trazidas nos escritos de Walter Benjamin, que se inspirou na Monadologia de Leibniz¹⁶. Com base neste aporte metodológico conseguimos reunir as sensibilidades, as receptividades e as percepções de cada um dos narradores e narradoras entrevistados.

As narrativas são meios de falar sobre as experiências, que podem ser apresentadas, no formato das mônadas, como podemos perceber em Walter Benjamin (2012) ao lermos o seu texto *A Infância em Berlim por Volta de 1900* e, “que são centelhas de sentidos que tornam as narrativas mais que comunicáveis: tornam-nas experienciáveis” (ROSA et al., 2011, p. 203). Walter Benjamin narra sobre sua infância em Berlim no início do século XX, a partir de miniaturas de histórias, cheias de significados, nas quais o autor apresenta sua rememoração desse período experienciado. Cada uma dessas histórias tem um título que está intimamente ligado ao que está sendo por ele narrado, como veremos em seguida nas mônadas construídas a partir das narrativas dos moradores e moradoras de Estação Cocal. Na definição do próprio Benjamin (2007, p. 69):

Em cada mônada, estão indistintamente presente todas as demais. A ideia é mônada, nela reside, preestabelecida, a representação dos fenômenos, como sua interpretação objetiva. [...] a ideia é mônada, isto significa, em suma, que cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo.

Então, o que pretendi na construção de mônadas como aporte metodológico foi em cada singularidade perceber o todo, nos detalhes de cada narrativa dos moradores e moradoras de Estação Cocal, procurei enxergar o universal sem perder de vista a particularidade do contexto. Também, inspirada em Benjamin, proponho escovar a história a contrapelo da

¹⁶ “Gottfried Leibniz (1646- 1716) foi um filósofo e matemático alemão. Estudioso do cálculo integral e do cálculo binário, que seria futuramente importante para o estabelecimento dos programas de computadores. Criador da teoria das Mônadas, unidades primárias do universo que compõem todos os corpos” (FRAZÃO, 2017). Disponível em: <https://www.ebiografia.com/gottfried_leibniz/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

linearidade, afastando-me de uma noção elitista, portanto, pretendi trazer à tona, a história dos subalternizados, dos esquecidos.

Cyntia Simioni França (2015, p. 105) ao dialogar com Walter Benjamin, diz que “a mônada é concebida como cristalização das tensões nas quais se inscrevem práticas socioculturais, plurais, contraditórias”. A autora também afirma que a mônada é um fragmento que salta do desenrolar do tempo linear. Cada mônada, na narrativa de cada morador e moradora de Estação Cocal nos apresenta as tensões de suas práticas, de suas experiências rememoradas num tempo não linear.

Em resumo, é possível considerarmos que “as mônadas podem ser entendidas como pequenos fragmentos de histórias que juntas exibem a capacidade de contar sobre um todo, muito embora esse todo possa também ser contado por um de seus fragmentos”. (ROSA et al.2011, p. 203). Podemos perceber, então, que em cada uma delas as outras também se fazem presentes.

Quando finalizamos as entrevistas com os moradores e as moradoras de Estação Cocal, chegamos justamente a essa consideração: a narrativa forma uma mônada em conexão com a outra, contempla outras partículas coletivas a partir de fragmentos de histórias de vidas distintas. A experiência coletiva está presente em cada mônada, em cada partícula reverbera o todo, a história de Estação Cocal se revela em meio as experiências de vida desses moradores e moradoras. “As palavras de Leibniz conectam a sua 'Monadologia' à apropriação da imagem das mônadas por Benjamin: cada uma delas é, a seu modo, um ‘espelho do universo’, que harmoniza em si o infinito e o particular” (ROSA et al., 2011, p. 205).

A professora e pesquisadora Técia Goulart de Souza (2020, p. 37), que trabalhou com narrativas em sua dissertação no Mestrado Profissional em Ensino de História ProfHistória, entende que as mônadas “representam narrativas do cotidiano e a oportunidade de pensarmos nossas experiências na inteireza do momento das rememorações por meio das narrações de com quem se fala e não de quem se fala”.

A organização das mônadas é um processo minucioso. Organizei e as agrupei em cinco categorias: 1 - As memórias dos moradores antigos de Estação Cocal pelos trilhos do trem: a infância, a estação, a Casa do Agente, o trem de passageiros, os agentes ferroviários e suas famílias; 2 - Significado da história ferroviária para a comunidade de Estação Cocal; 3 - O fim do trem de passageiros, a continuidade do trem de carga derrubada da estação ferroviária e o destino da Casa do Agente Ferroviário; 4 - O poder público de Morro da Fumaça e a preservação da Casa do Agente Ferroviário: moradores/vereadores e 5 - A luta recente na valorização e ressignificação do centro histórico de Estação Cocal.

Na primeira categoria, As memórias dos moradores antigos de Estação Cocal pelos trilhos do trem: a estação ferroviária, a Casa do Agente, o trem de passageiros, os agentes ferroviários e suas famílias, procurei agrupar as narrativas de moradores e moradoras antigos/as de Estação Cocal, que conviveram com o trem de passageiros, com a estação e a Casa do Agente Ferroviário em funcionamento e com os agentes ferroviários e suas famílias que ali residiram. São pessoas que rememoram suas lembranças da infância, adolescência, juventude e também de quando já haviam constituído suas famílias. Esses narradores e narradoras, trazem suas lembranças dos primeiros tempos da história ferroviária de Estação Cocal, da importância do trem para o transporte na região:

Ele era o feitor

Ele [esposo] trabalhou [na Estrada de Ferro] desde de lá de Barbacena [comunidade no município de Laguna], daí nós viemos morar aqui, mas ali na casa de turma e o agente ficava aqui [na Casa do Agente]... O trabalho dele era na Estrada de Ferro, os homens trabalhavam e ele ficava cuidando, ele era o feitor. E aí trabalhou lá em cima, quando nós compramos aqui [na casa que construíram], viemos para cá, quando nós viemos para cá a dona Maria [vizinha] dizia que eles iam pra Urussanga, à missa a pé, porque não tinha condução. [...]. Quando nós viemos morar aqui, quem morava na Casa do Agente Ferroviário era o Alberto Dagostin, ele cuidava da estação, quando os trens vinham. Ele tinha filhos, morava ali. Aí depois ele comprou, não sei, foi embora pra Criciúma, não vi mais. E aí onde eu morava na casa de turma tinha o seu Alcides... Alcides agora do que não sei [o sobrenome não lembra]... Eram quatro casas, uma aqui, outra ali, outra lá, era de lance. Eu morava na primeira de cá, eles moravam para lá... Eles davam a casa para a gente morar. E tinha ainda o motriz que vinha buscar a gente para ir no médico, o motriz da Estrada de Ferro, quando era para aplicar injeção nas meninas. Quando eu morava no Santana [Urussanga, quando ela casou, morou lá, depois em Laguna e então Estação Cocal] eu vinha para pegar o trem aqui, depois lá em Tubarão para ir na minha mãe em Pedras Grandes. Depois quando eu tinha que levar para o médico eu pegava o trem aqui, das onze [da manhã], ia lá pra Urussanga, quando era de tarde voltava. Se dava tempo, na mesma onze horas a gente consultava para depois já volta no mesmo [trem]. Quando ia para Morro da Fumaça, às vezes eu ia de trem e voltava a pé... Uma vez eu vim descalço e depois não conseguia mais andar! [risos]... O trem naquele tempo, ele ia com dois vagão pra levar carga e os outros era trem de passageiro... aí a gente pegava o trem, chegava ali na Esplanada [balneário pertencente ao município de Jaguaruna-SC], o trem parava ali pra depois esperar o outro pra ir pra Tubarão-SC, Laguna-SC [...] Eu lembro que as minhas gurias iam pra Morro da Fumaça, sempre pra aprender a costurar, elas iam de trem, pegavam às sete e meia, sete horas... naquele tempo no começo ia bastante gente de trem, depois começa a vir os ônibus. Depois pra Criciúma surgiu um ônibus, daí o vizinho, um dia foi para ir trabalhar, o ônibus não pegava, eles empurravam (*risos*)! Era o vizinho, ele comprou um ônibus, velho, de certo [risos]... Depois até os ônibus terminou porque todo mundo começou a comprar carro, no fim não sobrava ninguém para ir no ônibus, daí o ônibus parou, daí aqui não tinha mais nada, só a estrada de ferro...é o trem continuou com carvão ainda hoje, em Criciúma, também tem... acabou foi na enchente, de 72, né? Arrancou o trilho, tudo... depois construíram a estrada [novamente]. [...]. Eu fui em Criciúma uma vez, 14 anos, eu tinha, nós fomos lá na igreja, lá tinha a caixa do carvão, do lado da igreja, era aquele carvão...eles tiravam ali na... como é que eles diziam... na rua, não! Era carvão que tinha por cima do chão, assim, que eles tavam tirando ali, e as escolhedeiras, tinha uma caixa comprida, que aquela coisa trazia, a correia trazia, e elas ali. Mas tinha uma vez aqui, também! Vinha da Linha Batista [bairro de Criciúma limítrofe com Morro da Fumaça] e botava aqui e o trem levava. Eu lembro até que as escolhedeiras, teve

umas escolheiras que teve aqui em casa, elas eram de Urussanga, trabalhavam ali. É assim, eu não sei muita coisa, a gente morava lá no sítio, a gente era de pouco sair... Lá em Pedras Grandes-SC [onde ela nasceu e passou a infância e adolescência], nós lá, uma vez era só o trem que a gente tinha, já me criei quando o trem já estava ali, viajando, e a gente quando ia em Tubarão, a gente ia... Uma vez eu fui o jogo de trem, a gente ia até Tubarão de trem, porque não tinha outra coisa... (Amélia Pereira, 2020).¹⁷

A estação ficava de frente para minha casa

Eu morava do lado da igreja e a estação fica de frente para minha casa. Os trilhos passam até hoje na frente da minha casa. Do lado da igreja, tinha a escola velha que depois foi para mais próximo da igreja. Eu passei a morar na rua para a banda de baixo e moro aqui até hoje, na rua Eduardo Bergman. Eu me lembro que quando eles faziam uma reforma na linha do trem, eles traziam os vagões de passageiros, deixavam na frente da minha casa, num trilho ao lado do principal e ali eles ficavam meses e meses, eles faziam comida para todo o pessoal que trabalhava na estrada de ferro e vez em quando nós íamos com esse trem de passageiros para Urussanga, para a Fumaça [Morro da Fumaça], ia para a frente e para trás com esse trem de passageiros. Ali, os maquinistas, os cozinheiros, iam muito lá em casa para chupar laranja, laranja com farinha de mandioca. Nós tínhamos um engenho de farinha de mandioca, descascador de arroz e eles gostavam de ir na beira do forno para chupar laranja com farinha de mandioca. A gente tinha uma amizade muito grande com esse pessoal, por isso que a gente passou a ter um conhecimento maior de como era a estrada de ferro. E também, eu vou citar um fato, aqui. O meu avô era agente da estrada de ferro. Ele morava numa casa na lateral, nessa Casa do Agente morava outro encarregado. Ele morava numa casa própria que ele tinha, mais para a frente uns duzentos metros. Ele poderia morar na Casa do Agente, mas como ele tinha casa própria, ele não quis. Ele tinha uma família meio grande e daí preferiu morar na casa dele mesmo. Na época o meu avô era o que cuidava de todo o pessoal. Quando vinha o trem de passageiros, tinha uma bilheteria, na própria estação, tinha um pessoal que trabalhava na Estrada de Ferro, vinha uma secretária e um secretário, não era o agente ferroviário que cobrava. Eles tinham uma programação, eles sabiam quando ia ter as viagens e então deixavam o pessoal ali para cobrar. Não era chamado de secretária, mas era assim que funcionava. Tinha alguns que eram daqui, mas outros não eram daqui. Funcionava em horário comercial. O trem ia até Imbituba-SC, mas parava primeiro em Urussanga. A maioria dos agentes vinham de fora. Eu vou citar um caso, ele [o avô] se chamava João Manoel Brígido, mas para trabalhar na Estrada de Ferro tinha que ser brasileiro, então passou a se chamar João Manoel da Silva... ele era italiano, a família dele veio da Itália, ele teve que mudar o nome para trabalhar na estação ferroviária. E o meu avô, o pai da minha mãe, ele era uma pessoa muito correta, muito certa, ele queria as coisas certas e naquela época, eles tavam com frente de trabalho de expandir a ferrovia em direção à Urussanga. Só que tinha uns agricultores ali em cima que não queriam, eles não queriam que passasse a estrada e a Ferrovia, queira ou não queira, ela estava com o destino de passar, por ser uma empresa forte ela ia passar. Os agricultores de toda a região, da nossa região de Pedras Grandes, São João, Urussanga Baixa, Ribeirão, Rio Comprudente, Linha Torres, Linha Batista, Morro da Fumaça, eles traziam para que o trem transportasse para eles pra Imbituba, para o porto de Imbituba: farinha de mandioca, feijão, milho, arroz e porco. O porco era carregado morto e só rachava no meio. No trem tinha um vagão que era só para colocar os animais. Por que, o que havia nessa integração? A ferrovia trouxe o desenvolvimento, os agricultores aqui não tinham sal, não tinham azeite... Azeite nem existia, usavam a banha de porco. E aí eles compravam a farinha de trigo, eles negociavam produtos lá do porto de Imbituba. Eu andei no trem antes de ele parar de funcionar, mas naquela época a gente não se lembra, né? Era a mãe, meu pai. Eu nasci em 1962, o trem parou na década de 1970, eu tinha 8, 9 anos, só (José Hugo de Rochi, 2020).

¹⁷ É importante registrar que, todos/as os moradores e moradoras deram seu consentimento para o uso de seus nomes verdadeiros, tanto durante a realização das entrevistas como também ao assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo ambos devidamente arquivados pela pesquisadora.

Ia de trem visitar os avós

Eu, quando tinha o trem-horário aqui, eu embarcava aqui e ia até Morro Grande [comunidade de Sangão- SC, cidade limítrofe de Morro de Fumaça, ao norte], o meu pai me botava no trem ali, e eu ia até lá e os meus avós na porta da casinha esperando eu. Tinha uma estação lá, aqui não tem mais, só a casa do ferroviário [a Casa do Agente Ferroviário], a estação, derrubaram. O trem-horário passou aqui em 1922, daí daqui ia até Urussanga, em Urussanga acho que ia até o Caeté [bairro em Urussanga]... ia de tarde, outro de manhã, sete horas passava de volta... Eu moro aqui desde os meus 12 anos, acho, eu era novinho. Hoje tenho 78 anos. Meu pai morava no Sangão e do Sangão veio morar na Vila Visconde, aqui em Morro da Fumaça. Naqueles tempos, tinha o pessoal nos carros [vagões] de passageiros eles tavam sempre vendendo vergamota, torrãozinho. As pessoas aqui iam a passeio. E aqui eu me lembro que tinha o chaveiro, o seu Bertoldo Vicente e o seu José Souza. Tinha uma ocasião que o trem-horário vinha de Morro Grande até aqui para eles irem dançar o baile de São João. Então quando o trem chegava aqui na Estação, pegava o desvio e o pessoal está indo lá dançar o baile, já tinha seis carros de boi esperando porque era lama de fora a fora, para não molhar o sapato. Tem partes que já esqueci, mas tem muita coisa, né. Daqui nós ia até Urussanga, também, passear para lá. Até teve uma ocasião, o falecido meu avô morava aqui, ele ficou cinco dias de cama, dava um ataque nele. Eles queriam ir pra Urussanga, que era o doutor que atendia ali, mas não dava por causa da água de fora a fora, a enchente, a água atravessava por cima. Daí meu avô morreu, daí tinha o trem, mas não dava para ir por causa da água. Foi em 62 [1962] mais ou menos. Eu esqueci de dizer, que quando eu pegava o trem-horário para ir na casa do meu avô, eu chegava no Morro Grande tinha essa máquina que parava na posição do vagão, para do lado trilha e vinha uma de Araranguá, parava ali e ia até Tubarão (Jair Padoin, 2020).

Era um prazer para a gente quando passava o trem de passageiros

Estação Cocal não é um distrito industrial. Tivemos aqui as cerâmicas vermelhas que foi um período industrial. As famílias se formaram, nós tínhamos aqui uma série das chamadas olarias, "cerâmicas vermelhas", que atraiu muitas pessoas como também as minas de fluorita que aí consolidou o distrito aqui de Estação Cocal. Um fato marcante é que a gente tinha enchentes enormes aqui, aí construíram o canal do rio Urussanga, daí já não era como antes... [...]. Existe Cocal do Sul [cidade] e aqui passava o trem, trazido para transportar o carvão. Tinha muitos coqueiros, aqui, o "jerivá", natural dessa região. Cocalzinho era um apelido carinhoso. Eu sempre tive na memória que era Cocal Alto [atual Cocal do Sul] e aqui era Cocalzinho. Provavelmente se tornou Estação [Cocal] devido a construção da Ferrovia Dona Tereza Cristina. Sempre, sempre moramos nessa casa, a 50 metros do trilha, então absorvendo toda a movimentação. Era um prazer para a gente quando passava o trem de passageiros, nós íamos lá na estação, às vezes vinha algum amigo e a gente ia buscar, ou familiar. Cheguei a fazer algumas viagens no trem. Nós íamos para Morro da Fumaça ou Urussanga. Minha irmã era diretora do "grupo" lá de Morro da Fumaça, então às vezes, eu fazia algumas viagens com ela. Às vezes íamos estudar em Criciúma, e às vezes vínhamos até Morro da Fumaça de ônibus e depois pegávamos o trem para cá. A história da Estrada de Ferro, eles construíram em função do carvão, para o transporte do carvão. Aí veio a época, também, a construção da estação, era para armazenamento da farinha de mandioca. Na época se exportava muita farinha pra Alemanha. Ia até Laguna, Imbituba, de lá era exportada nos navios (Edson Búriço, 2020).

O trem todo dia passava aqui

Chegava nos domingos, quando tinha festa em Morro da Fumaça [no centro], eu saía do Rio Comprudente a pé, eu vinha aqui na Estação Cocal pegar o trem para mim ir na festa em Morro da Fumaça com as minhas amigas. Desde os meus 14 anos. Da casa do meu pai aqui dava 3 km, era bem pertinho. Depois eu vinha pelos atalhos de roças, a gente não vinha pela estrada geral. Aquela vez a gente achava caro, né, porque

a gente não tinha pagamento. A gente saía de casa com aquele dinheirinho e o que sobrava a gente tinha que devolver para os pais. O trem todo dia passava aqui. Eu me lembro do seu Alberto Dagostim com a dona Guilhermina que moraram ali. Eu me lembro mais do Sandoval, filho deles. Eu não lembro se eles tinham algum casado. Moraram bastante tempo ali. Eles que vendiam a passagem do trem. Ela era dona de casa, estava sempre ali pois era tudo pertinho. Mas ela era muito querida, ele também era um amor aquele homem. Eu ainda morava no Rio Comprudente. Eu me lembro bem deles, é porque eles já morreram, mas se fosse para ver eles, eu tenho eles na mente, a visão dos dois, porque eles não saíam da casa do meu pai. Eles conviviam com as pessoas daqui ele morava aqui, né. Eu ia de Estação Cocal para Morro da Fumaça às festas, de Morro da Fumaça eu voltava e tinha vezes que eu ia aqui de Estação para a festa em Urussanga. E às vezes, bem raramente, eu ia em Laguna na casa da minha tia que morava lá. Ia e voltava porque o único transporte que tinha era o trem. Tinha uma área, uns bancos para a gente sentar. Comprava a passagem e ficava ali esperando o trem para ir à festa... Eu não me lembro de ver vendendo... A gente ia mais lá mercado em São Pedro e aqui no seu Vitório Búriço, nós íamos sempre ali. Era tipo uma “venda”, que eles diziam uma vez. Se o meu pai tinha coisa para vender, e aí tinha um tal de seu Antônio Efraim, ele comprava porque ele tinha tipo um mercado, né, daí ele comprava as coisas do meu pai para vender lá em Morro da Fumaça. Quando eu vim morar aqui, que o trem passava, eu tinha que levar as minhas crianças lá para ver, eles não nunca tinham visto o trem. Aí às vezes o trem vinha, daí o caminhão da mina fluorita levava fluorita ali numa caixa que tinha ali para ser transportada. O trem ficava tempo, ali, porque tinha um desvio que o trem entrava de ré, daí eles abriam aquela caixaria e enchiam o vagão de pedra e tocavam para a frente de novo, daí vinha o caminhão despejava ali dentro, caía mais um vagão. Eu quando vim morar aqui, quando casei, já tinha a caixa ali. Depois derrubaram a caixaria, a mina foi desativada (Edia de Souza, 2020).

Eu lembro quando eles estavam botando o trilho

O tempo vai, o tempo vem, nós vamos e não voltamos mais. Eu já estou vivendo os 102 anos, dois, três meses. Minha saúde é de ferro, mas não valho mais nada... uma hora dessas estava lá no mato, se tivesse o pulso firme. Passo o dia inteiro ouvindo rádio, pelo menos eu fico por dentro do que se passa no mundo [...]. Eu já lecionei em 39 [1939] lá onde tem a represa, lá da Veneza [município de Nova Veneza- SC]. Nasci em 19 [1919] ali onde passava a estrada velha porque aqui passou em 1962. Eu me lembro quando eles estavam botando os trilhos da estrada de ferro, se bem que eles demoraram, passou primeiro na Esplanada. Estação Cocal passou depois porque eles queriam ver se dava de vim aí por Azambuja [município de Pedras Grandes- SC], mas acharam muitas montanhas. Eles descobriram o carvão. Tinha dois vagões de passageiros, também. Eu ia todo mês para Tubarão quando ela [a esposa] estava lecionando aqui em Tubarão. Porque saímos da "represa" porque daí ela achou uma vaga aqui. Aqui era só Tubarão, Urussanga, Criciúma e Araranguá, não tinha mais nada de município aqui. Voltamos para Estação Cocal porque lá era um inferno.... Se acontecia alguma doença, não tinha estrada, não tinha nada, só cavalo. Eu saía de lá 2 horas da madrugada para vir em Urussanga com a papelada da escola... saía de lá às 2 horas [...] O primeiro automóvel que veio aqui, assustou todo mundo, quando passava buzina e assustava todo mundo, passava correndo, nós moleque, de 9 ou 10 anos tinha medo [risos]... Eu nasci aqui em 1919, mas depois casei e fui lá para a represa [Nova Veneza], fui em 1939 morar na represa e em 1945 voltei para cá. Eu lembro quando eles tavam botando o trilho, mas naquele tempo não tinha máquina para carregar, era tudo “muque” [força braçal]... Para fazer o aterro, existia uma mula com uma carroça para carregar a terra. A maioria vinha tudo de fora, os trabalhadores, mas meu pai trabalhou ali, trabalhou do princípio ao fim. Mas só podia trabalhar no inverno porque no verão tinha roça. A maioria vinha do Rio Grande [estado do Rio Grande do Sul], quando acabaram a estrada de ferro, sumiram tudo, sorte que logo abriu as minas de carvão de Criciúma, daí dobrou de gente. Porque era tudo no muque, não tinha máquina, tu já pensaste? Fazer uma estrada de ferro abaixo de puxar terra com a mão, o cavalo e a picareta? Tinha de todo tipo de pessoas... eles iam tomar água lá no meu pai, eu me lembro como se fosse hoje, eu tinha 10, 12 anos. Eles demoravam

para fazer porque era tudo no martelo, enxada, na pá. Aquilo ali hoje, tem só a Casa do Agente que morava o agente que está em pé, o resto, já derrubaram tudo, onde a gente comprava a passagem para embarcar no trem. Quando eu mudei de lá para cá, eu ia todo mês de trem em Tubarão levar a papelada [da esposa]. Voltava de noite. O que lá [em Nova Veneza] eu fazia a cavalo, aqui eu fazia de trem. (Otávio Sorato, 2020).

O meu pai mandou uma remessa de porco até Tubarão de trem

No inverno às vezes o trem passava aqui ainda escuro, no verão não. Ele saía daqui às 7:00h e chegava lá [Tubarão] às 10:00h. Saía de lá às 16:00h e chegava aqui às 18:00h. O trem tinha vagão de carga e de passageiro, dois de passageiros e o resto de carga porque naquele tempo não tinha caminhoneiro. Era tudo trem que transportava carga. O que uma venda precisava vinha tudo de trem. Quando eu era mais novo, tinha 15, 16 anos, eu ia ajudar o Búriço aqui em cima, ele tinha a venda, o Vitório Búriço, avô daquele que mora ali, agora [o neto do seu Vitório Búriço ao qual seu Otávio se refere, é o Edson Búriço, também entrevistado]. Naquele tempo não tinha bar, naquele tempo marcava assim: Secos e Molhados. Na mesma venda tinha bebida, tinha fazenda [como denominavam os tecidos], tinha charque [carne seca], porque naquele tempo não tinha açougue por aqui. Vinha tudo nas tropas de mulas, passava ali carregada de charque dentro da bolsa, da bruaca que chamavam. Sabe que descia tropa de gado da serra para ir para o açougue em Tubarão, tudo tocado à mula. Os tropeiros, os tropeiros que passavam. Uma vez passou mais de duzentos porcos, tudo a pé. Uma vez o meu pai mandou uma remessa de porco até Tubarão de trem, isso mais tarde. Carregava farinha de mandioca, olha, era o que mais saía daqui [risos]. Saía 10, 12 vagões de farinha de mandioca e eu sempre carregando. Os “Búriços”, mantinham sempre ali em casa porque nós éramos em três, quatro irmãos grande, eles custavam achar para carregar e nós ia carregar. Carregava um vagão, pagava tanto, o vagão pegava 150 sacos cada um. Quando eu tinha 8, 10 anos, aqui em Estação Cocal não tinha mais que cinco famílias. Depois encheu bastante, depois que descobriram o fluorita ali. Mas hoje não tem mais, acabaram com a pedra fluorita, mas essa gente continua. O meu nome foi até para o Rio de Janeiro, nesses dias, no rádio, por causa dos meus 100 anos, sabe. Eu passei por tudo quanto é canto, no jornal [risos]. É raro uma pessoa que chega, não é fácil, sabe? A gente esquece muita coisa, eu esqueci de falar que eu trabalhei quase um ano em São Paulo, também. É, em 37 [1937] eu estava lá, fazendo a estrada de ferro em Sorocaba... Passei um ano terrível lá porque tinha malária naquele tempo. Fomos em 7, 8 daqui, fomos a pé até a Esplanada, na Esplanada pegamos o trem, fomos em Imbituba, no outro dia pegamos um cargueiro até Florianópolis, aí embarcamos num navio. Hoje eles vão em uma hora até São Paulo... naquele tempo levamos três dias e três noites sem ver terra, só água e céu. Fizeram uma estrada de ferro de Santos, subiram a serra, foram até Sorocaba, daí foram lá pra São Paulo [capital] (Otávio Sorato, 2020).

Era só o trem que se falava, nem avião não tinha

Não existia asfalto, o trem fazia tudo. E é uma pena, devia voltar de novo porque o trem é barato. Hoje, os caminhoneiros, é caminhão, é tudo, tudo caminhão, não tem mais nada aqui. Naquele tempo quando eu ia a Tubarão tinha dois vagões de passageiro e tinha três quatros de carga, né, eles pegavam aqui na estação. O resto era carro de boi, né, nós levávamos na filial em Cocal [Cocal do Sul, município limítrofe de Estação Cocal] lá, os “Búriços” tinham filial, lá... Era só o trem que se falava, nem avião não tinha. O dia que apareceu o primeiro avião aqui, eu nunca me esqueço, nós tínhamos um engenho de farinha de mandioca... Naquele tempo era tudo tocado a boi, porque não tinha energia [risos]. Chamaram porque tinha um negócio passando aqui, nós tudo assustado, passou um avião aqui, o primeiro que se viu, queimou até a fornada de farinha de mandioca [risos]. Passou aqui, nós nem sabia o que era, eu me lembro bem daquela vez [risos]. [...]. Naquele tempo, eu já tinha 10, 12 anos quando vi o primeiro automóvel. Eu ia no mato junto, no domingo, tinha a família do agente da estação que se chamava Fernando Nopólio, ele tinha duas moças e quatro... cinco rapazes que nós íamos, aos domingos no mato buscar bacupari [fruta]. Eles estudavam

tudo ali na escola. Antes de ser Vitório Búrigo, o nome da escola era Escola Mista Municipal. Era uma professora de Laguna, depois veio outra. Eu também estudei ali. O último agente ferroviário foi o Alberto Dagostin, muito amigo (Otávio Sorato, 2020).

Queria ir para Morro da Fumaça, não tinha carro e nem ônibus, a gente pegava o trem

Nos domingos a gente ia para a igreja primeiro, com as minhas amigas. Nos encontrávamos lá perto da estação, tinha uma graminha, umas árvores, a gente sentava ali, cada uma com seu namorado, conversando todos juntos. Depois, chegava de tardezinha cada um seguia para sua casa, nós íamos embora. Nos domingos, quando eu era solteira, não tinha loja de roupa aqui, então eu com a minha mãe, com a minha avó, pegava o trem e ia fazer comprar em Morro Grande de manhã, fazia um lanche lá e à tarde nós vínhamos embora. E nos domingos, também, nós queríamos ir para Morro da Fumaça, não tinha carro e nem ônibus, a gente pegava o trem, ia para Morro da Fumaça à missa, depois vinha embora a pé. E quando a gente fez a Primeira Comunhão, a gente ia para Morro da Fumaça, também, todos os meus irmãos e eu também. Nós parávamos em casa do meu tio, no outro dia a gente se confessava, fazia a Primeira Comunhão e vinha embora. Voltávamos a pé porque não tinha ônibus e o trem vinha só à tarde. Vinha de manhã e voltava à noite, todo dia. [...] E também quando a gente queria ir pra Urussanga, na minha irmã, nós íamos de noite e voltava de manhã bem cedo. Às vezes, nós íamos até na igreja a noite e voltava no outro dia, ia com o trem. O funcionário que morava na Casa, ele cuidava quando o trem chegava, porque carregavam pedras também. A mina de fluorita descarregava as pedras ali [nos vagões de carga], mas daí depois, com mais tempo. Aqui tinha três minas de fluorita, eles descarregavam as pedras na caixa na frente, bem perto da estrada. O caminhão descarregava dentro do trem, eles abriam aquela caixa e ia para dentro do trem. O carvão vinha lá de Santana [comunidade de Urussanga], e ainda hoje, passa muito carvão. [...] Eu lembro do seu Alberto Dagostim e seu Bertoldo Vicente. E as esposas, a dona Narmina Dagostim, morou ali a vida inteira, não faz muito tempo que foi embora e a dona Tomázia. Tinha a dona Amélia [uma das narradoras], mas não morava ali. O Pedro Alexandre morava perto, também, mas trabalhava mais no trilho para consertar [fazendo manutenção da estrada de ferro]. O último foi o seu Alberto Dagostin, já faleceu. Depois eles alugaram para uma pessoa, filha da dona Iolanda, ela colocou um instituto [salão de beleza]. E o seu Alberto depois foi morar na “casa de trem” em Criciúma. Os filhos deles nós fomos criados juntos. Tinha um filho dele que morava aqui perto da nossa casa, vizinho, depois ele foi embora pra Criciúma, também, mas já faleceu. [...] É, uma vez, a gente tinha que ir para a igreja primeiro, se não, não podia namorar [risos]. Tinha tipo uma padaria e a gente ia lá comer um pãozinho, tinha domingo que tinha soirê [baile] ali perto da farmácia, bem pertinho da estação, tudo pertinho. O mercado era ali pertinho, onde é o posto de gasolina, perto do meu pai, primeiro mercado. Tinha também a cantina de vinho e o açougue, tudo ali perto. Com o tempo, o falecido Eduardo Bergman colocou uma loja de roupa. Tudo era na frente do trem, ali começou assim. O seu Alberto Cechinel era dentista, ainda a casa existe ali, onde mora minha sobrinha. Aqui fazia parte de Urussanga, a comarca ainda hoje é Urussanga e o município é Morro da Fumaça (Dorisalda Smielewski, 2020).

A dona Amélia, com 95 anos, é uma das moradoras mais antiga de Estação Cocal, seu esposo, Antonio Saturnino Pereira, já falecido há mais de 20 anos, foi feitor da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina em Estação Cocal, motivo pelo qual se mudaram para a localidade na década de 1940. O seu José Hugo, além de morador antigo de Estação Cocal, sua residência está localizada em frente a praça central, portanto, consegue contemplar de sua janela ou da porta de sua casa: a estrada de ferro, a Casa do Agente Ferroviário e a plataforma da antiga

estação e também o trem, em algumas ocasiões, quando por ali passa. Ele traz em sua fala, suas lembranças de infância.

Com o seu Jair, de 78 anos, morador desde sua tenra infância de Estação Cocal, percebemos o trem como um transporte do seu cotidiano, que o levava até seus avós. O seu Edson Búrigo, neto do seu Vitório Búrigo, que dá nome a nossa escola, demonstrou o carinho e a relação afetiva com comunidade e pela história de Estação Cocal, pela praça central, pela Casa. Ele reside ali, muito próximo da praça, na casa que era de seus avós. A dona Edia, 72 anos, também moradora antiga de Estação Cocal, trouxe na sua fala suas lembranças de adolescente e de casada, quando era uma alegria para seus filhos ver o trem passar. O seu Otávio Sorato, de 102 anos, considerado o morador mais velho e mais antigo de Estação Cocal trouxe suas lembranças que remontam aos primeiros tempos da estrada de ferro, da estação e da Casa do Agente Ferroviário. Dona Dorisalda lembra com carinho de sua juventude, dos momentos que se reuniam na praça em torno da estação ferroviária, aos domingos com suas amigas.

Neste segundo momento, apresento as mônadas na categoria: Significado da história ferroviária para a comunidade de Estação Cocal. Com isto, procurei agrupar as narrativas em que os moradores e moradoras falam do significado da história local para eles, dessa história marcada pela construção da estrada de ferro, da estação ferroviária e consequentemente, da Casa do Agente Ferroviário. Nessas mônadas os moradores e moradoras narram sobre os benefícios no transporte com a chegada do trem de passageiros e de carga e sobre a permanência (quase resistência) da Casa do Agente Ferroviário na e da praça central:

Muita gente ia para Morro da Fumaça por cima da estrada de ferro

Não tinha estrada para chegar em Morro da Fumaça, era tudo mais ou menos picada de carro de boi. A partir do momento que eles fizeram a estrada de ferro, muita gente ia para Morro da Fumaça por cima da estrada de ferro porque não tinha problema de enchente, de água, tanto é que nunca passou água por cima. Já teve próximo, na enchente de 74 [1974], mas nunca passou. [...]. O meu pensamento sempre foi fazer dali um ponto turístico tanto é que eu tenho um projeto arquitetônico montado, tudo certinho para restaurar [fazer uma réplica] a estação nos mesmos moldes e fazer o entorno da estação um coreto, porque vinham os cantores de trem, vinham ali faziam serenatas no pátio da estação e os freis quando vinham fazer as visitas nas comunidades eles paravam ali, rezavam ali. E hoje o projeto que eu tenho ali, dentro da estação seria um museu, porque o espaço era grande. No outro espaço [Casa do Agente] teria a venda de bilhetes, seria reaberto para venda de bilhetes para o trem de turismo e daí se comprava a passagem para quem quisesse fazer o passeio de turismo (José Hugo de Rochi, 2020).

Era uma estação tão bonita

Acabou-se tudo, não tem mais nada. Tinha o ramal de Tubarão à Pedras Grandes, mas a enchente de 74 [1974] carregou tudo. Não tem mais nada! Só reformaram a casinha em Morro Grande. Porque é essa empresa aí, se fosse o pessoal da estrada de ferro do governo, eles iam reformar. O transporte era barato. Não me recordo quando parou o

trem, deveria ter marcado isso. Mas não tinha ônibus, depois veio a empresa São José, agora não tem mais nada de ônibus, acabou-se. Hoje todo mundo tem carro. Aquela vez que derrubaram a estação, muitos não queriam desmanchar, mas daí o pessoal da diretoria de Tubarão mandaram derrubar tudo. Não sei o porquê! Era uma estação tão bonita, grande que era. Ninguém cuida mais! (Jair Padoin, 2020).

Figura 18 – Vista do trem de carga passando pela praça de Estação Cocal.



Fonte: Acervo pessoal de Silvana Harger, dezembro de 2020.

É o nosso jardim

Ali é o nosso jardim, a gente nasceu e se criou com aquela Casa, ali. Tu vê, agora a gente está fazendo Natal Luz ali. É o nosso centrinho. Tem a igreja ali. A recordação da gente de criança... Aqui era tudo mato! Faz uns cinco, seis anos que começamos a fazer ali. Começou com uma sociedade da Silvana, depois a minha filha estava junto, bastante gente junto, tem uma associação. O primeiro ano foi muito lindo. A Casa poderia ser uma biblioteca, um lugar de visitação. Não deveria deixar cair! Uma casa quando ela é fechada, apodrece mais rápido. Se ela tivesse aberta, ela não estaria assim podre. Está caindo, não dá nem coragem de entrar lá, que perigo? Também acho que restaurar não gastaria muito. Isso aí é muito triste. Amanhã ou depois as crianças da escola chegam ali, a Casa não está mais, eles não saberão mais nada da história de Estação Cocal, né? As minas já se foram, não tem mais mina. A estação foi, também. É bom que faça, porque os velhos vão e os novos vão dizer o quê? Eles não sabem nada. (Dorisalda Smielewski, 2020).

Se eles deixassem, nós íamos reformar

Ainda no ano passado, veio o trem de Tubarão com Clube de Mães e foram almoçar lá na Mazon [vinícola em Urussanga], aí chegou em São Pedro, eles desciam. O trem ia até Urussanga e elas pegam uma *topic* e iam até a Mazon almoçar e aí depois voltavam para pegar o trem. Aqui teve um acidente, mas foi lá embaixo na Vila Rica, mas não foi naquela época, foi em 2002, eu acho. Foi com um ônibus escolar. Teve gente que morreu, teve gente que quebrou as pernas. Enquanto me lembro que eu saía de trem, nunca me lembro de ter dado acidente. Nós fizemos uma vez a festa com o Movimento pela Paz, ali na praça, com as crianças no Natal, nós fomos obrigados a colocar uma fita e ficou três, quatro ali cuidando das crianças. Nós pedimos a cerca, não deram. Até para a gente, a gente tem medo, tu tens que ficar cuidando a hora que tu podes passar. Foi feito um movimento: veio aquele da Ferrovia Tereza Cristina SA, veio o prefeito de Morro da Fumaça e de Cocal do Sul, mas não resolveram nada. Uma vez eles comentaram assim, que se eles deixassem, nós iríamos reformar para fazer Clube de Mães, Clube de Idosos, depois poderíamos fazer uma biblioteca. Daí

eles falaram que nós não podíamos mexer... Aí a gente tinha combinado assim: nos reunirmos e vamos supor assim: se eu pudesse dar cinquenta reais eu dava, podia dar menos ou mais. Nós íamos trocar o telhado, mas teve alguém ali e disse que nós não podíamos mexer. E toda vida que eu vou lá aquele homem vem ali. Eu não sei se ele vem bater foto, ele está sempre com o celular na mão. Ele está sempre com uma roupa marrom. Ele não conversa com ninguém. Até no tempo que nós fizemos o Natal, veio um homem de Cocal do Sul, eu acho, ele veio fazer xis [hambúrguer] para vender, veio outro e colocou sorvete. Mas era tudo cercado, nós tínhamos muito medo por causa das crianças. Era ruim mesmo por causa da travessia, atravessa de uma rua para outra. Daí fizeram uma escadaria e a prefeitura escreveu Estação Cocal de pedra, ali (Edia de Souza, 2020).

Quando o trem passava, era um atrativo

Eu conheci umas quatro famílias que residiram ali, que faziam o desvio para abastecimento. Por exemplo, tinha o trem que passava às 18:00 horas da tarde e eles faziam o alinhamento dos trilhos, viravam para que o trem não viesse a descarrilar. Eu lembro do seu Bertoldo Vicente, ele era aqui da região. O seu Alberto Dagostin. Era uma integração só! Eu me lembro do 1958, era Copa do Mundo meu pai com o rádio nas costas, reuniu o pessoal para escutar o jogo. Era na Suécia, então a diferença de fusos horários, os jogos seriam de madrugada, então, íamos todos lá pra Casa deles. Era um motivo de se reunir com a comunidade [...]. Eu saí para estudar, mas o vínculo continuou. Como eu disse antes, toda a minha infância foi aqui: minha primeira escola foi aqui, minha primeira professora, dona Nair Maragno, dona Elza Berman. Havia aqueles colegas, a gente conhecia todo mundo, uma comunidade pequena. [...]. Quando o trem passava, era um atrativo. Às vezes, a gente embarcava no trem e depois pulava, fazia as artes de criança [risos]. Sempre foi um convívio muito próximo com as pessoas. Tinha um casal ou outro de namorados que usava o banco da estação para o começo do namoro. Eu não residia aqui no momento da derrubada da estação. O derrubar, acho que foi assim um ato unilateral. A comunidade, hoje, parece que viu o que perdeu. Talvez se a gente tivesse se unido na época, não teria acontecido. O que consta é que foi feita uma doação dos tijolos para construção de residência. Então, é um sentimento profundo de perda, mas houve falta de conscientização da comunidade. Então, a estação e a Casa do Agente, eu fiz a minha parte: eu estudava em Florianópolis e o Emerson Padoin, um morador daqui ele ligou para mim lá em Florianópolis e disse: “Oh Búrigo, eles vão destruir a Casinha”. Eu fiz a minha parte, liguei para o prefeito dizendo “olha, isso é um absurdo”. [...]. Se não, provavelmente, a Casinha já não teria mais. Eu creio que as pessoas ainda residiam ali, eu acho até que pessoas que não tinham vínculo com a Ferrovia. Eu creio que moraram ali por bastante tempo. Foi os fatores que a Casa ali permaneceu, se não teria dado o mesmo destino que foi dado à estação. A derrubada seria o fim de uma história, de sentimentos das pessoas. Hoje, só se for derrubada com a ação do tempo, acho que pela ação do homem a comunidade não aceita mais (Edson Búrigo, 2020).

Estação Cocal: ela tem um significado bem grande para mim

Fiz todo o meu ensino básico aqui na Vitória Búrigo, depois estudei um pouco em Morro da Fumaça, Urussanga, Criciúma, enfim, passei toda a minha adolescência, minha infância, e agora já casado, duas filhas. Estação Cocal ela tem um significado bem grande para mim, também por ter toda a minha história aqui, depois vim trabalhar na Unidade de Saúde de Estação Cocal, então foi um ponto bem importante trabalhar na Unidade de Saúde, porque primeiro eu conheci a realidade aqui, as pessoas também me conheciam, então isso foi um aspecto bastante positivo. Bom, primeiramente antes da Casa, tem a questão do trem. Então no imaginário infantil, o trem, a linha férrea, ela era um espaço até de descontração, enquanto criança, adolescente. Porque não era uma atração, mas ver o trem também era interessante. Gostava, enquanto criança, ia para a linha férrea, gostava de andar por cima dos trilhos de mão dada com colegas ou colocava a bicicleta, para tentar ver quem ia mais longe. [...]. No meu imaginário a gente fazia assim, era meio crime também, a gente pegava aquelas pedras que ficavam nas caixas da linha férrea e colocava em cima do trilho para ver o trem quebrar, né?

[risos]. Então, isso é o primeiro imaginário que eu tenho como criança (Jacks Soratto, 2020).

Nesse conjunto, as lembranças de infância de Jacks remetem às brincadeiras e às travessuras no trilho do trem. Seu Edson recorda da infância, do atrativo quando o trem passava. Dona Edia manifesta o desejo de ocupar culturalmente a Casa do Agente, de reformá-la. A dona Dorisalda expressa um sentimento de afeto pela Casa e a praça, que frequentava quando criança, adolescente e hoje como adulta, preocupando-se com a preservação e também demonstrando tristeza ao relatar a situação precária da Casa em seu interior. Nas lembranças de adulto, seu José Hugo recorda que a construção da estrada de ferro trouxe benefícios não somente pelo trem como transporte, mas da própria estrada de ferro como via de pedestres em períodos de enchentes. Enquanto seu José Hugo, demonstra também um desejo da construção de uma réplica da estação, seu Jair recorda com tristeza a demolição da estação.

Na terceira categoria: O fim do trem de passageiros, a continuidade do trem de carga derrubada da estação ferroviária e o destino da Casa do Agente Ferroviário, procurei reunir as mônadas em que os narradores e narradoras falam do fim do trem de passageiros, da desativação e demolição da estação ferroviária, sobre os últimos moradores da Casa do Agente Ferroviários e também sobre a situação atual da Casa.

Em suas narrativas, os moradores recordam do período do transporte da pedra fluorita¹⁸, mineral este que foi descoberto entre meados de 1960 e início de 1970 em Estação Cocal, no bairro que leva seu nome, Mina Fluorita, localizado em torno de 7 km do centro do distrito. O esgotamento das minas deu-se no final dos anos 2000 e com isso, o trem de carga não parou mais em Estação Cocal, mas passa diariamente levando o carvão mineral de Urussanga para o município de Capivari de Baixo:

Não foi mais ninguém morar ali

Quando eu vim morar aqui eles saíram, também. Aí não foi mais ninguém morar ali, porque a estação tinha terminado, o trem tinha terminado [o trem de passageiros]... Eu não vi, eu morava lá em cima, depois aqui, eu saía pouco... Lá na casa de turma não morava mais ninguém, aqui [Casa do Agente Ferroviário], parece que depois que seu Alberto Dagostin saiu, acho que não teve mais ninguém, o seu Tomazin, mas morava naquela casa atrás, era o guarda-chaves, para o outro lado, que ainda hoje tem ali na esquina. Era o seu Bertoldo, era guarda-chaves, quando o trem vinha ele virava

¹⁸ “Seu nome deriva do latim fluere e refere-se à principal propriedade física usada em tempos passados para distinguir este mineral de outros, pois, ao ser aquecida, a fluorita funde-se e torna-se fluida mais facilmente do que os minerais com os quais era confundida. A fluorita é principal fonte comercial do elemento Flúor. Seus principais usos metalúrgicos são na fabricação do aço, como fluidificante de escórias, fabricação do alumínio, fundição de ligas especiais, fundição de zinco e magnésio. E na indústria química o uso mais tradicional é a obtenção do flúor elementar, fluoretos inorgânicos e ácido fluorídrico (HF), com os quais se obtêm outros compostos úteis às indústrias química, cerâmica, entre outras.” Fonte: Portal da Mineração. Disponível em: <<https://portaldamineracao.com.br/fluorita/>>. Acesso em 28 jul. de 2021.

a chave. [...]. É, essas coisas muito antiga a gente sabe pouco, né, porque a gente quando é nova não liga essas coisas, né? (Amélia Pereira, 2020).

Parou o trem de passageiros

Parou o trem de passageiros, logo em seguida começou, nos anos 70 [1970] começou o de fluorita. Aqui, bem na frente da minha casa tinha uma caixa que era para descarregar o fluorita. Eles faziam bem na frente da igreja ali, faziam a volta, encostavam de ré, e o trem de carga encostava embaixo da caixa e iam carregando o trem, os vagões. Ainda existia o agente ferroviário. Eu me lembro que tinha um agente que morava há uns três quilômetros daqui, era uma casa de agente também. Só podia morar lá quem trabalhava na Estrada de Ferro. Já foi derrubada. (José Hugo de Rochi, 2020).

A Casa do Agente a gente não deixa derrubar

Quando fecharam a estação, vinha algum vagão, tinha mina de carvão aqui para dentro. Eu também trabalhei ali: puxava o caminhão de lá e depois vinha o vagão, eu carregava o vagão, depois de um dia ou dois, vinha o trem só para buscar o carvão e ia embora. Daí não tinha mais trem de passageiros porque aí os ônibus faziam tudo e eles começaram a asfaltar os caminhos e o passageiro [trem de passageiros] acabou-se. Continuou só o trem de carga. A Casa do Agente, não deixam derrubar. Se ela cair sozinha, não sei o que vai acontecer. Deixaram ali por lembrança. A estrada de ferro [a empresa Ferrovia Tereza Cristina SA] não faz nada por aquela Casa, porque ali não mora ninguém. Faz mais de 100 anos que ela está ali, não custa nada ficar mais cem, né? [risos] (Otávio Sorato, 2020).

Eles vieram para derrubar a Casa do Agente

A estação foi derrubada antes da privatização, eu fiquei até surpreso porque foi muito rápido, eles derrubaram muito rápido. Anos depois, eles vieram para derrubar a Casa do Agente e eu estava na roça... Jurandir Niero um amigo meu que trabalhava numa cantina e sabia que eu gostava de cuidar desses patrimônios históricos, da cultura, foi lá me chamar... e eu vim da roça, até me arrepio tudo em falar... Eles estavam em cima da Casa tirando o telhado, já tinham tirado uma parte do forro e eu disse: ou vocês descem daí por bem ou por mal, porque a Casa não vai ser derrubada. A minha lembrança da estrada de ferro não é boa porque eu perdi o meu avô ali na frente da antiga estação. Ele foi pego por uma emboscada porque ele defendia que a estrada de ferro avançasse e alguém lá em cima não queria e contratou alguém para matar ele. Mas mesmo assim eu continuei preservando a história que é Estação Cocal. [...] A derrubada da estação aconteceu, acredito que foram pessoas que se aproveitavam, que queriam usar o material, foram e pediram para o prefeito na época e eles autorizaram e simplesmente foram derrubando.... Ela [a estação] já estava meia deteriorada mas dava para recuperar. A Casa por dentro é original... Morou um casal que ela era cabeleireira, e houve alguma modificação, mais tarde foi retirado o banheiro para colocar uma linha de trem atrás para expor uma máquina, uma locomotiva antiga que ficaria como ponto turístico, só que acabou não acontecendo (José Hugo de Rochi, 2020).

O fim do trem de passageiros

Faz bastante tempo que parou o trem de passageiros, uns 50, 60 anos atrás. Continuou transportando carvão e a fluorita, que é mais recente. Inclusive, se construiu um desvio, que até hoje permanece ali, com uma caixa, tipo essas de carvão, vinha o caminhão e descarregava ali. Os vagões ficavam parados ali, a medida que ia enchendo, eles já iam fazendo o transporte. Mas isso eu creio que é dos anos 60 [1960], 70 [1970]. A fluorita, existem produtos substitutos, novas descobertas, então ela já não era tão necessária, quando parou. Ela era utilizada na produção de aço, provavelmente por causa dos preços, das novas descobertas e grandes produtores como a China, fizeram com que a demanda diminuísse e algumas delas esgotaram os

seus veios. O carvão foi descoberto em Lauro Müller, Urussanga também tinha muitas minas. Mas a estrada de ferro, ela surgiu a partir de Lauro Müller para transportar o carvão que ali era extraído. Vem carvão de Criciúma, que lá também tem trem. Basicamente, o carvão é extraído para venda para termelétrica, para produção de energia de toda a região, aqui (Edson Búrigo, 2020).

Não saiu nada até agora

O que eu vou te dizer agora... se não me engano eles derrubaram aquilo ali para fazer um depósito, mas não saiu nada até agora. Teve um tempo que eles carregavam caminhão de mandioca, tinha dois três vagões ali, quando enchia todos de farinha ensacada, eles levavam pra Laguna. Nesse tempo, o trem ia pra Urussanga e depois vinha, pegava a farinha e ia pra Laguna, os vagões de passageiros iam vazios (Jair Padoin, 2020).

A Casa estava um tanto deteriorada

Muito se falou em colocar ali uma biblioteca. A última vez que eu vi [por dentro], ela estava um tanto deteriorada. Precisaria fazer reparos de assoalhos e do teto que, pelos anos de construção, precisa ter manutenção. A informação que eu tive é que a Casa está em comodato com a prefeitura, então eu creio, que se a prefeitura estiver usando, eles guardavam ali umas ferramentas de trabalho, então eu creio que seria uma ação do poder público. A propriedade eu creio ser da Ferrovia, se existe esse comodato, teria que ver (Edson Búrigo, 2020).

Se desmanchar aquela Casa, a gente fica triste

Essa Casa ninguém pode mexer sem ordem da Ferrovia. Deixaram a Casa, não sei porquê. A estação acabou tudo, não carregava mais a pedra para exportação. Aí deixaram só a Casa, igual um museu. O meu primo Tacuia falou em restaurar, mas ninguém se interessou. Mas talvez não foram falar lá na Ferrovia. Só uma pessoa não tem como, nè? Mas é uma pena, se desmanchar aquela Casa, a gente fica triste. Todo mundo fica triste (Dorisalda Smielevski, 2020).

É perceptível o sentimento coletivo de tristeza a respeito da demolição da estação, o fim do trem de passageiros, e a situação precária em que a Casa do Agente Ferroviário se encontra. Recordam também, do fim do trem de passageiros e do período do transporte da pedra fluorita que movimentou a economia de Estação Cocal entre os anos 1970 e 2000.

Na quarta categoria das mônadas, O poder público de Morro da Fumaça e a preservação da Casa do Agente Ferroviário: moradores/vereadores, agrupei as narrativas de dois moradores que atuaram como agentes públicos da cidade na condição de vereadores de Morro da Fumaça-SC. Esses narradores trazem em suas falas, suas participações e tentativas de concretizarem projetos e ações voltados para a preservação do patrimônio no distrito de Estação Cocal, incluindo a Casa do Agente Ferroviário e a valorização da história ferroviária e local da comunidade em que fazem parte:

Sempre lutei para transformar aquela Casa na casa da cultura

Eu tenho pedido para aquela Casa, é um pedido meu na Câmara, já há muito tempo, pedi várias vezes, para transformar ela na casa da cultura e seria também, um espaço que, com a escola ali pertinho, com todos aqueles alunos, eles viriam ali para fazer estudos... Uma biblioteca pública seria de muita valia para nós. Eu fui vereador

durante quatro mandatos, e nesses quatro mandatos eu sempre lutei para que conseguíssemos isso. Tanto é que se a Casa fosse recuperada, ia ter um espaço para o trabalho [exposição] dos alunos da escola, os alunos fazem muitos trabalhos e levam embora e acabam sendo extraviados (José Hugo de Rochi, 2020).

Há um dilema, porque esse espaço é um espaço da Ferrovia

Bom, referente aquele centrinho, há um dilema, porque esse espaço é um espaço da Ferrovia, tem uma legislação que ancora, mas muitas vezes a Ferrovia não mantém isso. Não sei qual é a prerrogativa, mas fica um espaço que gera ônus para o poder público municipal. Então foram feitas várias tentativas, eu ainda enquanto vereador, já sugeri várias coisas, enfim, melhorias. Mas é algo que sempre gera ônus para a prefeitura, em termos de manutenção, em termos de limpeza. A minha legislatura foi de 2010 a 2013, então, eu confesso que quando a gente chegou lá, pleiteamos algumas coisas. Tinha um vereador daqui que sempre teve uma pauta em defesa disso, que é o vereador José Hugo de Rochi, o popular Tacuia. Então sempre que íamos, não íamos fazer uma Indicação de algo que já foi feito. Como ele já estava há dois mandatos lá na Câmara, tinha feito amplamente várias demandas referentes a isso. A minha atuação na época teve a tentativa de viabilizar alguma coisa, mas não foi possível devido questões burocráticas. O Iphan abriu um edital, se eu não me engano, para a valorização de museus, parece que ia ter um recurso de 30 a 50 mil reais, para criar o museu. Procurei me cadastrar, para que a nós pudéssemos utilizar a Casa de repente para um museu ou para se tornar habitável, mas não deu certo. Eu sei que às vezes o museu gera mais uma pessoa para está lá, para abrir e fechar, mas para ter um espaço que pudesse ter a circulação. Hoje simplesmente está fechada. Eu não sei como está por dentro, talvez esteja bem deteriorada (Jacks Soratto, 2020).

Nas duas narrativas é possível perceber que houve uma luta política, tentou-se por meio do poder público viabilizar a restauração, a valorização e o uso da Casa do Agente Ferroviário como espaço cultural. É possível perceber também o desinteresse do executivo e da maioria do legislativo municipal a realização de qualquer ação voltada para a parte cultural do distrito de Estação Cocal, pois tive acesso por intermédio do vereador Vado Marcolino (mandato 2017-2020) a todas as Indicações¹⁹ feitas à Câmara de Vereadores e ao poder executivo do município e aos Requerimentos²⁰ feitos ao poder executivo e na Câmara de Vereadores de Morro da Fumaça-SC, para a Secretária da Cultura do município, para deputados estaduais, governadores e vice-governadores e até endereçadas à empresa Ferrovia Tereza Cristina SA.

Foram mais de doze (12) Indicações e em torno de dezoito (18) Requerimentos que aconteceram entre as legislaturas de 2001 a 2017. Em anexo, trouxe a primeira Indicação, de 2001 (ANEXO A) e a última, de 2017 (ANEXO B). A maioria dessas Indicações e Requerimentos, partiram do seu José Hugo De Rochi que, durante suas quatro legislaturas,

¹⁹ “**Indicação** é o documento legislativo que tem como objetivo sugerir a outro Poder que adote providências ou sugerir que uma ou mais Comissões se manifestem sobre determinado assunto”. Fonte: <<https://www.camaramedianeira.pr.gov.br/noticia/745>>. Acesso em: 24 jun. de 2021.

²⁰ “**Requerimento** é um documento utilizado para obter um bem, um direito, ou uma declaração de uma autoridade pública. O requerimento é uma petição dirigida a uma entidade oficial, organismo ou instituição através da qual se solicita a satisfação de uma necessidade ou interesse”. Fonte: <<https://www.camaramedianeira.pr.gov.br/noticia/745>>. Acesso em: 24 jun. de 2021.

enquanto vereador, tentou por meio da documentação a aprovação de projeto de reconstrução da estação ferroviária e restauração da Casa do Agente Ferroviário (que nominou nos documentos citados de *Casa de Turma*). Ocorreram várias Indicações e Requerimentos junto aos prefeitos, Secretária de Educação e Cultura e Secretário de Esportes e Turismo para que intercedessem junto ao Gerente de Suprimentos e Patrimônio da Ferrovia Tereza Cristina SA, de Tubarão, solicitando para que este interferisse intrinsecamente no sentido de ser feita a cessão de direito de uso ou comodato da Casa do Agente Ferroviário, imóvel de propriedade dessa empresa.

Jacks, enfermeiro e professor do curso de graduação de Enfermagem da UNESC, em Criciúma-SC, foi vereador de Morro da Fumaça-SC na gestão 2009-2012, na qual tentou organizar um projeto de restauração da Casa do Agente Ferroviário por meio de um concurso de museus. Não conseguiu finalizar as etapas do concurso, mas a sua trajetória na comunidade, bem como sua narrativa sobre a Casa do Agente Ferroviário e toda a história ferroviária de Estação Cocal evidenciam seu afeto e pertencimento.

Na quinta e última categoria das mônadas, agrupei as narrativas que nos apresentam um processo recente de valorização e ressignificação dessa praça central como um todo, por isso intitulei: A luta recente na valorização e ressignificação do centro histórico de Estação Cocal. Esse processo vai desde o reconhecimento que a violência local estava ligada à situação de abandono na qual praça se encontrava, à organização de um mutirão de limpeza e manutenção da praça, até o trabalho de decoração anual espaço com o trabalho das Crocheteiras.

Entre as quatro mulheres entrevistadas, ressalto que três delas fazem parte do grupo das Crocheteiras, um grupo que surgiu na comunidade de Estação Cocal no ano de 2016 e reúne em torno de 100 mulheres, mães e filhas, algumas já não residem mais em Estação Cocal, ainda assim todas fazem peças de crochê que são armazenadas na casa de uma delas e no mês de novembro, todos os anos, elas decoram a praça de Estação Cocal para o Natal. Até as janelas da Casa do Agente Ferroviário recebem a decoração. Fiz questionamentos como: Nunca teve um movimento de ocupar dentro, de fazer algo pela Casa? Qual a participação do poder municipal nessa ação cultural? O que acabei identificando em nossas conversas foi a existência de uma luta movida por um sentimento coletivo pela preservação da praça central, da praça histórica da comunidade:

A gente também estava aqui vulnerável

Um pouco antes de virmos morar aqui, começou a acontecer alguns atos de pessoas, de indivíduos estranhos, na nossa comunidade. Vinham aqui e aterrorizavam... Fizeram assaltos em vários lugares, roubaram butijão de gás, até que um dia roubaram

e colocaram nosso vizinho num porta-malas, daí foi inconcebível. A gente disse não! Nós não vamos mais admitir isso, porque a gente também estava aqui vulnerável e não só por isso, mas em solidariedade a ele.... Marcamos uma reunião e saímos convidando pessoas e, surpreendentemente veio trinta e poucas pessoas na primeira reunião. Todos interessados em resolver, o que nós vamos fazer? Vamos chamar a polícia? Vamos chamar quem? Vamos resolver isso... E então, convidamos também para essa reunião a PM [Polícia Militar], desculpe e convocamos os vereadores, várias pessoas e eles vieram... Se deu início o Movimento pela Paz Estação Cocal [...] um dos apoios que a gente conseguiu foi da Polícia Militar. Teve um integrante desse Movimento pela Paz que falou no Vizinho Solidário e nós então implementamos o Vizinho Solidário. Com essa implementação, começamos a ter palestras para aprendermos como nos proteger. [...] O comandante da Polícia Militar em Morro da Fumaça nos proferiu palestras e, numa dessas palestras ele disse que manter as praças limpas, manter as praças organizadas, frequentar as praças, fazia com que a violência se dissipasse um pouco porque a violência não quer lugares frequentados, a violência quer lugares ermos, a violência quer lugares que as pessoas não vão, a violência não quer se incomodar em dar um tiro numa criança, a violência não quer lugares ocupados. Então a gente começou a se tocar de que tinha que fazer alguma coisa pela nossa praça, que tínhamos que preservar a nossa praça (Silvana Herger, 2020).

Ela tem uma desimportância... desproporcional

A nossa praça aqui, a gente acabou nominando “Praça da Paz” é a praça da Casa do Agente Ferroviário que é aqui quase na frente de casa e perto da escola. Tem uma comunidade muito importante em redor: tem igreja, supermercado, escola, tem tudo muito perto e essa praça estava praticamente abandonada.... Tinha muito lixo, aí o pessoal resolveu fazer um mutirão [...]. Eu não posso nem ficar nominando pessoas, todos participaram muito, nós fizemos uma grande limpeza na praça que é mantida até hoje... Acredito que essa limpeza faz uns 5 anos, já. À Casa do Agente Ferroviário nós não tivemos muito acesso. Nós só tivemos um acesso externo, que foi da pracinha, mas a gente muito teve vontade de ter acesso e de fazer alguma coisa por aquela Casa, porque aquela Casa está localizada num lugar estratégico para nós, daqui de Estação Cocal. Para nós é um centro histórico. Ela tem uma “desimportância”... [silêncio], desproporcional ao que ela [a Casa] realmente representa. Eu já ouvi falar em três projetos que não tiveram uma sequência, não foram adiante. [...]. No começo a gente começou a frequentar a praça, mas só que tudo por fora da Casinha, é óbvio que a Casinha poderia nos ter aconchegado, a Casinha podia ter sido um momento de aconchego para nós e não, a gente fez tudo por fora da Casa, a Casa se isolou, a gente não teve acesso. [...]. Tivemos então, a ideia de enfeitar a praça no Natal. Depois da limpeza, do mutirão, ela ficou limpa, ficou maravilhosa, e hoje em dia é mantida limpa pela prefeitura. Foi a comunidade. Primeiro, nós queremos a praça, e daí vamos enfeitar a praça, para mantê-la, para manter a violência afastada. Como tu vai afastar a violência? Oh, tem gente aqui, tem gente ocupando! Como nós não tínhamos acesso à Casa, enfeitamos a Casa por fora, fomos na Ferrovia Tereza Cristina SA, nos deram as lâmpadas de Natal, enfeitamos por fora, fomos ocupando por fora, por dentro por enquanto não, porque a gente acreditava nos projetos que tinha. [...] É a Estação, é o nosso nome, a Casa, a nossa Casa.... Seria só Cocal o nosso nome? A história toda de Estação Cocal está ligada àquela Casa, tudo aconteceu em torno dela e da estação. Eu, particularmente, lamento muito que essa Casa não estar aberta e contribuindo de alguma forma culturalmente. Seria um sonho a restauração da Casa e poderia servir... A Casa é grande, eu não sei te dizer quantos metros ela tem, mas ela é grande! Ela é praticamente o tamanho da casa que eu moro.... Então, ela poderia abrigar qualquer projeto social. Poderia ser uma biblioteca, poderia ser o lugar das Crocheteiras. Resolvemos enfeitar a nossa praça todos os anos com crochês e já participaram desse projeto mais de cem mulheres, umas participam um ano, as outras no outro ano, quem pode... Porque somos quase todas mulheres: algumas viúvas, outras casadas e que já tem netos, uma um ano tem mais dificuldade porque está cuidando do netinho, no outro ano já pode porque o netinho já está encaminhado. Além dos nossos afazeres... Muitas dessas mulheres são mulheres que nasceram na comunidade ou que residem há muito tempo. Têm muitas idosas. Dessas mulheres, a maioria delas nasceu em

Estação Cocal. São as Crocheteiras de Estação! São mulheres, que elas não precisam nem fazer crochê para serem Crocheteiras de Estação. Ser Crocheteira de Estação é ter algum vínculo afetivo com Estação Cocal. Então, têm mulheres que são Crocheteiras da Estação que não moram mais aqui. Têm Crocheteiras de Florianópolis, mandam crochê para nós. [...] Recebi uma bolsa cheia de crochês que elas mandaram para nós. Quem tem amor, algum vínculo afetivo, gosta da nossa praça, quer que a gente se mantenha em segurança, porque o projeto Crocheteiras de Estação é um projeto que visa a nossa segurança. E manter a nossa praça em dia é uma forma de segurança, isso a gente aprendeu. E, óbvio, a restauração da “Casinha” para nós seria tudo que a gente quer (Silvana Harger, 2020).

Figura 19 – Praça de Estação Cocal enfeitada com as mandalas das Crocheteiras.



Fonte: Acervo pessoal de Silvana Harger, dezembro de 2020.

Nós limpamos tudo, depois plantamos flor

Quando decorou a praça ficou muito bonita. Agora esse ano vai ser feito tudo arco e dentro tudo de crochê [as mandalas]. A mulherada lá embaixo, tão fazendo. Eu também vou lá ajudar, mas o crochê eu não faço. Só ajudo pregar em volta, aí eu vou pendurar nas árvores porque ninguém quer subir nas árvores. Aí vai ser assim, de certo até nós conseguir arrumar ali... Porque em primeiro lugar tem que mudar é o telhado e o soalho também está bem estragado, tem buraco, tem que andar trocando os pés com cuidado. Para mim aquela pracinha é uma história, fica no meio da rodovia. No primeiro ano, o mato era muito alto, aí a gente se reuniu... Eu nunca me esqueço, era de morrer!... Os borrachudos mordiam a gente, eu vim embora tudo empipocada! Nós inventamos numa turma, nós do Movimento pela Paz carpir aquele paredão [a parte alta da pracinha], tinha o Nadinho Jacintho, eu acho que ele carregou 20 vezes o Pampa de mato... Pedra, ferro, vidro, jogamos tudo no aterro e cortamos a grama. Foi nós que começamos a cuidar, querida. O mato naquele paredão era tanto... ninguém queria carpir onde eu estava, porque eu tinha que ficar no lugar mais alto, o pessoal carpia embaixo e eu tinha que empurrar o mato para baixo. Se tu visse o que nós tiramos, tinha gente que jogava o lixo ali. Nós limpamos tudo, depois plantamos flor... Nós carpimos desde lá da saída do trilho [da praça] até na entrada. Aí à noite, todo mundo já estava cansado, porque nós fomos carpir de manhã e à tarde tirar tudo. Pensamos assim: “gente, à noite vamos fazer alguma coisa para nós comer?” O Nadinho disse que trazia a churrasqueira e dava o carvão, daí nós mesmo sujos, fizemos uma vaquinha e o seu Antônio foi lá e comprou carne, bebida, copos, pratos e nós só lavamos as mãos na vizinha, jantamos e fomos embora. Foi muito bom nós fazer. Eu não quero que seja derrubada e nem aquela que tinha na plataforma [a

estação], eu não queria que fosse porque lá no Morro da Fumaça eles arrumaram e tem gente morando (Edia de Souza, 2020).

Figura 20 – Praça de Estação Cocal decorada para o Natal pelas Crocheteiras.



Fonte: Acervo pessoal de Silvana Harger, dezembro de 2020.

Todo mundo está contente para fazer esse presépio

Estava tudo sujo, ali. Só existia bandido, só tinha gente que roubava, ia lá e assaltava os mercados, assaltava as lojas, aí a gente pensou assim: vamos fazer uma limpeza. Fizemos um mutirão, porque ali era um lixo, tá? A gente fez o mutirão, a gente arrumou tudo ali. Daquela vez para cá ninguém mais roubou, não dá mais para se esconder, né? Quando tem limpeza, eles sabem que tem alguém olhando. Depois, a prefeitura ajudou, também. Vê se tem mais roubo, não tem mais, o mercado era assaltado toda semana. Aí a gente começou o Vizinho Solidário nas casas, graças a Deus. Todo mundo está contente para fazer esse presépio, todo ano a gente já está empolgada para fazer, para arrumar. Todo mundo gosta, o pessoal que passa ali. Se essa Casa cair a gente vai continuar fazendo, mas vai ficar sem graça, né? No primeiro ano, aquela Casa, a minha filha foi em Tubarão [na Ferrovia], eles deram toda a mangueira, ela ficou toda iluminada (Dorisalda Smielewski, 2020).

Poderia ser mais potencializado a linha como um todo

Eu acho que é importante também registrar, antes de falar da Casa propriamente dita, particularmente, eu tenho sérias críticas no tocante à estrada de ferro como um todo. Por quê? Porque utilizaram durante muito tempo e continuam utilizando a estação de carvão, deixando um passivo ambiental em algumas cidades. Muitas vezes, a concessão é uma concessão nacional, não tendo a devida exploração para outras utilidades, talvez um transporte intermunicipal. Poderia ser mais potencializado a linha como um todo, a linha férrea como um todo. Essa é uma das críticas também, falta potencializar, explorar mais esse espaço, coisa que em outros países é tido como uma via prioritária. Porque não se utiliza isto, não se potencializa igual em outros países, a não ser somente para transporte de carvão? Deixou ainda um passivo, não se utiliza, não se traz benefícios por onde passa, por onde passa o trem. Em minha análise, só se traz o transporte hoje e do ponto de vista da urbanização, ele só traz prejuízo. Por quê? Porque tu tens um ruído, tu tens um prejuízo às casas circunvizinhas, tu tens uma série de acidentes que já aconteceram, inclusive minha tia foi vítima, foi uma das primeiras vítimas da ferrovia Tereza Cristina, que vitimou ela na década de 80 [1980], justamente aqui no distrito de Estação Cocal, matando ela. Então minha análise é assim, a ferrovia Tereza Cristina, claro que ela é responsável por levar o carvão para a Tractebel [empresa que administrava a Termelétrica Jorge

Lacerda em Capivari de Baixo-SC, onde é produzida a energia elétrica para a região sul de Santa Catarina], gera trabalho diretamente, mas para as cidades por onde ela passa é só passivo. Teve o acidente da minha tia, alguns acidentes de carro, sem contar a buzina, os horários que o trem passa, o ruído, enfim. Então, do ponto de vista de benefício local, diante dessa perspectiva como a Ferrovia trabalha, não vejo nenhum benefício dentro da perspectiva econômica deles. Poderia potencializar isso, e quando eu falo potencializar, é valorizar os espaços por onde transita, por onde o trem corre, daí inclui a Casa do Agente Ferroviário, transformar aquele espaço em um espaço útil, utilizar aquela bancada [a plataforma onde era a estação ferroviária] que era o local para desembarque... Daí teríamos uma outra perspectiva, porque seria uma visão mais germânica, inglesa, que gostam muito de trem. Utilizar esse espaço também, para humanizar o local. E hoje não se tem isso, hoje tem somente o transporte, a buzina. Agora que melhoraram um pouco as margens. Então talvez fosse essa a principal necessidade (Jacks Soratto, 2020).

A Casa do Ferroviário tem uma importância histórica para nós

Certa feita isso estava bem abandonado, a comunidade se reuniu, se organizou, planejou. Hoje tem o poder público que dá um suporte bem importante, no sentido principalmente, do corte da grama. A gente entende ali como o centro de Estação Cocal, tem toda uma história que corre por trás. Era onde o trem parava, era aí a muvuca, antigamente, era o centro. E esse centro hoje, está assim, tinha habitabilidade das pessoas, hoje não é habitável. Na década de 60 [1960], o pessoal habita aí para um escambo, uma troca, para um comércio, hoje já não tem mais. Talvez, esse local está assim, ele não é perceptível a quem transita. Até a comunidade se mobilizou, fez algumas ações para tornar habitável, frequentado. Só que não tem essa cultura de frequência das pessoas, porque historicamente não foi melhorado. Nós, nos últimos anos, as pessoas aqui de Estação Cocal têm se mobilizado no Natal, fazendo algumas atividades como piqueniques, eu frequentemente levo minhas filhas, mas é um espaço que pode ser muito bem utilizado. A Casa do Agente Ferroviário, tem uma estrutura, tem uma importância histórica para a gente, também. Até o próprio padrão arquitetônico tem um legado histórico. A construção eu não sei se foi feita de barro, enfim, mas a massa era de barro. Depois da década de 60, o período que foi mais circulado foi no centenário... Talvez seria um movimento interessante da comunidade, de repente a gente pode pensar nisso também: a cada ano de comemoração do aniversário de Estação Cocal, nós organizarmos um passeio turístico de trem, talvez valeria a pena, para ter um resgate da história local. Alguns governos conseguem recursos, a Casa é nossa aqui, mas até a chave fica com eles [empresa Ferrovia Tereza Cristina SA], a pessoa teve que suplicar para ter o acesso, então é algo que, às vezes, a gente fica de mãos atadas, a maioria do que foi feito, foi pela população. Eu acho que a preservação da história, ela é fundamental. Em minha análise a Casa tem que ser mantida, preservada, o problema é a cultura disso. A Ferrovia Tereza Cristina SA, ela tem um centro histórico lá em Tubarão-SC, eles não têm esse comprometimento com o local e daí como a gente vai manter isso? Quem vai custear essa restauração?... Eu entendo como fundamental. Agora eu também fico pensando: o prefeito tem uma locação para cultura, a cultura nossa já é frágil em termo de recursos, você vai tirar um recurso que poderia ser para a cultura para reformar um prédio histórico, já é limitado o recurso, fica difícil para o poder executivo. Fica uma situação bem difícil, ao mesmo tempo que eu acho que deve preservar e manter, eu também não sei como a gente conseguiria alternativas para isso. Mas acho que vale a pena essa defesa, de repente de um investimento para criar um lugar habitável como uma biblioteca, um museu ou até salas para computadores. [...]. Daí teria que ver todas essas articulações, porque é muito difícil. Quem sabe ceder para uma questão privada, para de repente montar um PUB [barzinho], um negócio que estimulasse as pessoas a estar nesse local, habitando esse local. [...]. Tu podes usar a cultura e a história, nesse caso, o patrimônio histórico para fomentar o desenvolvimento local, isso não é utilizado. Tu geras um espaço de convivência, as pessoas vão vir para comer, tomar um sorvete, isso já é promover saúde, lazer, o comércio se movimenta, as pessoas estando aí, há segurança, pois lugar que é habitado tem maior sensação de segurança... As coisas podem ser bem estruturadas a partir de uma simples manutenção,

potencialização de algo que está prestes a ser destruído ou desabar (Jacks Soratto, 2020).

Nas falas das Crocheteiras e de Jacks, é possível constatar um marco do início de um engajamento comunitário relativo não só à manutenção da praça, mas em também relação à Estação Cocal, a comunidade em si. Aqui vemos mais uma vez, a memória coletiva, a construção de um patrimônio de Estação Cocal. As falas se entrecruzam. A partir de um problema com a segurança da comunidade, iniciou-se um processo de valorização da praça central que antes encontrava-se abandonada. Essas pessoas que participam dessa ressignificação da praça central de Estação Cocal, falam com entusiasmo, com a sensação de dever cumprido com a comunidade, com a preservação do patrimônio e da história local.

Nessas narrativas, é possível identificar as experiências de vida dos “narradores anônimos”, daqueles geralmente subalternizados pela História tradicional e como afirma Walter Benjamin (1994, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Ainda segundo o autor:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão, no campo, no mar e na cidade, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como informação de um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Os moradores e moradoras de Estação Cocal não estavam condicionados a responderem uma lista de perguntas como em um questionário, engessados a um procedimento. Estes narradores estavam ali para falar de suas experiências, sobre suas histórias de vida em Estação Cocal, mas também falaram de experiências fora da comunidade, em outras palavras, narram experiências vividas e, portanto, cada um com seu jeito próprio de narrar destaca aquilo que faz sentido para si e para os outros.

Como bem observou Nara Rúbia de Carvalho Cunha ao dialogar com Benjamin, as mudanças de ritmos com as alterações nas formas de produção após a Primeira Guerra Mundial acabaram:

Distanciando os homens e se tornando barreiras para o intercâmbio do vivido, para a tecitura de uma trama comum, elaborada por um coletivo e (re) significada individualmente, num trabalho que envolve a memória, visto que nela os conteúdos do passado individual entrariam em conjunção com conteúdos do passado coletivo, resultando na experiência (CUNHA, 2016, p. 65).

Esse deslocamento que fazemos ao trazer os narradores e narradoras, movimentando essas lembranças de passados individuais que, como percebemos nas mônadas, contemplam um passado coletivo, é necessário e urgente pois dessa forma serão rompidas as barreiras criadas pelo individualismo capitalista para o intercâmbio das experiências.

Depois de realizar as entrevistas, transcrevê-las, analisá-las e construir as mônadas me dei conta do potencial dessas narrativas no Projeto de Educação para o Patrimônio com os estudantes da escola Vitório Búrigo. Nesse sentido,

A história oral na educação básica pressupõe uma concepção de ensino de História a partir do cotidiano da criança, do jovem, por meio de fontes orais, ganha novas dimensões, na medida em que possibilita a problematização e a reflexão sobre a realidade que o cerca. [...] A História tem o papel de auxiliar o aluno na busca de sentidos para as construções e reconstruções históricas (GUIMARÃES, 2006, p. 134).

Os estudantes conhecerão testemunhos vivos, da história de Estação Cocal, muitas vezes, reconhecerão essas pessoas, lembrarão delas como pessoas conhecidas, familiares ou até vizinhas. Porém, não conheciam a histórias de suas vidas, histórias marcadas pela história local, a história da comunidade onde vivem. Terão respostas sobre as coisas que mudaram e que permaneceram na comunidade, o que pode levá-los à busca de sentidos, a compreender o que está próximo na relação com o que está longe tanto no espaço, como no tempo.

4 CAPÍTULO 3: O ensino de história local na E.E.B. Vitória Búrigo

Este capítulo foi cercado de dúvidas e incertezas no primeiro momento. Com a intenção de desenvolver o projeto de Educação para o Patrimônio com os estudantes da turma 801 (8º Ano) da escola Vitória Búrigo, esperei até os últimos meses letivos de 2020 para produzi-lo. Tinha esperança da volta às aulas presenciais e de conseguir desenvolver o projeto. Mas infelizmente a situação da pandemia de Covid-19 no estado de Santa Catarina se agravou e não houve a volta das aulas presenciais. Também, as visitas ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC e o Passeio de Trem promovido pela instituição continuam suspensas por tempo indeterminado.

Haja vista a impossibilidade de colocar em prática o projeto, neste capítulo busquei relatar a experiência do projeto-piloto de Educação para o Patrimônio que desenvolvi em 2019 com os nonos anos da E.E.B. Vitória Búrigo. O projeto foi embasado já no planejamento de pesquisa aqui desenvolvido. Também neste capítulo, apresento o roteiro do projeto de Educação para o Patrimônio intitulado A Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal: aprendendo a história local pelos trilhos da memória, que será colocado em prática quando acabarem as restrições sociais devido à pandemia da Covid-19. Este projeto poderá ser desenvolvido por outros professores e professoras e também com outras turmas dos anos finais Ensino Fundamental e Ensino Médio da região.

4.1 O projeto anual da escola E.E.B. Vitória Búrigo dentro da disciplina de História

No início do ano letivo de 2019 a direção da escola anunciou o Projeto Anual da escola (ANEXO C), com o título Resgate Cultural Vitória Búrigo e o tema Sou escola e faço parte desta história. No mês de abril, a direção conversou com os professores e professoras e cada docente deveria trabalhar com a turma em que é regente um dos subtemas: 1) Distrito de Estação Cocal: Colonização, Educação, Religião, Cultura, Comunicação, Comércio, Saúde, Economia, Esporte e Política; 2) Resgate histórico da E.E.B. Vitória Búrigo; 3) Gincana VB – 2019 e 4) Concurso: Uniforme VB e Bandeira da Escola. Eu havia sido escolhida regente do 3º ano do Ensino Médio, então trabalharia o projeto da escola dentro da disciplina de História com essa turma. A minha escolha foi pelo subtema 1) Distrito de Estação Cocal: Colonização, Educação, Religião, Cultura, Comunicação, Comércio, Saúde, Economia, Esporte e Política, e essa escolha era muito óbvia para mim, posto todo meu interesse pela história local.

A história ferroviária de Estação Cocal sempre me instigou, como anunciei no início desta dissertação, e naquela ocasião vi a oportunidade de trabalhar a temática. Também no

período já tinha começado o mestrado e deveria pensar no tema de pesquisa. Os professores e professoras do programa haviam conversado conosco, principalmente a professora Mônica, que naquele semestre lecionou a disciplina de História do Ensino de História, na qual apresentou o plano da disciplina que contava com o trabalho final pautado na linha de pesquisa escolhida por cada um de nós. Mesmo sem uma direção predefinida, estava certa do meu interesse pela história local e, em particular, pelo o patrimônio representado na Casa do Agente Ferroviário e nas memórias a ela vinculadas.

Até começo de abril, cada professor e professora da escola deveria entregar para a direção o seu projeto inserido na sua disciplina. Nesse meio tempo, descobri a existência do livro Estação Cocal: 100 anos de História e consegui emprestado um dos dois exemplares da escola com a assistente de direção, visto que não tinha nenhum na biblioteca da escola (o outro exemplar era da assistente de educação). Precisava planejar o projeto da disciplina, que poderia ser interdisciplinar, mas naquele momento, todos já estavam com suas escolhas definidas. Montei o projeto no modelo padrão disponibilizado pela escola, o qual preenchemos de acordo com os subtemas escolhidos conforme ANEXO D.

Era um projeto simples, talvez com erros e equívocos na metodologia, nos objetivos, mas era um começo, uma oportunidade. Nesse momento, no mestrado, eu não tinha cursado a disciplina de Educação Patrimonial e até então não havia trabalhado com patrimônio, por isso tudo era muito novo, mas a cada dia a empolgação aumentava. Eu estava muito feliz, como professora, como pesquisadora e com a perspectiva de desenvolver esse projeto na escola para ter uma base para elaborar a proposta de pesquisa do mestrado profissional no semestre seguinte.

Na matriz curricular do Ensino Médio são duas aulas de História semanais que na maioria das vezes são no mesmo dia, portanto, nos encontrávamos uma vez por semana. Excepcionalmente, no ano de 2019, essas aulas eram separadas, uma nas quartas-feiras e outra quintas-feiras. Como eu era a professora regente da turma e eles teriam formatura no final do ano, em muitos momentos da aula tínhamos que falar sobre assuntos relacionados ao evento e também sobre as rifas para arrecadar dinheiro para viagem e festa de formatura, além das mensalidades e sobre a tradicional camiseta dos formandos. As aulas passavam muito rápido. Era Ensino Médio noturno e a maioria deles trabalhava durante o dia. Comecei a me questionar se conseguiria desenvolver o projeto de forma efetiva com eles, como eu havia planejado. Então, tive a ideia de perguntar à equipe de direção se eu poderia trabalhar o projeto também com turmas do Ensino Fundamental, mesmo não sendo regente de nenhuma das turmas. Para a minha surpresa, eles aceitaram! A única diferença é que com os 9º anos, o projeto seria somente

da disciplina de História, não faria parte do projeto anual que caberia à regente das duas turmas desenvolver.

Eu trabalho com os dois 9º anos (901 e 902) da escola, desde quando estavam no 6º ano (601 e 602), e por serem turmas dinâmicas com as quais sempre que propus atividades diferenciadas obtivemos bons resultados optei por escolhê-los. Ainda teriam mais três anos na escola, eu poderia então, quem sabe, dar continuidade nos anos seguintes, ampliando o projeto, modificando, mas sem abrir mão da história local. Assim ficou decidido: trabalharia o projeto anual com os dois 9º anos (turmas 901 e 902) e com o 3º ano (turma 3001).

Cabe ressaltar, que ao logo do capítulo incluí fotos de momentos com os estudantes durante o desenvolvimento do projeto-piloto de 2019. Todas e todos os estudantes tinham os Termos de Uso de Imagem devidamente autorizados e assinados por seus pais, mães ou responsáveis. Trouxe três exemplares de Termo de Uso de Imagem, de um estudante de cada turma: Andrei da turma 901, Kamily da turma 902 e Maria Eduarda da turma 3001, como consta no ANEXO E. Os demais estão arquivados sob responsabilidade da pesquisadora.

No mês de maio apresentei o assunto do projeto para a sala de aula, com as três turmas. Antes de falar do projeto, comecei a questioná-los: o que vocês sabem sobre a história de Estação Cocal? A Casa na praça, o que havia ali? Por que está fechada? Quem cuidava daquela Casa? E o trem, percebem que passa todos os dias da semana por aqui? Vocês escutam o barulho do trem quando estamos aqui nas aulas? O que o trem carrega? Por que o distrito tem esse nome: Estação Cocal? Quando construíram a estrada de ferro aqui? Também comecei a questioná-los se sabiam da existência de algum livro que falava sobre a história de Estação Cocal.

Para minha surpresa, quase nada sabiam, e realmente eles e elas não prestavam atenção no barulho do trem, que todos os dias passava a poucos metros da escola. Já estavam habituados como qualquer outro som da escola. Sobre a Casa, nenhum deles sabia que se tratava de uma casa do agente ferroviário, isto é, uma casa de moradia de funcionário da ferrovia. Não tinham conhecimento que ali naquela Casa, viveram várias famílias, contemporâneos de seus avós e bisavós. Eles se referiam à “casinha” lá de baixo, da pracinha. Quanto ao nome da localidade, nenhum deles também sabia o porquê do nome. Então falei para eles que eu havia percebido já há algum tempo que eles tinham pouco conhecimento da história de Estação Cocal e que como professora gostaria muito de trabalhar em conjunto a história da comunidade, propondo uma aula por semana para o estudo da temática. Expliquei para eles a serventia da Casa, que ali moravam famílias dos agentes ferroviários, funcionários que cuidavam da estação ferroviária que ali havia.

4.2 O desenvolvimento do projeto com as turmas

Nas aulas seguintes, na apresentação da proposta às três turmas trouxe o livro *Estação Cocal: 100 anos de História* (2004). Poucos tinham conhecimento de sua existência, do conteúdo e autores do livro. Então, como só obtive dois exemplares, decidimos fazer algumas cópias e dividir as turmas em grupo. Cada grupo ficaria com uma cópia durante as aulas para consulta. No primeiro dia que trabalhamos em sala de aula, divididos em grupo eles e elas deveriam identificar pessoas que reconheciam no livro. E assim alguns nomes foram identificados pelos estudantes como: vizinhos, dono do supermercado, o vereador, pessoas com os mesmos sobrenomes deles. Como o livro continha poucas narrativas, embora cite os nomes de muitas pessoas (mais de 40 nomes, a maioria homens) considerados pelos autores do livro, como “os primeiros moradores de Estação Cocal” ou seus filhos e netos, cada grupo (composto por 5 e 6 estudantes, cada) ficou responsável pela tarefa de escolher cinco nomes daqueles moradores mencionados e pesquisar sobre eles: estavam vivos? Se estavam, onde moravam? O prazo foi estipulado em 20 dias para fazerem esta pesquisa na comunidade.

Quando acabou o prazo, somente dois grupos da turma 901 encontraram dois de seus respectivos nomes: o de seu Otávio Sorato (pai de Rafael Sorato, um dos autores do livro) e o de José Hugo de Rochi (um dos autores do livro). A maioria das pessoas pesquisadas já havia falecido. Desta forma, a próxima etapa consistia em cada grupo pesquisar na rua e no bairro de Estação Cocal onde residiam, algum morador ou moradora que conviveu com o trem de passageiros em funcionamento, com a estação ferroviária ativa e com a Casa do Agente Ferroviário, investigando ainda se conheceram os agentes ferroviários. Teriam 30 dias para desenvolver esta atividade. A etapa seguinte propunha entrevistar esses moradores ou moradoras com a presença de cada grupo na entrevista. Contudo, infelizmente, outros nomes não foram encontrados e o calendário escolar, bem como os imprevistos recorrentes durante o segundo semestre do ano letivo, não nos permitiram realizar as entrevistas com seu Otávio Sorato e seu José Hugo De Rochi. No entanto, em 2020 consegui entrevistá-los, mas infelizmente sem a presença dos estudantes.

Durante a aula de cada semana, em cada turma, fomos explorando o livro. Na segunda semana, o primeiro capítulo e assim descobriram o porquê do nome Estação Cocal, que termo “Estação” fazia referência à construção da estação ferroviária junto à construção do trecho da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina e “Cocal” referia-se à grande quantidade de coqueiros que existiram na região, dando origem ao primeiro nome da localidade Cocalzinho. Eles também chegaram ao conhecimento por meio do livro da escolha do nome da ferrovia, que

inaugurada em 1884, fazia homenagem a Tereza Cristina, esposa do então imperador do Brasil, Dom Pedro II, e que “Dona” diz respeito a um pronome de tratamento dado à família real e nobres portugueses, no caso às mulheres, assim como “Dom” aos homens. Também entenderam qual foi o propósito da construção da ferrovia e daquele trecho que passava em Estação Cocal, que foi a descoberta do carvão mineral na região.

Enquanto eu conseguia dar sequência ao projeto com as turmas do fundamental, 901 e 902, com a turma 3001 foi bem difícil. Por estudarem à noite e trabalharem durante o dia, e ainda por terem só duas aulas por semana de 40 minutos, nas quais, muitas vezes, tratávamos das demandas relacionadas à formatura e também de conteúdos de História exigidos pelo currículo, sobrava pouco tempo para executar o projeto. Havia outro problema típico do ensino noturno: muitos estudantes faltosos. Algumas aulas faltavam até sete, oito estudantes. Os grupos ficavam desfalcados. Logo, tivemos que desistir da pesquisa com os moradores e moradoras, conseqüentemente das entrevistas.

Neste momento, eu já havia descoberto por meio de funcionários da escola, que existia um passeio de trem ali naquele trecho da ferrovia. Esse trem vinha de Tubarão-SC, passava por Estação Cocal e chegando até Urussanga. Comecei a busca na internet e descobri que quem promove o passeio de trem era o Museu Ferroviário de Tubarão-SC²¹. Lá fomos nós pesquisar sobre a instituição.

Então, pensei o quanto a visita ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC e o Passeio de Trem promovido pela instituição poderiam contribuir para provocar o interesse dos e das estudantes da Escola Vitório Búrigo para a história local, conectada com a história ferroviária de Estação Cocal, mas também com a memória da região de maneira ampla. Em um dia, no mês de setembro, que não trabalhava na escola fui visitar o museu. Lá consegui me inteirar da proposta da instituição, dos agendamentos escolares e ainda sobre o Passeio de Trem. Consegui então o contato para os agendamentos e também conversar com a museóloga da instituição, que é a pessoa responsável por recepcionar as escolas visitantes e guiar a visita, apresentando a instituição, a história e o acervo do museu.

Na semana seguinte, depois de ler o programa educativo do museu, concedido pela museóloga, Silvana, conversei com a equipe de direção sobre a proposta do museu e sobre o

²¹ Que como já citamos no primeiro capítulo é uma instituição sem fins lucrativos, de natureza institucional privada, cuja mantenedora é a SALV – Sociedade dos Amigos das Locomotivas à Vapor. Atua como museu desde 1997 e tem como propósito salvaguardar, preservar, comunicar e difundir o patrimônio cultural ferroviário do sul de Santa Catarina. O museu não é oficialmente aberto ao público, embora atenda a visitantes eventuais e agendamentos escolares. Disponível em: Programa Educativo Cultural-Parcerias do Museu Ferroviário de Tubarão-SC (arquivo fornecido pela museóloga da instituição, Silvana).

Passeio de Trem e a viabilidade das duas saídas. Depois da confirmação de ambas possibilidades, acompanhei as turmas nas saídas de campo. A maioria ficou interessada nas duas propostas e fizeram muitas perguntas, principalmente, sobre o Passeio de Trem. Professora, o trem vai até onde? Nós vamos parar em Estação Cocal? O que vai ter no trem? Posso levar meus pais? Posso levar meu namorado ou namorada? Professora, era o sonho da minha tia fazer esse passeio, posso levar ela? Podem estudantes de outras turmas? Eram muitas perguntas, a semana foi de muita euforia.

Mas tinha algumas questões a discutir e pensar. Quanto à Visita de Estudos ao Museu, só poderiam ser em dias da semana no período diurno, por esse motivo a maioria estudantes da turma 3001 não poderiam ir. A questão do transporte estava mais tranquila, pois a escola conseguiu junto à prefeitura do município um ônibus. Quanto ao período de aula, decidimos que as três turmas iriam no turno da tarde, assim no dia da Visita de Estudos ao Museu estudantes da turma 901 (do período matutino), e poucos da 3001 (do noturno) viriam no período vespertino, acompanhados da turma 902.

Quanto ao Passeio de Trem, o que mais pesou foi a questão financeira, um problema que atinge milhões de estudantes da escola pública no Brasil. O evento acontecia somente aos finais de semana com o custo de 70,00 reais. Muitos dos nossos estudantes pertencem a famílias carentes e corria-se o risco de muitos pais não terem o dinheiro, posto que já estávamos no mês de junho e as passagens tinham que ser pagas com um mês de antecedência. Pensamos em promover uma rifa, um bazar, mas a direção da escola considerou inviável. Outra questão era que o Passeio de Trem acontecia todos os meses, mas o itinerário que passava por Estação Cocal, ocorria somente no mês de agosto. Mas entrando em contato com a administração do Museu, descobrimos que o prefeito de Urussanga havia acertado com eles de promover dois Passeios de Trem nos dias 23 e 24 do mês de novembro (sábado e domingo) como marco da abertura do Natal. O trem partiria às 8h30min da estação ferroviária de Urussanga, iria até o Balneário Esplanada (pertencente à cidade de Jaguaruna-SC) com previsão de volta às 11 horas. Sendo assim, os estudantes teriam uma semana para conversar com os pais sobre a possibilidade de irem ao Passeio de Trem.

Já estávamos no mês de julho e logo vieram as férias. Somente no mês de agosto conseguimos fechar a lista para o Passeio que contava com 43 nomes, incluindo uma segunda professora da turma, a colega e professora, Schirley, a professora de Geografia da 902, e a professora e amiga Vanessa. Acertei com o administrativo do Museu, que pagaríamos em duas vezes para facilitar o parcelamento para os pais durante os meses de outubro e novembro, e iríamos então no dia 24 de novembro 2019, domingo, realizar o esperado Passeio de Trem.

4.3 A Gincana VB 2019: A participação da turma 3001

No final do mês de maio iniciou-se a gincana da escola, a Gincana VB 2019 com o tema do Projeto Anual da escola Vitório Búrigo: Sou escola e faço parte desta história. Cada regente²² recebeu o regulamento e as provas com antecedência. As gincanas da E.E.B Vitório Búrigo acontecem por turnos, a gincana do período Matutino, Vespertino e Noturno. Cada turma compõe uma equipe, portanto, a dinâmica é intersalas.

A primeira etapa aconteceu dia 28 de maio de 2019, com os Jogos Interséries, a segunda etapa no dia 12 de julho com a Festa Julina. A terceira etapa só ocorreu depois das férias de julho, dia 28 agosto com a 2ª Fase do Interséries. Já a quarta etapa foi realizada no dia 7 de setembro com a participação das turmas/equipes no Desfile Cívico de Sete de Setembro. Por fim, a quinta e última etapa do projeto anual da escola aconteceu dia 12 de setembro e parte das provas desta etapa eram relacionadas ao tema e subtemas do projeto anual.

Uma das provas, era a Prova da Mascote e assim, cada equipe deveria escolher um ou uma estudante para ser mascote, e esse mascote deveria ser caracterizado e receber um nome relacionado ao tema desenvolvido no projeto anual de cada disciplina. A mascote deveria permanecer fantasiada durante toda a gincana, contendo um crachá com a respectiva série e o nome escolhido pela sala de acordo com o tema do projeto da turma. Junto aos estudantes da turma 3001, escolhemos o nome *Maria Fumaça*, e coincidentemente, o primeiro nome da estudante escolhida era Maria. A escolha do nome deu-se devido ao fato de as locomotivas a vapor no Brasil receberem o apelido de *Maria Fumaça*, em razão da grande quantidade de vapor e fuligem expelida por sua chaminé. Assim produzimos nossa mascote como podemos ver na foto abaixo:

²² No caso da 3001, éramos regentes eu e a professora de Língua Portuguesa, Gladis. No início do ano letivo de 2019 eram duas turmas, 3001 e 3002, mas a escola resolveu que juntá-las devido à diminuição no número de estudantes.

Figura 21 – 5ª Etapa da Gincana VB 2019: Foto da mascote *Maria Fumaça* com parte da Turma 3001 e a professora regente Daniela.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, setembro de 2019.

Outra prova dessa etapa foi a confecção de um cartaz contendo o nome do projeto, a identificação da turma e das professoras regentes, podendo ser utilizados desenhos, gravuras e colagens, com a exigência de um título para compor o cartaz, novamente, relacionados ao projeto da disciplina. A professora Gladis, também regente da turma, realizou um projeto da disciplina de Língua Portuguesa separado do projeto da disciplina de História. Mas na Gincana, tínhamos que juntar as ideias.

Depois conversamos com os estudantes e de surgirem algumas ideias, a escolha foi pintar a Casa do Agente Ferroviário. O mais interessante é que partiu dos estudantes a proposta, assim Evélin produziu o cartaz, cuidando de cada detalhe como: as cores, o trilho do trem a frente, a escadaria atrás e a lixeira ao lado. O título foi proposto pela professora Gladis: Patrimônio Ferroviário de Estação Cocal... o lugar onde vivo. Desta forma, ela juntou as temáticas dos dois projetos, na primeira parte do título fez referência ao projeto de História e na segunda ao de Língua Portuguesa, visto que naquele ano desenvolveu com os estudantes o tema: O lugar onde vivo. Segundo a professora Gladis, o objetivo geral foi valorizar a comunidade, pois o lugar onde moramos deve ser o lugar mais importante. A partir do respeito e da valorização da história das gerações pode-se avançar e conquistar o mundo, certo de que o lugar onde nasceu estará sempre com você, fazendo parte de sua história que influenciará e será influenciada por outras vidas. Cada estudante analisaria algo expressivo ou importante para si, desde que relacionado com o lugar onde mora. Por acaso, as temáticas casaram muito bem e o resultado chamou a atenção de estudantes e professores:

Figura 22 – Quinta Etapa da Gincana VB 2019: Cartaz com a pintura da Casa do Agente Ferroviário.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, setembro de 2019.

Essas atividades durante a Gincana 2019 da escola contribuíram significativamente na construção desta dissertação. E nessas pequenas atividades como uma gincana estudantil, os temas história local e patrimônio cultural se entrelaçam com o ensino de História. Mesmo que não de modo substancial, os estudantes da escola Vitório Búrigo se envolvem com a história de sua comunidade, algo que até aquele momento estava distante deles.

4.4 Se familiarizando com o tema museu

No segundo semestre do mestrado, em uma das etapas da disciplina de Educação Patrimonial e Ensino de História, a professora Mônica e a professora Carmem²³ (convidada pela professora Mônica) começaram a trabalhar sobre as instituições museológicas. Trouxeram vários referenciais teóricos e dentre eles destaque a leitura de Ulpiano Bezerra Meneses (2010) com no texto O Museu e a questão do conhecimento. Este capítulo foi fundamental para que eu entendesse as instituições museológicas, tema não estudado antes na graduação e nem na especialização.

²³ Possui graduação em História pela Faculdade Cenecista de Osório (1988), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003) e Doutorado em Educação pela UFRGS (2009). Estágio pós-doutoral na Universidade de Buenos Aires (UBA/Argentina), com auxílio CAPES (2015). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua na área de Ensino de História. Membro da COMEX-FACED 2011-2012. Membro da Comissão de Graduação da História 2011-2012. Participa do Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS (LHISTE). Integrante dos Grupos de Pesquisa: Estudos em Memória, Museus e Patrimônio - GEMMUS e Grupo de pesquisa do LHISTE/UFRGS. Professora no Mestrado Profissional em Ensino de História. Tem experiência na área de História, com ênfase em Ensino de História, atuando principalmente nos seguintes temas: jovens, Educação, Patrimônio e ensino de História.

No capítulo de livro: Museu e a questão do conhecimento, o museólogo Meneses (2020) trabalha as múltiplas funções do museu. O museu como lugar de “ficção” e a relação entre museus e conhecimentos, sendo que entre suas várias funções Meneses (2010, p. 14) aponta como prioritárias:

O deleite afetivo, as relações de subjetividade que se estabelecem entre os indivíduos e as coisas que funcionam, por exemplo, como suportes da memória, marcas identitárias, e agem para definir trajetos, para explicar percursos, para reforçar referências, definir amarras - amarras principalmente de espaço e de tempo, já que somos seres balizados pelo espaço e pelo tempo.

Meneses ainda aponta que muitas pessoas vão aos museus em busca de informação, buscando dados, mas que estes ainda não podem ser considerados conhecimento. Ao mesmo tempo, afirma que museu também é lugar “para a educação, para a formação, seja de natureza substantiva, seja metodológica [...] de liberar tensões, assumir conflitos, desenvolver capacidade crítica, reforçar e alimentar energias, projetar o futuro” (MENESES, 2010, p. 14). O autor ressalta ainda objetivos mais vagos, como aqueles que vão aos museus em busca de diversão, como uma forma de lazer.

Outro referencial teórico da museologia, este indicado pelo meu orientador e que também contribuiu muito para a minha aproximação e melhor conhecimento sobre o tema, foi Mário Chagas (2015) em sua obra *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Nesta obra, Mário Chagas (2015) trata sobre os museus, mas como destaca o título, com enfoque na ótica museológica do escritor e poeta, Mário de Andrade. Por isso, há uma explicação do título do livro: surgiu de um trocadilho com o título do primeiro livro de Mário de Andrade, escrito durante a Primeira Guerra Mundial, *Há uma gota de sangue em cada poema*. Parafrazeando o poeta e com base em suas reflexões e práticas museológicas, Mário Chagas (2015) sustenta que também há uma gota de sangue em cada museu. Segundo o autor, existe uma veia poética que pulsa dentro de cada poema e de cada museu, portanto, há um sinal sangue, em outras palavras, existe uma dimensão humana.

Durante o curso da disciplina de Educação Patrimonial e Ensino de História, fizemos saídas de estudos que tinham como objetivos conhecer, interagir e problematizar propostas de Educação Patrimonial desenvolvidas por diferentes instituições. Fizemos duas Visitas de Estudos às instituições museológicas, ao Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC)²⁴ e ao

²⁴ “Criado em 04/10/1979 pela Lei Estadual nº 5.476, o Museu Histórico de Santa Catarina foi inaugurado em 1979 na casa da antiga Alfândega de Florianópolis, tendo por missão contribuir para o fortalecimento do campo da história em Santa Catarina, através da preservação, documentação, pesquisa, educação e comunicação do patrimônio musealizado do Museu de Histórico de Santa Catarina. Com a transferência da sede do governo em 1984, o MHSC tem como sede definitiva, desde 1986, o Palácio Cruz e Sousa, nome adquirido em 1979 em

Museu da Escola Catarinense²⁵, ambos localizados no centro de Florianópolis-SC. As professoras desenvolveram atividades individuais e em grupo nas quais por meio de questões orientadoras, observamos os acervos dos museus e também a história de cada um deles. Depois realizamos a escrita fundamentada nos referenciais teóricos sobre instituições museológicas e projetos educativos voltados para o museu.

Foi uma experiência muito rica, pois as reflexões suscitadas contribuíram para a construção de um projeto de Educação para o Patrimônio que incluísse em uma das etapas a Visita de Estudos ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC. Com esta, visamos aproximar os estudantes da escola Vitório Búrigo com a história local, com a cultura e as tradições da comunidade onde vivem (Estação Cocal) e, possivelmente, incitar um outro olhar para a ferrovia, para o trem e a para Casa do Agente Ferroviário, ao conhecerem a história do lugar vinculadas às memórias de seus avós, de seus pais e deles mesmos.

Mas ao trabalhar com museus, precisamos refletir sobre vários aspectos que envolvem a criação dessas instituições, tais como: por quem foram criados, qual a intenção da exposição do museu e também a questão do poder, pois muitos deles reforçam o poder das elites, como bem traz Regina Abreu (2015, p. 16) na apresentação de Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade, de Mário Chagas:

Como trabalhar com museus sem cair na armadilha celebrativa das instituições que reforçam o poder constituído, muses das elites a repetir as desgastadas cantilenas de uma história do Brasil sob a ótica dos governantes e dos mais bem aquinhoados economicamente? Como romper a lógica excludente no campo das representações sociais, em que os museus se converteram mais em teatros do esquecimento do que em lugares de memória? Tantas vozes fragmentadas a ecoar nas ruas, nas praças, nas favelas, nas igrejas [...] na vida que pulsa em permanentes movimentos de contração e expansão, de permanência e mudança... Por que os museus insistem em uma única versão de fatos, dos acontecimentos, das experiências dos homens, das mulheres, das crianças?

Para muitos professores e professoras de História, o museu é ainda uma estrutura fixa, uma instituição que abriga objetos de conservação do passado. Não há problematização daquela

homenagem ao poeta simbolista nascido em Desterro”. Fonte: <<http://mapas.cultura.gov.br/espaco/6573>>. Acesso em: 6 jun. de 2021.

²⁵ “O Museu da Escola Catarinense foi criado junto ao Centro de Ciências da Educação da UDESC em novembro de 1992, e em funcionamento desde março de 1993, caracteriza-se como espaço de preservação da memória cultural escolar do estado e como centro de apoio à pesquisa científica. Esta edificação foi construída especialmente para abrigar a Escola Normal Catarinense (criada nos últimos anos do século XIX, sem sede própria) e inaugurada no início dos anos 20 do século passado, compondo o projeto urbanístico modernizador concebido pelo Estado. Em 1963, passou a abrigar a Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Em 1998 foi iniciada a tramitação institucional para que se resguardasse a destinação do prédio para a instalação definitiva do Museu da Escola Catarinense. Em 2013 o Museu passou por uma série de melhorias em sua estrutura física. Atualmente apresenta salas de exposição com acervo permanente e exposições temporárias”. Fonte: <<http://www.pmf.sc.gov.br>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

exposição, do acervo, dos personagens evidenciados, do próprio museu em si. Que ações educativas têm permeado as relações museu/escola? Mário Chagas apresenta muitas contribuições para o debate museológico, uma das principais, como bem frisa Regina Abreu (2015, p. 170), refere-se às funções educativas dos museus, que segundo ela, a Educação Museal é concedida por Chagas, “não em termos de repetição e inculcação de padrões vigentes como estratégia de reprodução do poder constituído, mas ao contrário, como espaço móvel de estudo, pesquisa e reflexão.”

Se em meio a um vasto acervo de objetos, não conseguimos observar as pessoas que os utilizaram, imaginar o cotidiano daquelas pessoas que vestiram tal vestimenta, se não enxergarmos o sangue, o mesmo que dizer, a presença humana não temos uma visão lúcida do museu. Mário Chagas (2015, p. 32) afirma com muita ênfase que:

Admitir a presença de sangue no museu significa também aceitá-lo como arena, como espaço de conflito, como campo de tradição e contradição. Toda instituição museal apresenta um discurso sobre a realidade. Este discurso como é natural, não é natural e compõe-se de som e silêncio, de cheio e de vazio, de presença e de ausência, de lembrança e de esquecimento.

E pensar que a maioria de nós, professores e estudantes, passamos uma vida escolar, visitando museus, observando museus, conhecendo museus, mas não compreendemos todos esses elementos que compõem essas instituições. Há um, porque não dizer, desperdício da potencialidade do museu. Não penso ser vergonha admitir, que antes de conhecer a historiografia museal, antes das Saídas de Estudos na disciplina de Educação Patrimonial e Ensino de História, minha visão como estudante e como professora era muito limitada.

Quando reflito sobre as “ausências, os vazios, os silêncios e esquecimentos” que Mário Chagas (2015) enfatiza fazerem parte dos museus, lembro da Saída de Estudos ao Museu Histórico de Santa Catarina. Foi como se descortinasse elementos do museu que nunca haviam estado ali. De tantos registros fotográficos que fiz, um dos que mais me chamou a atenção foi a *sala de jantar*. Que o MHSC retrata a história da elite política catarinense, isso era visível e verificado nos propósitos de sua implantação: mostrar a evolução política de Santa Catarina. Mas toda a decoração da sala e a grandiosidade da mesa posta, impactaram: os pratos de porcelana, os talheres reluzentes (pareciam de prata), guardanapos (de tecido refinado), os castiçais, o lustre, até a réplica do quadro da Primeira Missa no Brasil, considerada a primeira grande obra do catarinense Victor Meirelles (nascido em Florianópolis em 1832), dizem muito do grupo social que usufruiu daquele espaço. E logo percebi as ausências. Onde estavam os que serviam aquela mesa com tanto requinte? E quem preparava as refeições? Por que o quadro do Victor Meirelles? Não poderia ser o retrato de Cruz e Sousa, o poeta catarinense, já que dá

nome ao palácio, desde 1979? Cruz e Sousa, nascido em 1861, era negro e apesar de ser um grande poeta não foi poupado de ser mais uma vítima do racismo no Brasil. Uma sala de jantar limpa de qualquer impureza social (pobres) e racial (negros), absurdamente foi isso que vi. O poeta nunca esteve ali no andar de cima, portanto, segundo a nossa guia daquele dia, Cristiane, a direção do museu deixou-o na parte de baixo, numa pequena sala de passagem, junto com os seus restos mortais.

Infelizmente, os museus assim como o patrimônio cultural do Brasil, em particular, até início do século XX, estiveram atrelados ao projeto de construção da nação, sendo seus discursos produzidos e inspirados em museus estrangeiros. Nesse contexto, buscavam:

Dar corpo a um sonho de civilização bem-sucedida, guardam e às vezes apresentam sobejos de memória dessa matéria sonho. Mas quem sonha? As elites aristocráticas tradicionais é que sonham o sonho nacional sem nenhum sinal de sangue, sem presença de cultura popular, dos negros aquilombados, dos índios bravios, dos jagunços revoltosos, dos fanáticos sertanejos, dos rebeldes que não têm terra, mas têm nome, uma família (CHAGAS, 2015, p. 47).

Se pensarmos na década de 1990, podemos constatar que pouco mudou nos museus de nossas cidades. Lembro-me claramente das minhas idas, na adolescência, ao Museu Municipal Antônio Bez Batti de Turvo-SC que agora chama-se: Centro Municipal de Cultura Antônio Bez Batti. O nome é de um dos colonizadores italianos. O acervo? Formado por histórias, fotografias, objetos e utensílios de famílias de colonizadores italianos. Quem sonha? A quem pertence o direito à memória na e da cidade? A elite. Muitas ausências. Assim, “Representar significa, ao mesmo tempo, tornar presente o que está ausente, mas pela própria presença da ausência, acentuar a ausência. O museu não haveria de escapar desta ambiguidade fundamental. [...] O museu, portanto, não reproduz a vida, ele é parte da vida.” (MENESES, 2015, p. 18). Quando observamos tantas ausências, tantas pessoas faltando, conseguimos entender o quanto esses sujeitos estavam presentes na sociedade a que pertenceram.

É importante destacar que na atualidade temos experiências de museus contra-hegemônicos, propostas de museus que rompem com o discurso do colonialismo, isto é, que não nos contam a história das elites, dos colonizadores, dos poderosos. Um exemplo dessas experiências museais contra-hegemônicas é o Museu da Maré²⁶ na cidade do Rio de Janeiro-

²⁶ “O Museu da Maré é um museu contra-hegemônico, criado por um grupo de jovens moradores integrantes do CEASM- Centro de Ações Solidárias da Maré, com o objetivo de criar uma auto-representação da favela da Maré, fortalecendo uma imagem positiva da favela, bem como a autoestima de seus moradores. O Museu foi inaugurado em 2006 com a presença do então ministro da Cultura Gilberto Gil e passou a representar um exemplo de uma nova experiência de museu voltado para a inclusão cultural e social das populações marginalizadas nos centros urbanos. Foi criado os *tempos da maré*: concebido a partir de um calendário onde os tempos da vida na favela são narrados em 12 etapas: Tempo Água, Tempo Casa, Tempo da Migração, Tempo da Resistência, Tempo do Trabalho, Tempo da Festa, Tempo da Feira, Tempo da Fé, Tempo do Cotidiano, Tempo da Criança, Tempo do

RJ.

Dialogando com Mário Chagas, Helena Araújo (2012, p. 216-217) percebe o Museu da Maré como um museu contra-hegemônico, e ao analisar como e porque surgem esses museus no Rio de Janeiro, considerou que:

Algumas comunidades populares, como a Favela da Maré e outras, que sofrem há muito tempo, ou melhor, quase sempre, um enorme descaso do poder público e da sociedade em geral, passaram a organizar e reivindicar através do movimento social, melhores condições de vida, isto estende-se também, aos bens culturais. Tais museus surgem num contexto brasileiro de maior democratização da luta social e política a partir da década de 80 pelos acessos aos bens básicos do cidadão, inclusive as práticas culturais. Os museus comunitários surgem na esteira das reivindicações dos movimentos sociais liderados pelo protagonismo comunitário.

Constamos que esses museus contra-hegemônicos são concebidos a partir de uma intensa luta social de grupos historicamente subalternizados, neste caso a Favela da Maré, mas também de tantas outras comunidades urbanas espalhadas pelo Brasil, principalmente nas grandes cidades e capitais. As reivindicações sociais foram acompanhadas de demandas culturais. Outro ponto importante neste processo é a participação da comunidade na construção e escolha do acervo. Sujeitos antes marginalizados e renegados nas e pelas instituições museais colonialistas, assumem o protagonismo e aqui vemos a construção social do patrimônio cultural:

Encontramos a presença da comunidade em geral não só na criação, doando objetos e auxiliando na mesma [...]. Os moradores também estão presentes nas palestras, cinema, visitas de escolas da redondeza às exposições permanentes e temporárias, aos eventos como a Maré do Samba etc. Assim sendo, a primogenitura do Museu da Maré se dá não por ser um primeiro museu de favela do Brasil, mas por ser o primeiro museu de favela criado pela população local, onde há de fato um protagonismo comunitário (ARAÚJO, 2012, p. 217).

A experiência do Museu da Maré traz também “a preocupação com a narração da história e da construção das memórias locais [...] na construção de uma memória justa” (ARAÚJO, 2012, p. 218). Temos nesta experiência um exemplo de que, com persistência e luta coletiva, é possível fazer emergir a memória contra-hegemônica, a memória daqueles e daquelas que configuram parte das ausências das instituições museais tradicionalmente colonialistas, mas que conseguem se tornar cada vez mais presentes na atualidade em um processo constante e intenso de ocupação, de resistência como sujeitos que são da História de

Medo e Tempo do Futuro. O museu pode ser visitado em visitas individuais ou coletivas e também visitas escolares. É o primeiro museu no gênero, no sentido de apresentar a história do Rio de Janeiro do ponto de vista das favelas e das periferias. Os objetos de seu acervo foram reunidos a partir de doações dos moradores e o projeto expográfico foi concebido como em permanente transformação como a própria arquitetura da favela, conhecida pelos urbanistas como lugar dinâmico de mudanças, no sentido de incluir cada vez mais moradores”. Fonte: <<https://www.museusdorjio.com.br/>>. Acesso em: 20 jul de 2021.

suas comunidades.

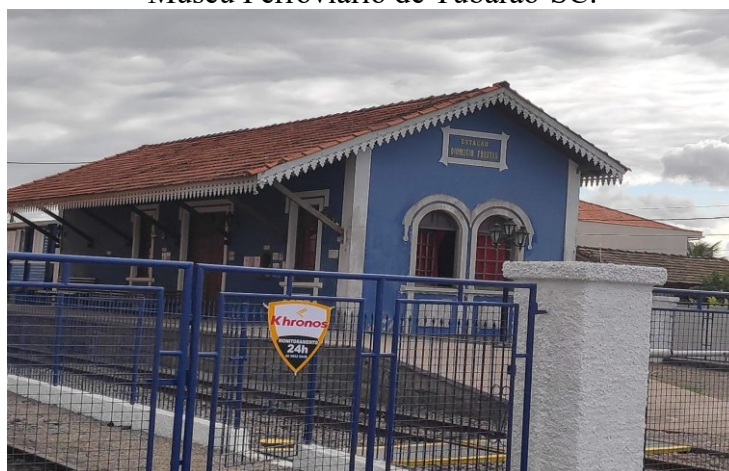
Precisamos enquanto professores de História, refletir muito sobre nossa prática, quando pretendemos trabalhar o museu como espaço educativo. Penso no grande potencial de experiências como o Museu da Maré, um espaço cultural com um grande leque de possibilidades didáticas. É urgente uma Educação Museal contra-hegemônica, que rompa com o instituído. Não podemos mais reproduzir “saídas da escola ao museu”, isto é, Visitas de Estudos sem responsabilidade educacional, acríticas, nas quais os estudantes vão e retornam muitas vezes com algumas informações, mas sem conhecimento algum.

4.5 Saída de Estudos ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC: uma experiência com os estudantes da escola Vitório Búrigo

No dia 17 de outubro de 2019, as turmas 901 e 902 e quatro estudantes da 3001, acompanhados por mim e pela segunda professora da Turma 901, Daiane, em uma quinta-feira no período vespertino, realizamos a Saída de Estudos ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC. As autorizações foram enviadas para os pais, mães e/ou responsáveis dos estudantes das três turmas a fim de assinarem, como consta no ANEXO F.

Agendamos com a administração da instituição e então contaríamos com a presença da museóloga Silvana como guia. Infelizmente, a museóloga confundiu as datas e não estava presente no Museu. Uma funcionária da administração e também intérprete de uma personagem do início do século XX no Passeio de Trem, Soraia, nos atendeu.

Figura 23 – Réplica da Estação Ferroviária Diomício de Freitas, sede administrativa do Museu Ferroviário de Tubarão-SC.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, outubro de 2019.

A Soraia foi muito atenciosa e mesmo com limitações inerentes a sua condição de administradora do museu explicou sobre: a origem do Museu, sobre o acervo das

locomotivas/trens, o país de origem e o ano de cada uma delas, destacou as locomotivas/trens de passageiros que funcionavam na Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina e nos mostrou as duas locomotivas usadas para os Passeios de Trem. Explicou que o trem utilizado no Passeio é movido a vapor, e que as pessoas responsáveis pela sua manutenção e o próprio maquinista são ex-funcionários da Ferrovia Dona Tereza Cristina, os quais trabalham voluntariamente para a instituição.

Soraia também nos contou a história de seus avós. O avô dela ainda guarda a passagem de trem da primeira vez em que foi visitar a casa de sua avó. Um morava em Araranguá-SC e o outro em Tubarão-SC. Os estudantes fizeram muitos questionamentos: sobre o funcionamento do trem a vapor, se aqueles trens de passageiros da exposição passavam por Estação Cocal, etc. Admiraram-se com os anos dos trens: 1922 (ano de inauguração do trecho da ferrovia que passa por Estação Cocal), 1941 e 1949. Também ficaram surpresos ao saberem que os trens são restaurados pelo Museu. Abaixo uma foto dos estudantes, comigo e a professora Daiane, todos a frente de uma das locomotivas que funcionam a vapor para o Passeio de Trem.

Figura 24 – Estudantes e professoras em frente a uma das locomotivas do Museu Ferroviário de Tubarão-SC usada para o Passeio de Trem.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, outubro de 2019.

Houve um segundo contratempo. O Museu conta com uma sala separada com um acervo de peças pequenas, tanto de trens como de manutenção das locomotivas e da ferrovia, vestimentas e equipamentos de maquinista e outros funcionários, bem como relógios, chaves

de conserto dos maquinários, lamparinas e maçaricos a querosene²⁷, e também registros escritos. Porém, este acervo estava fechado para as escolas, naquele momento, devido a um incidente com uma instituição de ensino básico que esteve ali ocasionando a quebra de objetos, portanto, não conseguimos ter acesso à sala. A administração do Museu não soube informar quando reabrirá ao público.

Apresento na sequência uma foto dessa sala que registrei na minha visita anterior. A foto é de duas lanternas a querosene, que começaram a ser utilizadas com a vinda da ferrovia para sinalizar as manobras do trem.

Figura 25 – Lanternas sinalizadoras para a manobra do trem.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, setembro de 2019.

O Museu conta ainda com uma terceira sala, em que a museóloga faz a recuperação de objetos, imagens e textos, no entanto, na ocasião também estava fechada. No dia em que visitei sozinha, fiz o registro da mesa na qual a museóloga restaurava uma fotografia em quadro do trecho da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, que remonta o início do século XX e que passa por Laguna-SC.

²⁷ “O querosene é um conhecido líquido derivado do petróleo, é o combustível utilizado em aviões. A partir de 1800, o querosene começou a ser usado em lamparinas. Nos dias atuais, existem diversas formas de iluminar um local, como um acampamento, mas o querosene ainda é usado para esse fim”. Fonte: <<https://brasilecola.uol.com.br>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Figura 26 – Processo de restauração de fotografia do início do século XX em uma das salas do Museu Ferroviário de Tubarão-SC.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, setembro de 2019.

Mas qual era a proposta da Saída de Estudos? O plano entregue anteriormente para as turmas continha um breve texto sobre o Projeto Anual da disciplina de História, orientando que cada estudante deveria:

- ❖ Anotar no caderno ou gravar com seus celulares os momentos da explicação/exposição da museóloga, que mais chamou sua atenção. Como Silvana não estava presente, deveriam fazer esse registro da Soraia, funcionária que nos acompanhou;
- ❖ Deveriam escolher o objeto, trem, peça de manutenção do trem e da ferrovia, enfim, o que mais chamou sua atenção e registrar uma foto.

Na semana seguinte à Saída de Estudos, com as Turma 901 e 902 fizemos uma atividade avaliativa. Os estudantes, individualmente, produziram um relatório sobre a Saída de Estudos ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC, respondendo cinco questões e elaborando uma breve pesquisa a partir da foto do objeto registrado no Museu:

- 1) É possível estabelecer uma relação entre o acervo do Museu Ferroviário de Tubarão-SC e a história de Estação Cocal?
- 2) Se a resposta anterior for sim, responda: O que o Museu tem a nos dizer sobre as ferrovias e o desenvolvimento de Estação Cocal e toda a região de mineração do sul de Santa Catarina?
- 3) Algum objeto do museu ou a própria visita tem relação com a Casa do Agente

Ferroviário de Estação Cocal? Justifique sua resposta.

4) A funcionária Soraia usou várias vezes o termo “patrimônio cultural” para se referir aos objetos e locomotivas do acervo do Museu. Para você, o que é patrimônio cultural?

5) Você considera a Casa do Agente Ferroviário, patrimônio cultural de Estação Cocal? Justifique sua resposta.

6) Você registrou a foto do objeto do Museu que mais chamou sua atenção. Agora pesquise na internet sobre esse objeto e produza um documento em *Power Point/slide* para apresentar para a turma.

Alguns estudantes não entregaram nenhuma das duas atividades. Mas, a maioria as fez. Quanto ao relatório com as cinco questões, muitos tiveram dificuldades de responder todas as questões. Infelizmente corrigi os relatórios, mas sem registrá-los em fotografia, pois naquele momento nem imaginava que esta atividade poderia estar atrelada ao projeto da dissertação em 2020. Lembro-me que a maioria respondeu que sim à primeira questão. Entretanto, na segunda questão, apresentaram dificuldades, apesar de citarem que a Estrada de Ferro Tereza Cristina passava por Estação Cocal e que o trem carregava carvão por ali. Além disso, recorde-me de mencionarem o fato de que em Estação Cocal existiu uma estação ferroviária, onde o trem parava. Alguns também responderam que na Casa do Agente Ferroviário morava o funcionário responsável por cuidar da estação.

No trabalho de apresentação sobre o objeto do Museu o que mais chamou a atenção, foi que a maioria escolheu um dos trens/locomotiva. Então falaram do país de origem do maquinário, o ano de fabricação, se funcionou ou não na Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, se era trem de carga e passageiros ou só de carga, a capacidade de passageiros, etc. Alguns escolheram a chave de desvio de trilhos, o Aparelho de Mudança de Via (AMV). Houve pouca variedade de objetos devido aos estudantes não terem acesso às duas outras salas. Mas, como nos afirma Francisco Régis Lopes Ramos (2004, p. 15), “ir ao espaço museológico implica necessariamente efetuar atividades educativas, questionamentos e maneiras, teoricamente fundamentadas, de aguçar a percepção para objetos das exposições [...]. Não é possível descolar o museu da sala de aula”.

Essa experiência da Saída de Estudos ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC poderia ser, talvez, mais proveitosa. Mas a ausência da museóloga e o acesso restrito ao trabalho dela, bem como a restrição à outra sala com uma grande variedade de objetos, acabou afetando a proposta e alterando o o roteiro. Um tempo depois à Saída de Estudos, em conversa com a museóloga Silvana, cheguei ao conhecimento que entre 2015 e 2016, o Museu realizou um

trabalho com a memória, com narrativas orais de ex-funcionários da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina em parceria com um professor e um estudante bolsista do curso de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), localizada na cidade de Tubarão-SC. Pelo relato da Silvana, o estudante que entrevistou os ex-funcionários e produziu um documentário com fragmentos das narrativas orais.

Ao refletir sobre as ausências dos museus, como bem pontuam Chagas (2015) e Meneses (2010), me pergunto: se o Museu existe desde 1997, por que somente em 2015 aconteceu um trabalho com a memória, proposto por jornalistas? Este questionamento me fez pensar em Walter Benjamin (1994, p. 197) quando afirmou que “por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais”.

As oportunidades que tive com as Saídas de Estudos aos dois museus, na disciplina de Educação Patrimonial e Ensino de História no mestrado, assim como as leituras dos referenciais teóricos e a proposta de Saída de Estudos ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC, ainda que esta última estivesse em construção, foi um conjunto de experiências primordial para que eu me aproximasse dos estudos museais e da própria Educação Museal. Foi pensando no potencial que um planejamento aperfeiçoado poderia ter que incluímos a Saída de Estudos ao Museu, no Projeto de Educação para o Patrimônio.

4.6. *Lá vem o trem: A experiência do Passeio de Trem com alguns estudantes e professoras da escola Vitório Búrigo*

Ainda em 2019, conseguimos, junto de professoras e estudantes, participar do Passeio de Trem promovido pelo Museu Ferroviário de Tubarão-SC. Como mencionado anteriormente, a data agendada foi 24 de novembro, em um domingo. Mas como foi em um domingo, não havia transporte da prefeitura, assim tivemos que levar, com a ajuda de alguns pais e mães, os estudantes de Estação Cocal até a estação ferroviária de Urussanga e depois levá-los de volta. É relativamente perto, em torno de 8 quilômetros. Duas semanas antes, os estudantes levaram um comunicado para os pais, como consta no ANEXO G. O comunicado detalhava proposta, com informações dos horários de partida e retorno das turmas, e da professora que estava promovendo a Saída de Estudos. Por acontecer em um domingo, um dia não letivo, a direção solicitou que não fosse uma atividade avaliativa, mas apoiou a iniciativa e permitiu o envio dos comunicados.

O trem partiu às 8h30min da estação ferroviária de Urussanga, foi até o Balneário Esplanada (pertencente à cidade de Jaguaruna-SC) e partiu de volta às 11 horas. Mas de uma

lista com 43 nomes, 23 desistiram no mês de setembro. Faltando duas semanas para terminar as aulas lá estávamos nós: estudantes da Turma 901, da Turma 902 e da Turma 3001. As professoras: Schirley, a segunda professora da Turma 901, Vanessa, professora de Geografia da 902 e eu, professora de História de todas as turmas. Como o Passeio era aberto ao público em geral, somado com a desistência de 20 pessoas entre estudantes e professoras, o esposo da professora Schirley nos acompanhou, assim como alguns estudantes do 8º ano, das Turmas 801 e 802 e uma tia de uma estudante. Moradora há muito tempo de Estação Cocal, o sonho da tia era fazer o Passeio de Trem.

Figura 27 – Estudantes e professoras em frente ao trem antes da partida, na estação ferroviária de Urussanga-SC.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 24 de novembro de 2019.

No interior do trem estavam quatro animadores, dentre eles um homem e uma mulher que representavam um casal de imigrantes italianos: Gennaro e Lúcia. Uma situação engraçada foi que a personagem Lúcia, era interpretada por Soraia, a funcionária do Museu Ferroviário de Tubarão-SC que nos atendeu na Saída de Estudos. Os estudantes das Turmas 901, 902 e 3001, reconheceram-na. Quando ela passava no nosso vagão, eles acabavam chamando-a por Soraia. Contamos com a presença de dois gaiteiros também. O casal Gennaro e Lúcia passava de um vagão para o outro interagindo com os passageiros, enquanto os gaiteiros tocavam músicas italianas, tradicionalistas e sertanejas. Durante o Passeio nos acompanhou um narrador que apresentou parte da história da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, do Museu Ferroviário de Tubarão-SC e nos informou as características da locomotiva que estava puxando o trem: Locomotiva JUNG, número 5, Classe Mikado 282, procedência Alemanha de 1954. Os

estudantes novamente lembraram da Saída de Estudos ao Museu, pois lá, a Soraia havia explicado sobre as duas locomotivas usadas no Passeio de Trem.

Quando passamos por Estação Cocal, foi um momento de euforia. Eles diziam: “Sora, olha lá a Casa do Agente!”, “Estou vendo a escola, professora Dani!”. Os estudantes acenavam para as pessoas, assim como esta pesquisadora e professora maluquinha! Houve um envolvimento involuntário dos estudantes com a história regional, com a história local, e eu pude perceber isso na semana seguinte ao Passeio. Eles contavam para os colegas sobre o Passeio com entusiasmo. Fiquei pensando se agora muitos deles não prestariam maior atenção ao som do trem de carga, mudariam o olhar para a praça, para toda a estrutura ferroviária de Estação Cocal, tão próxima deles.

Figura 28 – Vista da janela do Trem de Passeio da praça central de Estação Cocal.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 24 de novembro de 2019.

Não se pode negar a forte proposta turística do Passeio de Trem. Por que havia personagens representando um casal italiano? Só os italianos andavam de trem? O propósito está ligado à história de Urussanga-SC, com um predomínio de imigração italiana, apesar do nome indígena do município. Há na cidade por parte do poder público e de iniciativas privadas uma valorização e exaltação da cultura italiana. Como o Passeio de Trem foi solicitado pelo poder municipal da cidade, portanto, é perceptível toda uma organização para enaltecer uma determinada cultura de um grupo específico – colonizadores italianos – como sendo a cultura local. Dessa forma, faz-se o apagamento de vários grupos sociais e suas culturas em detrimento de uma cultura homogênea e hegemônica. Quando retornamos à estação ferroviária, fomos recepcionados com uma banda tocando e cantando músicas típicas italianas, próxima de uma feirinha de artesanato e vinhos.

Partindo do pressuposto de um passeio turístico, João Alípio de Oliveira Cunha (2013) nos mostra que existem dois tipos de trens turísticos: os cênicos e os nostálgicos. Nos passeios cênicos, os trens são panorâmicos, e se busca contemplar a natureza e a paisagem. Porém, quando o autor fala de passeios nostálgicos, afirma que esses, “são realizados em antigas locomotivas a vapor, como as marias-fumaça que permitem ao turista um contato com os referenciais históricos e culturais” (CUNHA, 2013, p. 11). Percebemos então, que o Passeio de Trem promovido pelo Museu Ferroviário de Tubarão-SC tem o perfil do trem nostálgico, com características educativas quando se trata de história ferroviária do Brasil e da história local, bem como da memória e cultura da cidade e da comunidade onde vive. O que se mostrou presente no caso dos estudantes de Estação Cocal, pois:

A partir do passeio, o visitante tem um contato com referências históricas e culturais, que possibilitam o trabalho das informações a respeito da informação histórica da ferrovia e muitas vezes remetendo a um passado glorioso associado ao desenvolvimento regional promovido pela inserção do transporte ferroviário no Brasil (CUNHA, 2013, p. 11).

Por perceber essa característica educativa é que incluímos o Passeio de Trem no Projeto de Educação para o Patrimônio com estudantes da escola Vitório Búrigo. A Educação para o Patrimônio vem se consolidando em diferentes espaços, não apenas em museus, mas também se espalhado por diferentes lugares de memória. Além disso, propostas como esta, que envolvem a história local, podem agregar outras disciplinas e contribuir significativamente para valorização de memórias coletivas contra-hegemônicas e das identidades locais.

4.7 Projeto de Educação para o Patrimônio com estudantes da E.E.B. Vitório Búrigo

Com base em todas as experiências relatadas neste capítulo e nas mônadas produzidas a partir das entrevistas com moradores e moradoras de Estação Cocal, construí uma proposta de Projeto de Educação para o Patrimônio a ser desenvolvida com estudantes da escola Vitório Búrigo. O planejamento consiste nas seguintes etapas:

Etapa 1: Apresentação do Projeto para a turma escolhida. Na sequência, a realização de um diagnóstico para demarcar um ponto de partida sobre os conhecimentos prévios dos estudantes acerca da Casa do Agente Ferroviário, da estação que havia, da ferrovia, do trem, dos agentes ferroviários e famílias, além de outras pessoas que trabalhavam na estação e na ferrovia. Esse diagnóstico será feito a partir de um questionário:

- 1) O que sabem sobre a ferrovia que passa ao lado da escola? Qual o motivo de sua construção? Quando foi construída e em que contexto?
- 2) Qual o nome da ferrovia? Por que a ferrovia recebeu esse nome?
- 3) De onde parte o trem e qual o seu destino? O que é transportado?
- 4) Esse trem realiza alguma parada em Estação Cocal? Se a resposta for “não”, escreva se em outros momentos de sua história o trem parava na comunidade? Se esta última resposta for “sim”, o que nele era transportado?
- 5) Esse trem transporta passageiros? Se a resposta for “não”, em outro momento de sua história, esse trem foi transporte de passageiros?
- 6) O nome da comunidade, Estação Cocal, tem relação com a ferrovia?
- 7) A Casa situada na margem da ferrovia, na pracinha de Estação Cocal, qual a sua relação com a ferrovia? Qual era seu uso?
- 8) Havia uma estação ferroviária ali ao lado que foi derrubada. Por que a derrubaram e decidiram preservar a Casa?
- 9) Quem cuida da manutenção da Casa? A quem pertence? Qual seu significado para a história de Estação Cocal?

Etapa 2: Na segunda etapa, os estudantes farão a pesquisa com pais e mães, tios e tias, avôs e avós, e/ou responsáveis, que sempre residiram em Estação Cocal (para estudantes de famílias recém-chegadas na cidade, haverá a possibilidade de entrevistarem moradores e moradoras locais). A ideia é compor um trabalho individual para depois realizarmos uma roda de debate e apresentações das narrativas orais. Por meio das entrevistas, será possível conhecer as histórias que a Casa guarda, as histórias que foram esquecidas e qual o potencial dessas lembranças para compreender a história do lugar. Questões que nortearão a pesquisa:

- 1) Nome, idade, profissão, quantos anos mora na comunidade.
- 2) O que sabe sobre a ferrovia, sobre o trem de passageiros (se andou de trem, por que foi desativado), a estação que ali havia (como era o funcionamento, o cotidiano, por que foi derrubada)?
- 3) O que sabe sobre a Casa do Agente Ferroviário?
- 4) Qual a função desempenhada pelo agente ferroviário?
- 5) Conheceu algum agente e sua família?

- 6) Como era o dia a dia do agente e sua família, o trabalho dele na estação, a convivência dele com a comunidade local, e se os filhos ou filhas estudavam na escola de Estação Cocal.
- 7) Alguma vez viajou no trem? Quais eram os destinos e motivos da viagem? Como eram feitos os embarques e desembarques?
- 8) Que produtos eram levados além do carvão que vinha de Urussanga?
- 9) Por que a Casa do Agente Ferroviário foi preservada?
- 10) Você considera a Casa importante para a comunidade? Pensa que ela deveria ou não ser preservada?
- 11) Quem cuida hoje da manutenção da Casa? A quem pertence?

Etapa 3: A segunda etapa terá a finalidade de apresentar o livro Estação Cocal: 100 anos de História (2004) para a turma, com o objetivo de, em grupos, elaborar uma análise do seu conteúdo a respeito das pessoas referenciadas, de como aparece à história da construção da ferrovia, da estação, da Casa do Agente Ferroviário, investigando também se os sujeitos que participaram das construções e do cotidiano em torno dessas construções estão presentes no livro. Esta análise será feita a partir de um questionário respondido em grupo.

Etapa 4: Trabalhar com as turmas a história da ferrovia, o contexto, a sua relevância e a desapareção do trem de passageiros, da estação, bem como a recente situação da Casa, para além das informações do livro Estação Cocal: 100 anos de História (2004). Nesses contextos sempre emergem sujeitos, instituições e processos que não podem ser deixados de lado nas aulas de História.

Etapa 5: Organização de grupos para análise das mônadas construídas a partir das narrativas orais dos moradores e moradoras de Estação Cocal entrevistados pela pesquisadora/professora proponente do projeto. Por meio das mônadas, os estudantes poderão avaliar a importância do trem, da estação e da presença do agente ferroviário responsável por cuidar da entrada e saída de passageiros, pois o meio ferroviário era além dos carros de bois e carroças, o transporte de que dispunham para despachar seus produtos e se locomoverem para as cidades vizinhas até a década de 1960.

A intenção é que percebam que em pouco tempo, a partir da construção da ferrovia e da estação ferroviária na localidade, foram construídas casas, ruas, surgiram novos bairros, escolas, comércio, tudo isso em função da ferrovia e em torno da Casa do Agente Ferroviário e da estação que ali havia. Os estudantes terão conhecimento do trabalho recente de limpeza e valorização da praça, tais como a iniciativa das Crocheteiras. Os grupos terão um prazo para a

construção de um relatório a partir da análise das mônadas. Construirão um texto a partir de um roteiro de questões acerca das mônadas/narrativas, relacionando as semelhanças e as diferenças entre as narrativas dos entrevistados. Algumas questões orientadoras:

- 1) Vocês conhecem algum/a dos/as narradores/as? Se conhecem, citem os/as narradores/as;
- 2) Algum integrante do grupo tem relação ou conhecia a história de algum/a dos/as narradores/as?
- 3) Quais os principais temas/assuntos presentes na maioria das narrativas?
- 4) Analisando as narrativas dos moradores e moradoras, como se davam as relações das famílias da comunidade com os agentes ferroviários e suas famílias?
- 5) É possível identificar as profissões e atividades econômicas desenvolvidas em Estação Cocal? Se a resposta for “sim”, transcreva trechos de narrativas que confirmam.
- 6) Quais os principais destinos (cidades) e finalidades (ex: passeio, transporte de produtos, compras, trabalho, saúde) dos moradores e moradoras que andaram no trem de passageiros?
- 7) Vocês conseguiriam identificar nas narrativas quais os sentimentos dos moradores e moradoras em relação à Casa do Agente Ferroviário? Transcreva os trechos das narrativas em que perceberam esse sentimento.
- 8) É possível afirmar a partir das narrativas que houve um processo de revitalização e ressignificação da praça central de Estação Cocal? Se a resposta for sim, transcreva e comente os trechos das narrativas que confirmam.
- 9) O que é possível saber sobre a situação atual da Casa do Agente Ferroviário por meio das narrativas? Transcreva trechos das narrativas que confirmam a resposta.
- 10) A maioria dos narradores e narradoras demonstra um sentimento de pertencimento em relação à história local e ferroviária de Estação Cocal, e mencionam a relevância que atribuem à Casa do Agente Ferroviário e toda a praça central na margem da ferrovia. Você considera importante a conservação, manutenção e valorização da Casa do Agente Ferroviário e da praça central de Estação Cocal? Comente/ justifique sua resposta.

Etapa 6: Nesta etapa será apresentado o Museu Ferroviário de Tubarão-SC. Por meio da proposta da instituição, agendaremos uma Saída de Estudos ao Museu. O planejamento

consiste em cada estudante fotografar os objetos que mais chamaram a sua atenção na visita guiada, e também anotarem as explicações da museóloga da instituição. Cada estudante produzirá um relatório a partir de questões orientadoras como:

- 1) É possível estabelecer uma relação entre o acervo do Museu Ferroviário de Tubarão-SC e a história de Estação Cocal?
- 2) Se a resposta anterior for “sim”, responda: O que o Museu tem a nos dizer sobre as ferrovias e o desenvolvimento de Estação Cocal e toda a região de mineração do sul de Santa Catarina?
- 3) Algum objeto do museu ou a própria visita tem relação com a Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal? Justifique sua resposta.
- 4) Você percebeu alguma ausência no museu, isto é, a falta algum elemento, objeto ou presença no museu para melhor compreensão da história ferroviária da nossa região?
- 5) Para você, o que é patrimônio cultural?
- 6) Você considera a Casa do Agente Ferroviário, patrimônio cultural de Estação Cocal? Justifique sua resposta.
- 7) Você registrou uma foto do objeto do Museu que mais chamou sua atenção. Agora pesquise na internet sobre esse objeto e produza um documento em *Power Point/slide* para apresentar para a turma.

Etapa 7: Será proposto o Passeio de Trem a ser organizado no decorrer das próximas aulas. Após o Passeio, os estudantes produzirão com uso de imagens produzidas durante o evento, um relato da experiência individual do Passeio, acompanhado de uma pesquisa sobre o transporte ferroviário no Brasil e sobre a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina.

Etapa 8: Exposição de fotos das etapas do projeto com a participação dos moradores e moradoras entrevistados. A proposta é encerrar o Projeto com a participação dos habitantes de Estação Cocal entrevistados em uma roda de conversa durante o evento da exposição a ser realizada na escola E. E.B. Vitório Búrigo, aberta ao público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar que estou escrevendo as últimas palavras de um trabalho árduo, intenso, desafiador e tão especial para mim, me faz refletir sobre todas as etapas, desde a construção do projeto até aqui, nas considerações finais. Mas sei que termino, a bem da verdade, uma etapa de um processo que começou lá em uma escola na cidade de Turvo-SC, com uma estudante apaixonada pela História, que passou pela graduação em Licenciatura e Bacharel em História, pelo *chão* da escola no *fazer-se professora*. Ao alcançar o ProfHistória pude unir a teoria e a prática de uma forma que me fez ver como ainda era precoce minha formação assim que finalizei a graduação. O mestrado me fez crescer tanto como pesquisadora, como professora, cidadã e como pessoa. Sei que muitas etapas ainda virão. Esse processo é contínuo na vida de uma professora que ama o que faz, que se sente em casa quando está no interior da escola.

Concluir uma dissertação de mestrado, que você sonhava desde a graduação e muitas vezes escutar: “Para que tu estudas tanto?”, “Tu passas a vida estudando, né!”, “Você não vai casar?”, “Quer ficar rica, né?”, não é nada fácil. Por vários momentos essas falas provocam decepções, pessoas se afastam de nós, familiares reclamam das nossas ausências e muitas vezes, nós mesmos desanimamos.

A escrita de uma dissertação em ensino de História, misturada com os afazeres do dia a dia, com o trabalho junto da escola e dos estudantes, às vezes, interrompida por problemas de saúde e familiares, não é para qualquer um. Eu sou cristã e acredito muito nas coisas espirituais, que Deus realmente se importa comigo. Em certa ocasião, uma moça disse em uma pregação: “o importante não é o que as pessoas falam a teu respeito e sim, o que Deus sabe sobre você!” Sempre lembro dessa frase quando as palavras de alguém tentam me desanimar.

A partir de março de 2019, logo que iniciei o mestrado, nunca mais fui a mesma professora. Eu olho para trás e percebo o quanto minhas práticas, meu olhar, minhas percepções mudaram. Ter a oportunidade de desenvolver um projeto de pesquisa com um tema que já me era tão caro, foi me envolvendo a cada dia, a cada etapa, de tal forma que hoje sou uma apaixonada por este trabalho, pelas histórias das pessoas da comunidade onde leciono. Parafraseando o tema do Projeto Anual de 2019 da escola Vitório Búrigo: *Sou professora de Estação Cocal e faço parte desta história!*

Trabalhar com patrimônio cultural foi um desafio para mim, e trabalhá-lo na perspectiva decolonial é muito mais desafiador, principalmente, na conjuntura atual do Brasil, marcado por uma tentativa governamental de se prender às amarras colonialistas, com retrocessos, intolerância, ataques e interferências políticas no Iphan. Na perspectiva decolonial,

os sujeitos que antes estavam à sombra do patrimônio emergem para mostrar que este não é pré-concebido, mas se trata, sobretudo, de uma construção social. Pude viver e trazer essa perspectiva com as mônadas construídas a partir das narrativas orais dos moradores e moradoras de Estação Cocal. Nesse sentido, a memória coletiva construída contribuiu para essa perspectiva democrática e dialógica, levando em consideração as dimensões sociais, políticas e simbólicas do patrimônio cultural. Por isso, considero de grande valia o uso das narrativas orais em um projeto com o patrimônio local a partir desta perspectiva, pois as memórias e os esquecimentos que podem emergir desse patrimônio são de pessoas que não seriam lembradas num projeto/ação educativa colonialista.

O descaso governamental com os patrimônios no Brasil é grande. Patrimônios regionais e locais pertencentes a tantas comunidades, como vimos em Estação Cocal, esquecidos pelos órgãos responsáveis ou muitas vezes valorados apenas em espaços em que a própria comunidade já reconheceu o bem como patrimônio cultural, como aconteceu nas cidades de Içara e Urussanga. Os processos de seleção de patrimônios acontecem em um espaço de disputa política e econômica e acabam, muitas vezes, reproduzindo um discurso homogêneo e enaltecendo grupos sociais dominantes. Isso é notório se atentarmos para a maioria dos patrimônios culturais sob os cuidados do Iphan, os quais carregam a herança da cultura europeia. Pensar em patrimônio é, necessariamente, lidar com relações de poder, em um campo de conflitos e de construção social.

Quando pensamos o quanto o patrimônio é desprezado no nosso país e na situação da Casa do Agente Ferroviário, percebemos o quanto que as pessoas, a comunidade também é desprezada. Por isso, cabe aqui ressaltarmos o empoderamento identitário desses moradores e moradoras de Estação Cocal. Todo engajamento por eles e elas realizado no processo pela manutenção, valorização e ressignificação da praça ferroviária da comunidade. Esse engajamento partiu de uma preocupação com o outro, queriam inibir a violência da comunidade, estavam preocupados com as pessoas, com os vizinhos. Logo estavam lá reunidos, engajados no mutirão de limpeza da praça abandonada, a qual atraía a violência e ressignificaram a praça com o trabalho das Crocheteiras. Esse processo promoveu o empoderamento identitário da comunidade de Estação Cocal, porque houve uma preocupação com as pessoas da comunidade que resultou em um sentimento coletivo de pertencimento.

A aproximação dos estudantes da escola Vitório Búrigo com a história local, o contexto em que foi construída a ferrovia, a Casa do Agente Ferroviário e o significado desse patrimônio na formação da comunidade de Estação Cocal pode contribuir para a construção da cidadania desses e dessas estudantes. A pesquisa de campo, envolvendo pais, mães, avôs e avós,

tios e tias, e/ou responsáveis, mediada pela história oral, a partir das narrativas de habitantes da localidade, assim como as atividades com patrimônio cultural podem proporcionar o desenvolvimento da criatividade e mostrar como a diversificação do uso de fontes históricas em sala de aula tem um grande potencial no processo de ensino e aprendizagem, quando bem aproveitados.

A Saída de Estudos ao Museu Ferroviário de Tubarão-SC tem a capacidade de contribuir de modo significativo na Educação para o Patrimônio desses e dessas estudantes, que passaram, guiados por questões orientadoras, a analisar criticamente o acervo de um museu. A Saída ao Museu, junto do Passeio de Trem atravessando Estação Cocal, também auxiliou na produção de conhecimentos sobre a história nacional, regional e local, ao tratar do advento das ferrovias no Brasil, fornecendo recursos para a compreensão de que a ferrovia e o trem, representavam a modernidade nos meios de transporte do país. Na região sul de Santa Catarina e na própria localidade de Estação Cocal, a ferrovia teve forte impacto tanto nos meios de transportes, como no aspecto econômico e social, no próprio desenvolvimento das cidades da região. Desta forma, os e as estudantes têm a oportunidade de conhecer a história da comunidade em que vivem.

O contato com as mônadas, a partir das narrativas orais dos moradores e moradoras de Estação Cocal, poderá propiciar aos estudantes um momento de aprendizado, que além da escuta dessas histórias, proporciona a aproximação entre gerações e, mais ainda, um estreitamento das relações entre comunidade e escola. É possível que, ao analisarem as narrativas e ouvirem os narradores e narradoras na exposição da etapa final, passem a valorizar as histórias de vida de seus parentes, amigos e vizinhos e mais que isso, compreendam por meio da experiência educativa como a ferrovia foi vista, vivenciada, compreendida pela população, e que sentidos eles atribuem a ela, com destaque para a importância da manutenção da Casa do Agente Ferroviário. A exposição das narrativas e das fotos coletadas durante as entrevistas, os registros fotográficos de cada etapa do projeto e a participação dos/as entrevistados/as poderão abrir caminho para uma história local viva e para um ensino de História mais significativo para professores e estudantes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Apresentação: Dois Mários e um sem-número de museus polifônicos. *In*: CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade/ Mário de Souza Chagas**. 2. ed. Chapecó, SC: Argos, 2015. p 15-22.

ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. *In*: **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades**. 2012. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciência Política**, n.11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

Banco de Dissertações do ProfHistória. Disponível em: <https://profhistoria.ufjf.br/banco_tese>. Acesso em: 15 outubro de 2019.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In*: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG/ Imprensa Nacional do estado de São Paulo, 2007.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em: 20 out. 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRASIL, **Lei 11.483, de 31 de maio de 2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111483.htm>. Acesso em: 15 set. 2019.

BRASIL, **Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BÚRIGO, Edson. **Entrevistadora: Daniela Karine dos Santos Acordi**. Estação Cocal-Morro da Fumaça-SC, Brasil, 29 out. 2020.

CAIMI, Flávia. Novas conversas e antigas controvérsias: um olhar sobre a historiografia do ensino de História. *In*: OLIVEIRA, Margarida; CAINELLI, Marlene; OLIVEIRA, Almir (Orgs.). **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal: EDUFRN, 2008.

CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade/ Mário de Souza Chagas**. 2ª ed. Chapecó, SC: Argos, 2015.

CORREA, Lucas Mariani; OLIVEIRA, Eduardo Romero de. História Ferroviária e pesquisa: a consolidação da temática nas pesquisas de pós-graduação no Brasil (1972-2016). **Topoi - Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 140-168, mai./ago., 2018. Disponível em: <www.revistatopoi.org>. Acesso em: 8 ago. 2020.

CUNHA, João Alípio de Oliveira. **Trens nostálgicos: um estudo sobre a interface ferroviária, turismo e nostalgia**. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Turismo, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-Fundação CECIERJ/CEDERJ, 2013.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. **Primaveras Compartilhadas: (re) significando a docência na relação com cidade, memórias e linguagens**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2016.

ESTEBAN, M. Paz S. **Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As Pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 258, ago. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim *et al.* **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **Revista História Oral**, v.9, n. 1, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.51880/ho.v9i1.193>>. Acesso em: 16 set. 2020.

FRANÇA, Cyntia Simioni. **O Canto da Odisseia e as narrativas docentes: dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico-educacional**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas-SP, 2015.

FRAZÃO, Dilva. Gottfried Leibniz: filósofo de matemático. **Portal Ebiografia**, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/gottfried_leibniz/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

GONÇALVES, Janice. Da Educação do Público à Participação Cidadã: Sobre Ações Educativas e Patrimônio Cultural. **Revista Mouseion**. Canoas, Unilasalle, n. 18, dez. 2014. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1860/0>>. Acesso em: 13 out. 2019.

HERGER, Silvana. **Entrevistadora:** Daniela Karine dos Santos Acordi. Estação Cocal- Morro da Fumaça- SC, Brasil, 29 out. 2020.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de educação patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Museu Imperial, 1999.

IPHAN, **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 9 set. 2019.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/>>. Acesso em: 9 set. 2019.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Manual Técnico do Patrimônio Ferroviário.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_tecnico_patrimonio_ferrovuario.pdf>. Acesso em: 9 set. 2019.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Material.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/127/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Material.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/127/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: **Bens do Patrimônio Cultural Ferroviário** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/503/>>. Acesso em: 9 set. 2019.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: **Patrimônio Ferroviário.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

LEWINSKI, Cinara Isolde Koch. O processo de patrimonialização do antigo recinto ferroviário de São Leopoldo pelo Preserve. *In:* VIANNA, Marcelo; SANTOS, Rodrigo Luís; POMATTI, Ângela B.; OLIVEIRA, Luciana; MÜHLEN, Carolina von; SOUZA, José Edimar de. (Orgs.) **VI Ofícios de Clio:** pesquisadores, acervos e espaços de memória. Porto Alegre-RS: 06 e 07 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.institutoivoti.com.br/ensino-superior/arquivos/publicacoes/Anais-VI-Oficios-de-Clio.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O museu e a questão do conhecimento. *In:* GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS, Francisco Régis Lopes (Orgs). **Futuro do Pretérito:** escrita da História e história do Museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ Expressão Gráfica Editora, 2010. p. 13-33.

NASCIMENTO, Dorval do. **As curvas do trem:** A presença da estrada de ferro no sul de Santa Catarina (1880-1975) cidade, modernidade e vida urbana. Florianópolis, UFSC, 2000. Disponível em: <<https://necat.paginas.ufsc.br/files/2011/10/Dorval-do-Nascimento.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

OLIVEIRA, Sil-Lena Ribeiro Calderaro; PAIM, Elison Antonio. Contando outra história da educação popular: interlocução entre o Pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. **Roteiro**, v. 44, n. 1, p. 1–4, 2019. Disponível em: <<https://orcid.org/0000-0002-5287-1460>>. Acesso em: 6 nov. 2020.

PADOIN, Jair Wendhausen. **Entrevistadora**: Daniela Karine dos Santos Acordi. Estação Cocal- Morro da Fumaça- SC, Brasil, 22 out. 2020.

PAIM, Elison Antonio; ARAÚJO, Helena Maria Marques. Memórias outras, patrimônios outros, e decolonialidades: Contribuições teórico-metodológicas para o estudo de história da África e dos afrodescendentes e de história dos Indígenas no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26, n. 92, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.14507/epaa.26.3543>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PAIM, Elison Paim (org.). **Patrimônio Cultural e Escola: entretecendo saberes**. 1ª ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

PEREIRA, Amélia Negro. **Entrevistadora**: Daniela Karine dos Santos Acordi. Estação Cocal- Morro da Fumaça-SC, Brasil, 21 out. 2020.

PEREIRA, Nilton. M.; PAIM, Elison. A. Para pensar o ensino de história e os passados sensíveis: contribuições do pensamento decolonial. **Educação E Filosofia**, v. 32, n. 66, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v32n66a2018-11>>. Acesso em: 19 out. 2020.

PESCADOR, Raiany Ceccone. **Estação Ferroviária**: lugar de memória e significações para a população de Lauro Müller-SC (1885\2014). Criciúma, UNESC, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/3005>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

Portal Brasil Escola. A química do querosene. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

Portal Câmara Medianeira: Disponível em: <<https://www.camaramedianeira.pr.gov.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

Portal FTC: Ferrovia Tereza Cristina. Disponível em: <<http://ftc.com.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

Portal Giovani Cherini. O que é holística. Disponível em: <<http://giovanicherini.com>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

Portal Mapas da Cultura. Museu Histórico de Santa Catarina. Disponível em: <<http://mapas.cultura.gov.br/espaco/6573>>. Acesso em: 20 out. 2020.

Portal Museus do Rio. Museu da Maré. Disponível em: <<https://www.museusdoriorio.com.br/>>. Acesso em: 1 set. 2021.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 14, jan./jun. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233>>. 9 jun. 2020.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

ROCHI, José Hugo de. **Entrevistadora**: Daniela Karine dos Santos Acordi. Estação Cocal-Morro da Fumaça-SC, Brasil, 16 out. 2020.

ROSA, Maria Inês Petrucci et al. Narrativas e Mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, p. 198-217, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/rosa-ramos-correa-junior.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina CES, 2009.

SMIELEVSKI, Dorisalda C. de Roqui. **Entrevistadora**: Daniela Karine dos Santos Acordi. Estação Cocal-Morro da Fumaça-SC, Brasil, 22 out. 2020.

SORATO, Jacks. **Entrevistadora**: Daniela Karine dos Santos Acordi. Estação Cocal-Morro da Fumaça-SC, Brasil, 19 nov. 2020.

SORATO, Otávio. **Entrevistadora**: Daniela Karine dos Santos Acordi. Estação Cocal-Morro da Fumaça-SC, Brasil, 23 out. 2020.

SOUZA, Maria Edia R. de. **Entrevistadora**: Daniela Karine dos Santos Acordi. Estação Cocal-Morro da Fumaça-SC, Brasil, 22 out. 2020.

SOUZA, Técia Goulart de. **Educação para as relações etno-raciais no Centro de Ensino Fundamental Miguel Arcanjo - São Sebastião - Distrito Federal**: diálogos dentro e fora da escola. Dissertação (Mestrado em Ensino de História), Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216017>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação Patrimonial Decolonial: Perspectivas e Entraves nas Práticas de Patrimonialização Federal. **Sillogés**, v.1, n.1, jan. /jul. 2018. Disponível em: <<http://www.historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/12>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação, memórias e identidades. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). **Educação patrimonial**: educação, memórias e identidades. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Superintendência do Iphan na Paraíba. João Pessoa: Iphan, 2013.

TOLENTINO, Átila Bezerra; OLIVEIRA, Emanuel. **Educação patrimonial**: políticas, relações de poder e ações afirmativas. João Pessoa: IPHAN-PB, Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_educacao_patrimonial_05.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

VISANI, Mylene Silva de Pontes. **Construindo visibilidades na cidade de São José/SC**: uma proposta de ensino de História e Patrimônio Cultural dos povos africanos. Dissertação

(Mestrado em Ensino de História). Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <<https://profhistoria.paginas.ufsc.br/files/2019/02/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Mylene-Silva-de-Pontes-Visani.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ZACCARON, Agenir Donato; ROCHI, José Hugo de; SORATO, Rafael; ROCHI, Rangel de. **Estação Cocal: 100 Anos de História**. Morro da Fumaça: Editora Soller Indústria Gráfica Ltda, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – Primeira Indicação feita por José Hugo de Rochi, na Câmara de Vereadores de Morro da Fumaça-SC pedindo o Tombamento da Casa do Agente Ferroviário (ele denomina casa de turma) e a construção de uma réplica da estação ferroviária de Estação Cocal no ano de 2001



ESTADO DE SANTA CATARINA

Câmara Municipal

88 830-000 - MORRO DA FUMAÇA - SC

INDICAÇÃO N.º 040/2001

**EXMO SENHOR
ADEMAR BERTAN
DD. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
NESTA**

O Vereador que a este subscreve, requer à Vossa Excelência que após ouvido o Plenário, que seja enviado ao Chefe do Poder Executivo a seguinte **Indicação:**

- **Que o Prefeito Municipal juntamente com o Secretário de Obras e de Esportes e Turismo intercedam no sentido de viabilizar a possibilidade de ser:**
- **A) Tombada Patrimônio Histórico Municipal a Casa da Turma da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, situada no Distrito de Estação Cocal, localizado neste município;**
- **B) que seja feita e reconstrução da antiga Estação Ferroviária de Estação Cocal;**
- **C) que nas adjacências desta seja feita uma praça publica;**
- **D) que na Casa da Turma da Estrada de Ferro seja implantada uma biblioteca pública;**
- **E) que seja implantada nesta uma secretaria afim de serem oferecidos serviços de confecções de procedimentos policiais e militares;**
- **F) que seja feito desta Casa e da Estação Ferroviária um museu municipal;**
- **G) que seja comercializado nesta Casa produtos de obras de arte, bem como produtos manufatureiros e demais utensilios que tiverem origem de alunos de escolas e/ou entidades semelhantes, como associações, clubes de serviços, entidades não governamentais etc...;**

INDI

JUSTIFICATIVA

Passamos a justificar os itens supra mencionados:

O item A se deve ao fato de que é de grande interesse da comunidade, e em especial daquele distrito, pois a Casa Ferroviária foi, oportunamente responsável pelo desenvolvimento daquela localidade, onde, passados tantos anos após sua desativação, a referida casa encontra-se em péssimas condições, ficando à mercê do abandono e causando uma má impressão para com a história do nosso distrito;

O item B se deve ao fato de que na antiga estação ferroviária, além dos benefícios que trouxera no elencado item acima, também trazia um dístico onde servia para identificação do local bem como dados adicionais sobre a fundação do distrito, onde certamente, não poderíamos deixar de resgatar esta tão valorosa e importante fonte histórica do nosso distrito;

O item C, destinaria-se ao lazer e ao descanso, tanto para as crianças como para os jovens, adultos e idosos, onde servirá de opção de desporto e subitamente, serviria de um local para encontros educativos ou atividades correlatas, fomentando a educação, e a interação da sociedade, bem como proliferando o embelezamento daquele distrito;

O item D se digna para que, oportunamente, com a instalação de uma biblioteca publica nesta, aumentaria expressivamente o fluxo de visitantes naquela, onde alunos, visitantes e demais interessados se utilizariam desta em função de suas atividades e estariam contribuindo com a participação, e em primeiro plano, alcançando o objetivo principal que é o resgate da história e acessoriamente, a divulgação da mesma para que cada vez mais receba visitantes, relevando o nome do nosso distrito a nível Nacional, pois como a Rodovia Genésio Mazzon é um elo de ligação entre planalto e o litoral catarinense, certamente influenciará grande fluxo de movimentação da rodovia e posteriormente em relações econômicas, onde nosso distrito será muito promovido pelos visitantes;

O item E concerne para que, em caráter administrativo e organizacional, atua nesta casa, onde também seria prestados serviços de caráter militar, como por exemplo, alistamento militar, etc... e no âmbito cível, como por exemplo confecção de carteira de identidade etc...onde ofereceria mais conforto aos habitantes daquela localidade, pois hoje, estes serviços supra mencionados são realizados somente no centro deste município;

O item F, solicita-se que seja implantado conseqüentemente nesta casa e nesta estação um museu municipal, para servir de ponto turístico em nosso município, atraindo diversos investimentos relacionados diretamente e indiretamente bem como o gradativo aumento de visitantes em nosso distrito;

INDI

O item G deve-se ao fato de que, com a instalação da referida secretaria, poderia-se comercializar-se nesta produtos oriundos de alunos de escolas municipais e estaduais bem como particulares, onde os valores percebidos pela comercialização destes produtos, seriam revertidos à entidades de serviços sociais do nosso distrito bem como na área de assistência social; Ressalta-se ainda à Vossa Excelência que esta Indicação esta fundamentada sob a luz dos artigos 23º, I, II, III, 30, IX da Constituição Federal e artigos 4º, I, alínea “e”, item 22, 23, 5º, I,III da Lei Orgânica Municipal.

Certo de seu desprendido empenho para tornar concreto esta proposição, antecipo meus agradecimentos em nome da edilidade que me aufere neste Poder.

Sala das Sessões, em 06 de Agosto de 2001.

JOSE HUGO DE ROCHI
Vereador

ANEXO B – Última Indicação feita pelo vereador Jerson Maragno solicitando a reforma da Casa do Agente Ferroviário de Estação Cocal, em 2017



INDI
ESTADO DE SANTA CATARINA
Câmara Municipal de Morro da Fumaça

INDICAÇÃO N.º 0210/2017

EXMO SENHOR
JOSÉ CARLOS BORTOLIN
DD. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
NESTA

O vereador que a este subscrive, requer muito respeitosamente a Vossa Excelência que, após ouvido o Plenário, seja enviado ao Chefe do Poder Executivo a seguinte **Indicação**:

- Que o Prefeito Municipal, juntamente com a Secretária de Educação, através do departamento cultural atinente, intercedam, intrinsecamente, junto ao Diretor Presidente, bem como ao Gerente de Suprimentos e Patrimônio, ambos da Ferrovia Tereza Cristina S.A, sediada na cidade de Tubarão/SC, do imóvel de propriedade da ferrovia, situado no centro do Distrito de Estação Cocal, notadamente onde encontra-se edificada, sobre o mesmo, a base da antiga estação ferroviária e a casa de turma, turístico deste Município, possam realizar os seguintes e respeitáveis projetos naquele local:
- A) Reforma estrutural completa da Casa da Turma da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, situada no Distrito de Estação Cocal, localizado neste município;
- B) Reconstrução da antiga Estação Ferroviária de Estação Cocal, conforme projeto anexo;
- C) Construção de uma praça pública;
- D) Implantação de uma biblioteca pública;
- E) Implantação de uma secretaria, a fim de serem oferecidos serviços de confecções de procedimentos policiais e militares;
- F) Criação de museu municipal;
- G) Comercialização de produtos de obras de arte, bem como produtos manufatureiros e demais utensílios que tiverem origem de alunos de escolas e/ou entidades semelhantes, como associações, clubes de serviços, entidades não governamentais etc...;
- H) instalação de um posto de informações turísticas da nossa região;
- I) Confecção do distico: 'Estação Cocal', notadamente no referido local, utilizando, para tal desiderato, flores ornamentais ou elementos de concreto ou mármore;
- J) Criação da rota turística, intitulada: 'Flores e Vinhos';
- L) Seja utilizado para sediar o Movimento da Paz de Estação Estação, caso haja interesse daquela entidade.

JUSTIFICATIVA

Tal solicitação é de grande valia para impulsionar o setor turístico do nosso Distrito, haja vista o grande potencial que disponibilizamos, além de contarmos com a antiga base da estação ferroviária e casa de turma que funcionava no centro de Estação Cocal, transportando pessoas e nossas riquezas para outras regiões.

Para maiores esclarecimentos, será elaborado competente projeto arquitetônico completo, onde constará todas as benfeitorias que pretendemos realizar naquele local, que atualmente pertence a ferrovia, sendo que a Prefeitura Municipal de Morro da Fumaça será a gestora da administração do referido imóvel, caso seja concedida a concessão de uso ou comodato do mesmo.

A positiva repercussão social, a devida atenção despendida para com a cultura e o turismo fumacense, o impulso sócio-econômico do Distrito de Estação Cocal proporcionado e a plena satisfação da sociedade justificam a medida.

Certo de seu despendido empenho para tomar concreta esta proposição, antecipo meus sinceros agradecimentos em nome da edilidade que me aufero neste Poder.

Sala das Sessões, em 07 de agosto de 2017.

JERSON MARAGNO
Vereador - PP

ANEXO C – Projeto Pedagógico Anual da E.E.B Vitório Búrigo 2019**ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA VITÓRIO BÚRIGO**

Estado de Santa Catarina, Morro da Fumaça – SC
R. Vitório Búrigo, 74 – Distrito de Estação Cocal
(48) -3403-1610

E.E.B
VB
Vitório Búrigo

Projeto Pedagógico 2019**Título: Resgate Cultural Vitório Búrigo****Tema: Sou escola e faço parte desta história.**



ESTADO DE SANTA CATARINA, MORRO DA FUMAÇA.
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA VITÓRIO BÚRIGO

E. E. B
VB
 Vitória Búrigo

IV GINCANA JUNINA VB

“Eu sou escola e faço parte desta história”

A Escola de Educação Vitória Búrigo, em Estação Cocal - MF apresenta sua IV edição da Gincana VB. Com ela pretende-se promover a integração dos estudantes e a comunidade escolar. Segue projeto com suas atividades:

- ❖ **Título:** RESGATE CULTURAL VB
- ❖ **Tema:** Eu sou escola e faço parte desta história .
- ❖ **Subtemas:** Serão elencados subtemas por série com seus regentes.

Justificativa

As gincanas escolares são sempre momentos lúdicos onde é possível exercitar a solidariedade , o espírito de equipe, planejamento e empreendedorismo.

A EEB Vitória Búrigo apresenta sua IV Edição da Gincana VB, tendo como tema: “Educação para Paz. Como eu falo, como eu escuto e como eu reajo as diferenças”. Com ela pretende-se promover a sensibilização e a integração dos estudantes com a comunidade escolar.

Geralmente as brincadeiras de gincanas são feitas nas escolas, mas atualmente muitas entidades estão propondo as atividades para os adultos, em busca de descontrair. Em escolas são utilizadas como recursos para trabalhar determinado tema de maneira mais lúdica e que desperte interesse por parte dos educandos. Nelas os participantes podem testar seus conhecimentos, aprendem sobre si e trabalho em equipe. O mais importante é a socialização do grupo, o respeito mútuo a integração . com a comunidade local.

1. Objetivo geral do projeto Gincana:

Integrar estudantes, professores, pais e comunidade em geral e divulgar esta festividade popular através de brincadeiras reflexivas e cooperativas, oportunizando um momento de alegria na escola trabalhando de maneira agradável e lúdica, despertando maior interesse por parte dos educandos.


2. Objetivos Específicos:

- ✓ Promover a integração entre estudantes, professores, funcionários, pais e comunidade oportunizando a integração da escola, família e comunidade.
- ✓ Desenvolver o espírito participativo como atitude positiva e enriquecedora da formação do cidadão nas questões sociais;
- ✓ Desenvolver aspectos culturais, ecológicos, lúdicos, sociais e comunitários
- ✓ Exercitar o espírito de liderança e motivação.
- ✓ Perceber a importância do trabalho em equipe e a união do mesmo;

(QUINTA - FEIRA) - 12 DE setembro**5ª ETAPA**

TAREFAS	PONTUAÇÃO
GRITO DE GUERRA- Apresentação do Grito de Guerra coreografada que envolva o tema do projeto da sala, com a participação de no mínima 50% da turma.	Tarefa cumprida 500
MASCOTE- Apresentação do mascote, este deverá permanecer fantasiado durante toda a gincana, contendo um crachá com a série e nome (nome escolhido pela sala de acordo com o tema do projeto da turma). Vai apresentar o projeto o mascote ou representantes da turma, este poderá participar das competições, sem que a fantasia seja tirada ou prejudicada.	Tarefa cumprida 500
CARTAZ - Confecção de um cartaz contendo o nome do projeto, a turma e a regente (poderá ser utilizado desenhos, gravuras ou colagens). O mascote apresenta para as outras turmas.	Tarefa cumprida 500
ARRECADAÇÃO- 01 cesta básica de alimentos contendo os seguintes alimentos (01 kg de arroz, 01 kg de feijão, 01 kg de sal, 500g de macarrão 01 litro de óleo de soja, 01 kg de açúcar e 500 g de café). Os alimentos serão doados para famílias carentes e instituições de caridade.	Tarefa cumprida 500
SHOW DE TALENTOS- Cada turma deverá trazer para a gincana alguma apresentação artística (música, dança, poesia) que poderá ser coletivo ou individual.	Tarefa cumprida 500
TAREFA RELAMPAGO - (brincadeiras)	Tarefa cumprida + 100 pontos de dia
PIADA - Uma piada por turma - (em dupla).	Tarefa cumprida 500
QUIS VB (EM DUPLA) - Uma dupla por vez.	Tarefa cumprida 500 + 100 pontos de dia

ANEXO D – Projeto Anual da disciplina de História

	ESTADO DE SANTA CATARINA, MORRO DA FUMAÇA. ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA VITÓRIO BÚRIGO	E. E. B VB Vitório Búrigo
TÍTULO: RESGATE CULTURAL VITÓRIO BÚRIGO TEMA: "SOU ESCOLA E FAÇO PARTE DESTA HISTÓRIA"		
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Disciplina: História ❖ Professor (ores) envolvido (s): Daniela Karine dos Santos Acordi ❖ Turmas: 3001 		
<p>Subtema: Distrito de Estação Cocal: Colonização, Educação, Religião, Cultura, Comunicação, Comércio, Saúde, Economia, Esporte e Política:</p>		
<p>A casa do agente ferroviário de Estação Cocal: memória, educação patrimonial e ensino de História na escola Vitório Búrigo.</p>		
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Justificativa/problematização: A casa do agente ferroviário foi inaugurada junto à estação ferroviária de Estação Cocal em 1922, no trecho da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina que liga Urussanga a Tubarão, no sul do estado de Santa Catarina. Atualmente, o trem leva carvão para termoeletrica Tractebel, empresa da cidade de Capivari de Baixo, fornecedora de energia para a região sul de Santa Catarina. A casa do agente ferroviário encontra-se desativada juntamente com a estação ferroviária desde 1970, quando o trem de passageiros da linha foi desativado. A casa do agente ferroviário encontra-se fechada, mas em bom estado de conservação, promovido pelo Movimento pela Paz, um grupo de colaboradores da comunidade. A estação ferroviária, infelizmente foi derrubada, restando apenas a plataforma em que estava construída. A casa do agente ferroviário fica próxima a Escola de Educação Básica Vitório Búrigo, primeira escola da comunidade. Tanto a casa do agente ferroviário como a estrada de ferro são patrimônios materiais da comunidade de Estação Cocal, mas a comunidade em geral reconhece esses patrimônios? Qual a importância desse patrimônio para a formação e desenvolvimento de Estação Cocal? Quais as relações construídas entre a escola Vitório Búrigo e a casa do agente ferroviário e toda a dinâmica da ferrovia? Qual o significado para os estudantes e funcionário da casa do agente ferroviário, da ferrovia e de o trem passar todos os dias ao lado da escola? ❖ Objetivos: A realização do projeto tem como objetivo promover vivências, pesquisa e (re) conhecimento do patrimônio de natureza material referentes à memória e identidade cultural da comunidade de Estação Cocal, bem como conhecer a história e as memórias da casa do agente ferroviário existente na comunidade. Busca-se promover a possibilidade de ensinar e aprender História onde os estudantes compreendam-se como sujeito da história. Ensinar História por meio do patrimônio cultural contribui para o processo de formação do conceito de identidade, bem como para a valorização da memória e história local, fundamentais para o exercício da cidadania. ❖ Metodologia: Adotaremos como procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica, a pesquisa de campo e a história oral, para sensibilizar os alunos com o tema em estudo. Avaliamos a importância de um projeto educação patrimonial que contribuirá de forma mais significativa para uma maior aproximação da escola com a comunidade, para o (re) conhecimento dos estudantes patrimônio cultural de Estação Cocal. ❖ Avaliação: Análise do Livro: Estação Cocal: 100 anos de História (2004), pesquisa/entrevistas com moradores antigos de Estação Cocal. 		

ANEXO E – Termo de Uso de Imagem de 2019 de estudantes das turmas: 901, 902 e 3001



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
E.E.B VITORIO BURIGO - 14966
 RUA VITORIO BURIGO, 74
 MORRO DA FUMAÇA - Cep 88835000 - MORRO DA FUMAÇA
 Fone (48)34031610 - Email eebvburigo@sed.sc.gov.br

28/06/21 08:50:55
 SISGESC
 Ano Letivo: 2019

Dados Cadastrais do Estudante

IDENTIFICAÇÃO

Nome (s/abreviar): ANDREI TEIXEIRA MROCKOSKI

Saúde

Fator RH: _____ Tipo sanguíneo: _____ Plano de saúde: _____
 Medicamentos de uso contínuo: _____

Restrições/Intolerâncias/Alergias: Sim Não

Intolerância à lactose: Sim Não Intolerância ao glúten: Sim Não Diabetes: Sim Não Hipertensão: Sim Não
 Alergia respiratória/Rinite: Sim Não Alergia à poeira: Sim Não Alergia a ovos: Sim Não Alergia ao chocolate: Sim Não
 Alergia à picada de insetos: Sim Não Alergia a pelos de animais: Sim Não

Outros tipos (Descreva): _____

Grupo de Risco: Não é de grupo de risco da COVID-19.

Faz uso de:

Fralda: Sim Não Sonda: Sim Não Cadeira de Roda: Sim Não Óculos: Sim Não
 Aparelho Auditivo: Sim Não Implante Coclear: Sim Não Aparelho FM: Sim Não Lupa: Sim Não

Outras informações sobre Saúde: _____

Contato de parente ou conhecido

Contato 1: _____
 Endereço: _____
 Bairro: _____ Complemento: _____ Ref.: _____
 Município/UF: - SC CEP: _____
 Fone Res.: () _____ Celular: () _____ Fone Trabalho: () _____
 Contato 2: _____
 E-mail: _____
 Fone Res.: () _____ Celular: () _____ Fone Trabalho: () _____

Informações complementares

Beneficiário BPC? Sim Não Possui Bolsa Família: Sim Não
 Renda Familiar: _____ Autoriza uso de imagem: Sim Não
 Local de trabalho: _____ Fone Trabalho: () _____
 Profissão: _____
 Possui Internet? Sim Não Internet Móvel Possui Micro Computador? Sim Não
 Número de Filhos: 0

Transporte Escolar

Usa Transporte Escolar? Sim Não Distância da casa do estudante até a Escola: 4 KM

Observações:

Observações: _____

Data: 19/02/19

Angélica A. Magalhães
 Pais / Responsáveis

Gislene do Livramento
 ASSESSORA DE DIREÇÃO
 Matrícula 391786-0-01
 Portaria 89 - 14/01/2020
 E.E.B. VITORIO BURIGO
 Diretor de Escola





ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
EEB VITORIO BURIGO - 14966
RUA VITORIO BURIGO, 74
MORRO DA FUMAÇA - Cep.88835000 - MORRO DA FUMAÇA
Fone:(48)34031610 - Email:eevburigo@sed.sc.gov.br

28/06/21 08:52:17
SISGESC
Ano Letivo: 2019

Dados Cadastrais do Estudante

IDENTIFICAÇÃO

Nome (s/abreviar): KAMILY PORTO MONTEIRO

Saúde

Fator RH: _____ Tipo sanguíneo: _____ Plano de saúde: _____
Medicamentos de uso contínuo: _____

Restrições/Intolerâncias/Alergias: Sim Não

Intolerância à lactose: Sim Não Intolerância ao glúten: Sim Não Diabetes: Sim Não Hipertensão: Sim Não

Alergia respiratória/Rinite: Sim Não Alergia à poeira: Sim Não Alergia a ovos: Sim Não Alergia ao chocolate: Sim Não

Alergia à picada de insetos: Sim Não Alergia a pelos de animais: Sim Não

Outros tipos (Descreva): _____

Grupo de Risco: Não é de grupo de risco da COVID-19.

Faz uso de:

Fralda: Sim Não Sonda: Sim Não Cadeira de Roda: Sim Não Óculos: Sim Não

Aparelho Auditivo: Sim Não Implante Coclear: Sim Não Aparelho FM: Sim Não Lupa: Sim Não

Outras informações sobre Saúde: _____

Contato de parente ou conhecido

Contato 1: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Complemento: _____ Ref.: _____
Município/UF: - SC CEP: _____
Fone Res.: () _____ Celular: () _____ Fone Trabalho: () _____
Contato 2: _____
E-mail: _____
Fone Res.: () _____ Celular: () _____ Fone Trabalho: () _____

Informações complementares

Beneficiário BPC? Sim Não Possui Bolsa Família: Sim Não

Renda Familiar: _____ Autoriza uso de imagem: Sim Não

Local de trabalho: _____ Fone Trabalho: () _____

Profissão: _____

Possui Internet? Sim Não Internet Móvel Possui Micro Computador? Sim Não

Número de Filhos: 0

Transporte Escolar

Usa Transporte Escolar? Sim Não Distância da casa do estudante até a Escola: 2 KM

Observações:

Observações: _____

Data: 22/02/19

Kamily Porto
Pais / Responsáveis

Gislene do Livramento
ASSESSORA DE DIREÇÃO
Matrícula 391786-0-01
Portaria 89 - 14/01/2020
E.E.B. VITÓRIO BURIGO

Diretor de Escola



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
EEB VITORIO BURIGO - 14966
RUA VITORIO BURIGO, 74
MORRO DA FUMAÇA - Cep:88835000 - MORRO DA FUMAÇA
Fone:(48)34031610 - Email:eevburigo@sed.sc.gov.br

28/06/21 08:47:50
SISGESC
Ano Letivo: 2019

Dados Cadastrais do Estudante

IDENTIFICAÇÃO

Nome (s/abreviar): MARIA EDUARDA SATURNO OLIVEIRA

Saúde

Fator RH: _____ Tipo sanguíneo: _____ Plano de saúde: _____
 Medicamentos de uso contínuo: _____

Restrições/intolerâncias/Alergias: Sim Não
 Intolerância à lactose: Sim Não Intolerância ao glúten: Sim Não Diabetes: Sim Não Hipertensão: Sim Não
 Alergia respiratória/Rinite: Sim Não Alergia à poeira: Sim Não Alergia a ovos: Sim Não Alergia ao chocolate: Sim Não
 Alergia à picada de insetos: Sim Não Alergia a pelos de animais: Sim Não
 Outros tipos (Descreva): _____

Grupo de Risco: Não é de grupo de risco da COVID-19.

Faz uso de:
 Fralda: Sim Não Sonda: Sim Não Cadeira de Roda: Sim Não Óculos: Sim Não
 Aparelho Auditivo: Sim Não Implante Coclear: Sim Não Aparelho FM: Sim Não Lupa: Sim Não
 Outras informações sobre Saúde: _____

Contato de parente ou conhecido

Contato 1: _____
 Endereço: _____
 Bairro: _____ Complemento: _____ Ref.: _____
 Município/UF: - SC CEP: _____
 Fone Res.: (48)9630-2265 Celular: () Fone Trabalho: ()
 Contato 2: _____
 E-mail: _____
 Fone Res.: () Celular: () Fone Trabalho: ()

Informações complementares

Beneficiário BPC? Sim Não Possui Bolsa Família: Sim Não
 Renda Familiar: _____ Autoriza uso de imagem: Sim Não
 Local de trabalho: _____ Fone Trabalho: ()
 Profissão: _____
 Possui Internet? Sim Não Internet Móvel Possui Micro Computador? Sim Não
 Número de Filhos: 0

Transporte Escolar

Usa Transporte Escolar? Sim Não Distância da casa do estudante até a Escola: _____ KM

Observações:

Observações: _____

Data: 20/07/19

Cláudio T. de Jesus
Pais / Responsáveis

Gislene do Livramento
ASSESSORA DE DIREÇÃO
Matrícula 391786-0-01
Portaria 89 - 14/01/2020
E.E.B. VITORIO BURIGO
Diretor de Escola

**ANEXO F – Autorização à visita ao Museu Ferroviário de Tubarão- SC para as turmas:
901,902 e 3001**

AUTORIZAÇÃO

Eu.....autorizo o/a estudante
.....da turma **901** a participar da **Saída de Estudos** ao Museu Ferroviário de Tubarão- SC. A saída está relacionada ao *projeto*: A casa do agente ferroviário de Estação Cocal: educação patrimonial e ensino de História, na busca da valorização do patrimônio ferroviário e a história local de Estação Cocal, tema do projeto anual na disciplina de História. Saída prevista para as 13h00min horas e retorno para as 16h30min horas no dia 17 de outubro de 2019, na quinta-feira. Os alunos deverão levar lanche para fazermos um piquenique após a visita. Os alunos serão acompanhados pela professora Daniela K.S Acordi.

ASSINATURA DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS:
.....

AUTORIZAÇÃO

Eu.....autorizo o/a estudante
.....da turma **902** a participar da **Saída de Estudos** ao Museu Ferroviário de Tubarão- SC. A saída está relacionada ao *projeto*: A casa do agente ferroviário de Estação Cocal: educação patrimonial e ensino de História, na busca da valorização do patrimônio ferroviário e a história local de Estação Cocal, tema do projeto anual na disciplina de História. Saída prevista para as 13h00min horas e retorno para as 16h30min horas no dia 17 de outubro de 2019, na quinta-feira. Os alunos deverão levar lanche para fazermos um piquenique após a visita. Os alunos serão acompanhados pela professora Daniela K.S Acordi.

ASSINATURA DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS:
.....

AUTORIZAÇÃO

Eu.....autorizo o/a estudante
.....da turma 3001 a participar da Saída de Estudos ao Museu
Ferroviário de Tubarão- SC. A saída está relacionada ao projeto: A casa do agente ferroviário de Estação Cocal:
educação patrimonial e ensino de História, na busca da valorização do patrimônio ferroviário e a história local de
Estação Cocal, tema do projeto anual na disciplina de História. Saída prevista para as 13h00min horas e retorno para
as 16h30min horas no dia 17 de outubro de 2019, na quinta-feira. Os alunos deverão levar lanche para fazermos um
piquenique após a visita. Os alunos serão acompanhados pela professora Daniela K.S Acordi.

ASSINATURA DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS:

.....|

ANEXO G – Comunicado do Passeio de Trem

COMUNICADO

No dia 24 de novembro de 2019, domingo, o Museu Ferroviário de Tubarão estará realizando o **Passeio Turístico de Trem**. O embarque será às 08h00min e saída do trem às 08h30min, da estação ferroviária de Urussanga. Atrações estão previstas, como gaiteiro, serviço de bordo e os personagens Lúcia e Gennaro. O trem passará por Estação Cocal, Morro da Fumaça e termina no Balneário Esplanada, de onde voltará. A previsão de chegada à estação de Urussanga: 11h00min. O valor da passagem é 70,00. Em acordo com a professora Daniela, professora de História aqui, da escola Vitório Búrigo, a administração do Museu Ferroviário, parcelou em duas vezes o valor: 15/10-35,00 e 10/11- 35,00. A iniciativa e o incentivo aos estudantes para realizarem o passeio, está relacionada ao *projeto: A casa do agente ferroviário de Estação Cocal: educação patrimonial e ensino de História*, na busca da valorização do patrimônio ferroviário e a história local de Estação Cocal, tema do projeto anual da disciplina de História. Os estudantes deverão levar lanche ou dinheiro, pois tem uma lanchonete no trem.